

A NECRÓPOLE ROMANA DE GULPILHARES (VILA NOVA DE GAIA)

Maria José Folgado LOBATO

A Necrópole de Gulpilhares, situada no lugar do Alto da Vela, freguesia de Gulpilhares, concelho de Vila Nova de Gaia, distrito do Porto, tornou-se com as escavações nela realizadas em 1908, sob a orientação de José Fortes, uma das estações mais importantes no contexto arqueológico nacional por ser um dos seus mais vastos cemitérios dos tempos da romanização.

O seu conhecimento baseava-se no pequeno estudo sobre ela publicado por José Fortes in *Mea Villa de Gaya*, Gaya no Passado, p. 9-28, com as seguintes características gerais, que sintetizamos:

1. Classificação: necrópole luso-romana de inumação
2. Cronologia: Baixo Império (finais séc. IV / princípios séc. V)
3. Estruturas funerárias: 98 sepulturas de tipologia diversa
4. Mobiliário funerário: 181 vasos, de que exemplifica com gravuras cada grupo e sub-grupo, segundo a sua classificação tipológica, e outros objectos, denunciando indigência e rusticidade.

Um conjunto de circunstâncias favoráveis veio entretanto possibilitar o estudo sistemático desta estação baseado na recuperação do material pertencente ao extinto Museu Municipal de Azuaga e outro existente no Museu do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto e na recuperação documental, nomeadamente, do respectivo relatório e planta das escavações de 1908 e outras referências importantes a ela feitas, tarefa que vimos realizando no âmbito das actividades da Secção de Arqueologia do Gabinete de História e Arqueologia de Vila Nova de Gaia.

Foi efectuado, neste processo, conveniente tratamento laboratorial que, acompanhado da prospecção sistemática do local e escavação arqueológica, proporcionou um importante complemento da investigação em curso, fornecendo novos dados para o aprofundamento do seu estudo.

Atendendo aos resultados conseguidos (Silva 1980, Guimarães 1983), pode afirmar-se que a necrópole de Gulpilhares, considerada por J. Fortes, quer no resumo publicado in *Mea Villa de Gaya* quer no relatório manuscrito das escavações, como sendo luso-romana do Baixo Império, é, na realidade, pelas estruturas sepulcrais e pelo espólio exumado, uma dupla necrópole com horizontes cronológicos e culturais bem distintos, assim especificados:

- a mais antiga é um expressivo documento nortenho de uma necrópole da Idade do Bronze;
- a mais recente, uma necrópole luso-romana, datável genericamente do Baixo Império.

Por razões metodológicas, de acordo com os objectivos da nossa investigação e os programas do Gabinete de História e Arqueologia de Vila Nova de Gaia, entendeu-se mais apropriado circunscrever o nosso trabalho apenas ao estudo da necrópole romana. Da análise possível sobre a organização do espaço funerário, a tipologia das sepulturas, os rituais e oferendas funerárias, enquanto expressões de aculturação sob influência romana, esperamos que venha a resultar um significativo contributo para o conhecimento da romanização da Lusitânia setentrional.

Manifestamos em particular a nossa gratidão ao Ex.^{mo} Senhor Prof. Doutor Rui Centeno pela orientação que nos dispensou no desenvolvimento deste trabalho, que apresentámos como dissertação de Mestrado em Arqueologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, e agradecemos o apoio dado pelo Gabinete de História e Arqueologia, Casa da Cultura e Biblioteca Municipais de Vila Nova de Gaia e pelo Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.

É devida uma palavra de reconhecimento ao Dr. Rui Manuel Barbot Costa, pelo mérito da redescoberta, no ano de 1973, dos materiais relativos às antigas escavações, e ao Dr. Manuel Luís Real pela disponibilização das informações sobre este espólio, que vieram a possibilitar o presente estudo.

1. LOCALIZAÇÃO E CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

Reocupando a área de um antigo cemitério da Idade do Bronze, a necrópole romana de Gulpilhares está implantada numa eminência situada no lugar do Alto da Vela, ou Coteiro da Vela, da freguesia de Gulpilhares, concelho de Vila Nova de Gaia, nas seguintes coordenadas geográficas (Est. I: SCE, 1:25.000, fl. 133):

- Longitude 08° 37' 08"
- Latitude 41° 04' 22"
- Altitude 82 m.

Revelada acidentalmente quando se extraía saibro para a reparação de um caminho em Janeiro de 1908 e se deparou com uma sepultura de paredes de pedra que tinha um frasco de vidro como espólio, o seu achado foi posteriormente confirmado, no mês de Maio, com o aparecimento de mais duas sepulturas, também forradas e cobertas de pedras e com vasos cerâmicos no interior. Tornando-se notícia que se propagou na região, colheu o apoio da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia que, segundo a acta da sessão camarária de 4 de Junho de 1908 (Actas Camarárias, ms, p.175 v.), promoveu a sua escavação sob a orientação de José Fortes.

Escavadas as primeiras seis sepulturas (Est. III) sem acompanhamento, os trabalhos decorreram a seu cargo a partir da sepultura nº 7, sendo acompanhados no terreno por José Fernandes Barbosa, regedor da freguesia, e contou com a colaboração dos proprietários das leiras em que se fraccionava o terreno ocupado pela necrópole, identificados na planta das escavações (Est. III).

Dos seus resultados enviou, em Outubro de 1908, relatório manuscrito à Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, acompanhado de planta à escala 1:200 elaborada pelo arquitecto municipal Marcelino d'Almeida Lucas Júnior.

O espólio foi integrado nas colecções do Museu Municipal Azuaga, inaugurado a 22 de Maio de 1904, e donde constavam já cinco peças congéneres, quatro bilhas e um prato, procedentes do Marco de Canaveses, inventariadas com os números de ordem de 59 a 63 na descrição dos objectos que constituíam o seu núcleo inicial. Outras peças da necrópole de Gulpilhares, referidas neste estudo, terão ficado em posse de José Fortes, dando entrada no Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, por doação da família, após a sua morte.

Perdido o rasto das peças depositadas no Museu Azuaga (v.g., Almeida 1973: 23, n. 84) após a extinção das instalações na rua da Fervença, nº 1, em 1939, a sua recuperação, ainda que com dificuldades, veio possibilitar o seu estudo, após a identificação deste espólio em 1973 no sótão da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia e do relatório manuscrito na Biblioteca Pública Municipal.

Os trabalhos de inventariação, classificação, tratamento, reconstituição, registo, desenho e análise descritiva, posteriormente elaborados pelo Centro de Estudos de Arqueologia de Gaia e continuados no âmbito da Secção de Arqueologia do Gabinete de História e Arqueologia de Vila Nova de Gaia, tentando superar as dificuldades procedentes das vicissitudes por que passou a Colecção Azuaga, foram por nossa parte acompanhados com uma prospecção periódica e sistemática do

local. Estas observações foram complementadas com trabalho de campo que nos forneceu outros elementos necessários para uma análise crítica dos limites e termos das antigas escavações.

É neste contexto que surge a intervenção de emergência de 1979-1980, sob a direcção de Armando Coelho F. Silva (1980), em cuja equipa colaborámos.

O sector de escavação (Est. II, B; V) implantado na zona não degradada da estação, a partir da linha irregular da saibreira entre a necrópole e a nova estrada, que limita o termo das antigas escavações (Est. II, A), revelou, durante a campanha realizada em 1979, uma sepultura de tijolos com material funerário da romanização (Est. V, 1; XXXIV) e em intervenções posteriores, de 1980, uma sepultura antropomórfica, sem espólio, aberta no solo (Est. XXXV, 2).

À margem da programação feita para a escavação arqueológica da área restante, foi realizada em 1987 por Afonso dos Santos Silva, de Serzedo, a terraplanagem da área contígua, propriedade de Dulcínio Luís Soares Barafusta (Est. II, C), onde terá sido referenciada, segundo as informações dos intervenientes, pelo menos mais uma sepultura de tijolo similar à estudada em 1979 e que continha diverso espólio, actualmente depositado, juntamente com o restante espólio da necrópole, no Núcleo de Arqueologia do Solar dos Condes de Resende, e que integramos neste estudo.

Aquém dos antecedentes pré-históricos reconhecidos, a ocupação do território a Sul do Douro, na sua área litoral imediata, está bem testemunhada por uma série de povoados castrejos cuja evidência arqueológica manifesta uma mudança de habitat, certamente ocorrida desde os finais da Idade do Bronze. Denunciando um domínio estratégico do território, a que não terão sido alheias migrações internas de âmbito peninsular, concretamente a dos Turduli Veteres (Silva 1984, 1986a), o seu perfil terá sido profundamente alterado, por objectivos e novas formas, com a presença romana na região, que lhe conferiu o *facies* agro-marítimo que lhe é característico.

Entre os testemunhos já conhecidos desta ocupação (Silva 1994), contamos uma série de necrópoles da romanização que se distribuem ao longo da costa atlântica, uma que se encontra em relação com a pervivência do Castro do Monte Murado em época romana e outro conjunto na confluência do rio Paiva com o Douro, com penetrações para o interior (Fig. 1).

A necrópole do Monte Murado encontra-se na linha da via romana Olisipo-Bracara, entre Lancobriga e Cale; as necrópoles litorais seriam servidas por uma via secundária, junto à costa, cujo traçado se esboçou para Norte do Douro (Almeida 1980); o conjunto interior denuncia a importância das vias fluviais na estratégia romana do domínio territorial.

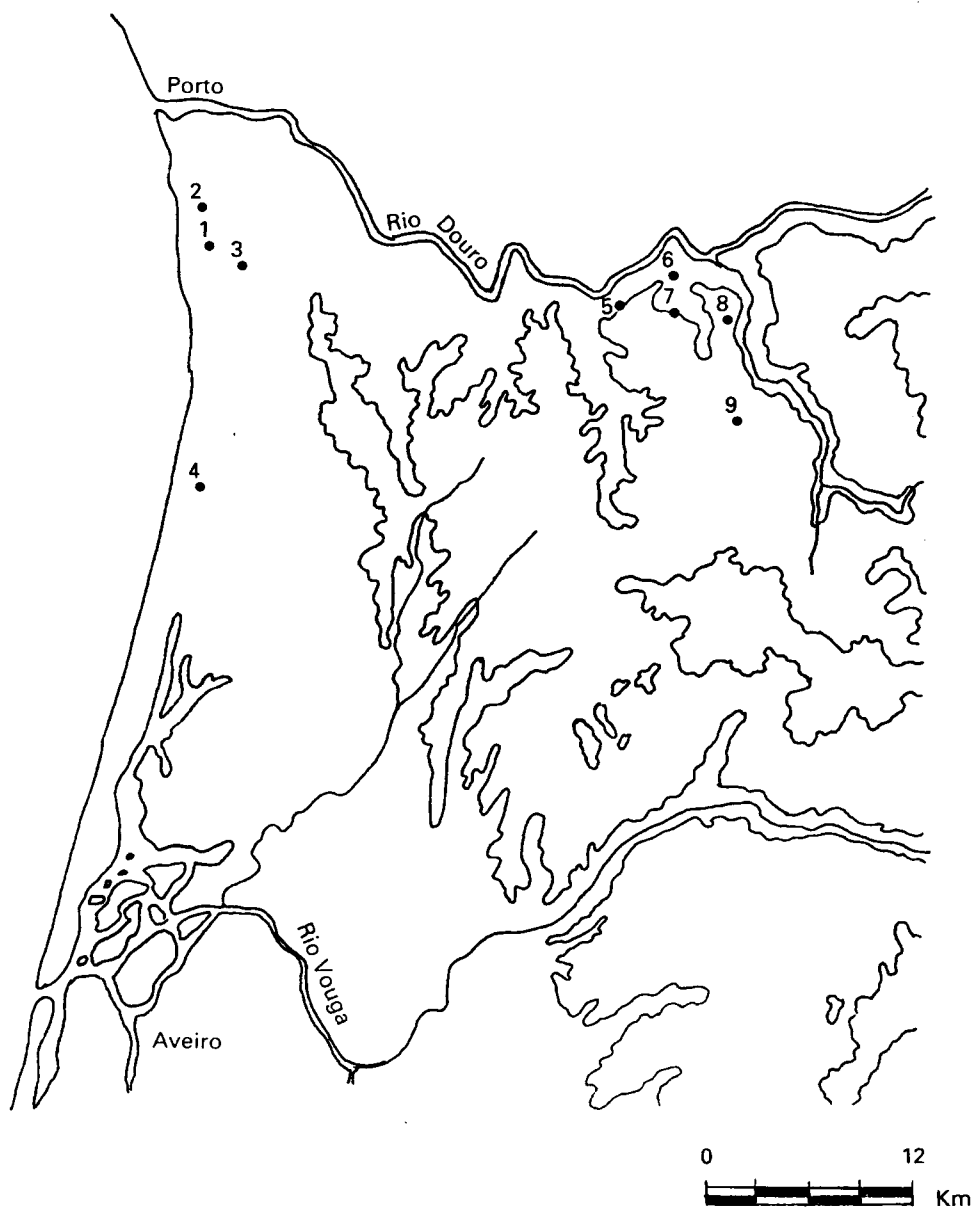
Não foi ainda, porém, descoberto o habitat a que esta necrópole estaria associada. Seja como for, torna-se evidente uma situação comum à dos povos romanizados da Europa ocidental que, assimilando o comportamento dos seus conquistadores, separam o mundo dos vivos do dos mortos.

Com efeito, se for possível generalizar para os costumes funerários dos povos indígenas do Noroeste peninsular o que se conseguiu saber de dois casos testemunhados em estações castrejas de Entre-Douro-e-Minho, concretamente na Cidade de Âncora, Caminha/Viana do Castelo, e na Cidade de Terroso, Póvoa de Varzim (Silva 1986a: 302-303), a implantação deste cemitério manifesta uma profunda ruptura com as práticas funerárias das comunidades pré-romanas. Acomodando-se às disposições da nova ordem, em parte codificadas na Lei das Doze Tábuas que, desde os meados do séc. V a. C., interditava a sepultura no interior dos aglomerados populacionais (Cícero, *De legibus*, II, 23), terão abandonado, em definitivo, as relações de convivência entre vivos e mortos no interior do núcleo familiar.

Como a maioria dos cemitérios rurais, é provável que esta necrópole estivesse relacionada com um habitat de função agrícola, conforme parece deduzir-se do enquadramento geográfico e da própria indicação sugerida pelo topónimo de Vila da Telha, recentemente mudado para Vila Nova da Telha, identificado nas imediações (Est II), a reclamar um programa de prospecção na zona.

Parece mesmo natural a sua existência como mais um núcleo da rede de ocupação sistemática do litoral, já bem reconhecida, a Norte do Douro até ao Minho, em Lavra, Matosinhos, em Caxinas, Vila do Conde, no Alto de Martim Vaz e Vila Mendo/Estela, na Póvoa de Varzim, e nas Baganheiras, Afife, Viana do Castelo (Silva 1995: 93).

As actividades marítimas documentadas em associação com este sítios, designadamente, a pesca, a salga de peixe e a salinicultura talvez permitam supor a vocação agro-marítima da instalação dessa comunidade de Gulpilhares.



Necrópoles romanas do litoral entre Douro e Vouga

1. Alto da Vela, Gulpilhares, Vila Nova de Gaia
2. Sameiro, Valadares, Vila Nova de Gaia
3. Monte Murado, Pedroso, Vila Nova de Gaia
4. Chão do Grito, Esmoriz, Ovar
5. Folgoso/Picoto, Raiva, Castelo da Paiva
6. Valbeirô, Santa Maria de Sardoura, Castelo de Paiva
7. Campo da Torre, Santa Maria de Sardoura, Castelo de Paiva
8. Cruz da Carreira, Sobrado, Castelo de Paiva
9. Alvariça, Espiunca, Arouca

2. ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO FUNERÁRIO

As nossas observações sobre a necrópole de Gulpilhares revelam uma organização do espaço, cuja concepção não difere, quanto ao essencial, das necrópoles conhecidas na região e noutras partes do Império.

Segundo as indicações relativas às antigas escavações (Fortes 1908a; Est. III), as sepulturas encontravam-se dispersas por uma área de cerca de 1700 m², podendo repartir-se por cinco grupos atendendo à orientação do seu eixo maior, conforme se pode deduzir da análise da planta das escavações.

Acantonados na zona Norte da necrópole, identificam-se dois grupos:

O grupo A é constituído por um núcleo de dez sepulturas (A1-A10) e mais uma afastada do conjunto (A11), orientadas na direcção ONO - ESE. Este alinhamento é também seguido pela sepultura A12(77), que está situada no extremo meridional junto ao caminho. A natureza do espólio exumado, constituído por um vaso de fabrico manual com decoração de mamilos, da Idade do Bronze, aconselha, porém, a sua exclusão deste grupo.

Na sequência deste conjunto, para Sul, encontra-se o grupo B, formado por dezassete sepulturas (B1-B17) orientadas na direcção OSO - ENE, alinhamento que também é seguido pela sepultura B18(70), isolada na área meridional da necrópole.

O grupo C, com cerca de seis dezenas de sepulturas (C1-C60), que ocupa a maior parte da área da necrópole, está alinhado na direcção NNO - SSE, formando o grupo melhor representado. A sepultura C59(78), situada na extremidade Sul da necrópole, não deverá ser incluída neste grupo, uma vez que o espólio exumado, constando de dois vasos de fabrico manual da Idade do Bronze, indicará a sua pertença a uma primitiva necrópole pré-histórica.

Dois outros grupos, de menor representatividade, um formado por cinco sepulturas (D1-D5) com orientação SSO - NNE, e outro por três sepulturas (E1-E3) com orientação E - O, encontram-se dispersas pelo conjunto C, de maior expressão na necrópole. A sepultura D4(19), onde terá aparecido um vaso de fabrico manual, poderá considerar-se outro caso de pertença à necrópole da Idade do Bronze.

Na zona média da necrópole, uma fossa quadrangular, cheia de terra e sem espólio, foi interpretada por José Fortes como sendo destinada a vala comum de inumação.

Correspondendo à generalidade das situações analisadas, em que se verifica normalmente que as medidas *in fronte* são superiores às medidas *in agro*, seguramente para facilitar o acesso ao *locus sepulturae*, para tratar das campas e das cerimónias fúnebres, e valorizando a via, a fim de atrair a atenção dos transeuntes, esta necrópole alonga-se por mais de 80 m pela margem Norte do caminho onde está implantada.

Apesar de se tratar de um caso excepcional de uma escavação sistemática *in extenso*, que teve lugar no princípio do século, veio a verificar-se, com as intervenções posteriores (Est. II, B e C; V), que as suas dimensões excedem a área escavada, não se conhecendo, ainda hoje, com rigor a superfície ocupada.

De qualquer forma, a sua área era superior a 1700 m², fazendo com que seja considerada entre as de dimensões superiores à superfície *standard*, reconhecida na Hispania, compreendida entre 100/300 p.c. ($\pm 9/27$ m²), podendo mesmo incluir-se entre as de dimensão excepcional superior a 10.000 p.c. (Rodríguez 1991: 77).

Sendo embora em número reduzido os dados a respeito da aparência exterior das sepulturas, o conjunto dos elementos recolhidos, pela cartografia e no terreno, permite supor uma estrutura superficial relativamente complexa, com um lugar para sepultura colectiva, diversos conjuntos de sepulturas de inumação individual e caminhos para circulação dos *fossore*s e dos parentes dos defuntos.

Não se conhece qualquer monumento funerário, tipo estela ou congénere, cuja presença efectiva ou simbólica, assegurasse protecção à sepultura e repouso do defunto, sendo de presumir ter havido qualquer sinal exterior indicativo.

Poderá deduzir-se, porém, dos relatos da escavação que cada sepultura e o seu espólio se terá mantido sob protecção das intempéries, dos descuidos dos *fossore*s e da frequência por ocasião das festas consagradas do *dies natalis* e dos *dies parentales*, em que parentes e amigos vinham sacrificar aos Manes do defunto (Toynbee 1971: 63-64).

II - Sepulturas com a seguinte modificação ao tipo anterior: a colocação de uma tegula no lastro, para o lado da cabeceira, a resguardar piedosamente a cabeça do inumado contra o contacto directo da terra.

III - Sepulturas, cujo pavimento se forrou inteiramente com *tegulae* invertidas, a dar um lastro bem nivelado.

IV - Sepulturas, em que não só o lastro, mas também as paredes são constituídas por *tegulae*, aqui cravadas de cutelo aos lados do coval previamente escavado. As tampas seriam igualmente de *tegulae*.

V - Sepulturas de *tegulae* dispostas de um modo particularmente curioso. Aberta uma funda vala da largura de 80 cm e o comprimento de mais de dois metros, nivelou-se-lhe cuidadosamente o fundo, na profundidade de 1,30 m, em que se assentaram *tegulae*, completas ou incompletas, na extensão de 1,60 m, para forrar o pavimento da sepultura. De cada lado dispuseram-se outras telhas, mas inclinadas para dentro de modo a toparem superiormente entre si. Resultou um prisma triangular; o vão tinha a altura de 45 a 50 cm e a largura interna, na base, de 50 a 55 cm. Por fora, e com o fim de manter em equilíbrio esta espécie de cume, acunharam-se as *tegulae* com pedras e pedaços de tijolos. As duas extremidades, enfim, tamparam-se igualmente de telhas. Este tipo é bem romano [Est. XXXV, 1; desenho de J. Fortes (1908a)].

VI - Sepultura irregularmente trapezoidal, com o pavimento às vezes forrado de telhas e tijolos e as paredes construídas de pequenas pedras de granito; sem tampas. Encontraram-se três exemplares; são os seguintes números 7, 87 e 94 do inventário.

VII - Sepulturas rectangulares todas construídas de pedras pequenas - pavimento, paredes e tampas; às vezes estas últimas são substituídas por *tegulae* e os pavimentos nus. As juntas das pedras são tomadas com barro.

VIII - Sepulturas rectangulares: pavimento forrado de telhas, paredes de pedras, mas internamente forradas de tijolos; capas de pedras. É o tipo mais cuidado".

Com a reconsideração destes dados mais os resultados da campanha de escavações de 1979/80, optou-se pela elaboração de uma tipologia que fundamentalmente apresenta uma grande homogeneidade de sepulturas muito simples, em cova aberta no solo, presente em 83% do conjunto da necrópole, e uma diversidade repartida por situações singulares ou em quantidades reduzidas, como segue:

Tipo I - Sepulturas de planta rectangular, abertas no solo natural, com diversas variantes:

Tipo IA - Sepulturas de planta rectangular, apenas abertas no solo natural. Constitui o tipo maioritário documentado em 83 sepulturas das antigas escavações. Segundo o relatório manuscrito, não se torna possível perceber se esta categoria não encobrirá realidades diferentes apesar de J. Fortes distinguir outras sepulturas afins apenas com base em certos pormenores. Com efeito, pelo teor do trabalho de arqueologia de campo realizado, não é seguro que nestas "campas de terra", como simplificada são designadas, não se possa questionar a presença eventual de um revestimento de madeira, conforme se observou em situações congéneres (v.g., Pouyé et alii 1994: 57).

Tipo IB - Sepulturas de planta rectangular, com utilização de uma tegula no pavimento, à cabeceira. Esta modalidade está somente representada na sepultura B1(14), devendo a aplicação da tegula, como diz J. Fortes, destinar-se a evitar o contacto directo do inumado com a terra.

Tipo IC - Sepulturas de planta rectangular com pavimento todo forrado de tegula. Pertence a este tipo a sepultura A10(13), que mostrava um lastro bem nivelado, formado por justaposição de telhas invertidas.

Tipo ID - Sepulturas de planta rectangular com pavimento e paredes revestidos de *tegulae*, este tipo foi identificado nas sepulturas E1(18) e D2(62). Segundo o relatório manuscrito, "as tampas seriam igualmente de *tegulae*".

Tipo IE - Sepulturas de planta rectangular com paredes de pequenas pedras, ora com pavimento e tampas também de pedra, ora sem pavimento e com cobertura de *tegula*. Foi usada argamassa na calafetagem das pedras. Pertencem a este tipo as sepulturas B16(5) e B17(6), que aparecem juntas no mesmo grupo, contíguas ao caminho, e a C60(79) e B5(86) dispersas pelo conjunto da necrópole.

Tipo IF - Sepulturas de planta rectangular com paredes de pedras internamente forradas a tijolo, pavimento de *tegulae* e cobertura com capas de pedra. Segundo J. Fortes, representa o tipo de construção mais cuidada e foi referenciado unicamente na sepultura A8 (88).

Permanecendo na fidelidade imemorial como *locus religiosus* desde os tempos finais da Pré-história, as sobreposições ocorridas, durante a época romana, e que confundiram a leitura cronológica e a interpretação dos dados, não poderão, de modo algum, entender-se como resultado de ignorância, desmazelo ou como uma espécie de profanação e muito menos sinal de destruição.

A implantação desordenada, por vezes quase anárquica, das sepulturas em numerosos cemitérios da Itália ou das províncias do Império (Galliou 1989: 34) parece confirmar a hipótese de J. M. C. Toynbee, segundo a qual "os alinhamentos de vários grupos de sepulturas num cemitério são por vezes tão díspares uns dos outros que só se poderá deduzir a ausência de controle público sobre o crescimento dos cemitérios e de qualquer espécie de planificação" (Toynbee 1971: 74). A desordem aparente destas necrópoles atribuir-se-ia, assim, ao facto de se tratar de terrenos privados.

Essa explicação, que não exclui a existência de muitos cemitérios organizados segundo um plano, parece aplicar-se perfeitamente à necrópole de Gulpilhares.

A observação de loteamentos colectivos de tumulação individualizada que, em certos casos, parece bem estabelecida em razão da existência de colégios funerários ou momentos de perturbação social, poderá, nesta situação, radicar o seu traçado na ordem familiar e social do mundo lusoromano. Os agrupamentos verificados nesta necrópole testemunhariam, neste caso, a perenidade do culto dos antepassados e, por essa via, da família, cuja origem longínqua se procura encontrar num fundo cultural indo-europeu (Hatt 1951: 73,75).

3. SEPULTURAS E RITUAIS DE ENTERRAMENTO

Na necrópole de Gulpilhares parece manifesta a prática exclusiva do ritual de inumação, que veio substituir a incineração, documentada, com anterioridade, na necrópole de Valadares, situada nas imediações, e noutras necrópoles da região (v.g., Corrêa 1924: 292, Est. XIX; Correia 1928: 260-261; Dias 1993-1994).

Ter-se-á retomado, assim, uma prática conhecida durante a Pré-história até à imposição do rito de cremação, difundido por diversas correntes culturais e étnicas desde o Bronze Final, tornando-se preferência tradicional dos costumes funerários proto-históricos.

Observa-se, de resto, a sequência do processo evolutivo verificado nas diversas províncias do Império romano (Actes du colloque 1991: 248). Raramente praticada durante o Alto Império, época em que a incineração é maioritária e muitas vezes quase exclusiva, a sua prática começa a ter um desenvolvimento importante nos finais do século II, para se generalizar durante o século III e se tornar regra pouco tempo depois.

Entre as diversas teorias avançadas para explicar esta (r)evolução, umas invocam razões sociais, como a influência das elites, v.g., o exemplo dos imperadores a partir de Antonino; outras aduzem motivos de ordem económica, como a falta de madeira relacionada com a desflorestação crescente; outras ainda fundamentam-se em argumentos religiosos e doutrinas filosóficas, como as religiões greco-orientais, o pitagorismo, o estoicismo, o judaísmo e, em particular, o cristianismo, ou de natureza sociológica, como as tradições gentílicas.

A complexidade dos dados e das interpretações impede, porém, que se privilegie uma única explicação. Podendo todas elas ter agido diferentemente, segundo as épocas e os lugares, terá sido porventura a sua convergência que acabou por fazer a generalização do rito de inumação, de que o cristianismo terá assegurado a perenidade.

As características gerais das inumações observadas na escavação de Gulpilhares, em que se nota ausência de rigor na orientação das sepulturas, pequena profundidade de enterramento e dimensões reduzidas, estão em conformidade com os padrões habituais que permitem distinguir as inumações do Baixo Império (Actes du colloque 1991: 211).

Idêntica referência para a parcimónia e natureza do espólio, quando se verifica que a generalidade das sepulturas sem mobiliário são datáveis dos finais do século IV e do século V, testemunhando o abandono progressivo do rito de deposição de objectos talvez sob influência cristã.

No seu relatório manuscrito, José Fortes distingue oito tipos de sepulturas que esquematiza da seguinte forma:

"I - Campas em terra rectangulares, apenas cortadas no solo, sem outra obra complementar ou mais trabalho do fissor. As dimensões variam, adaptando-se às do despojo humano que iam abrigar. É o tipo de maior frequência - o do proletariado.

Tipo II - Sepultura de planta rectangular constituída por *tegulae* no pavimento e nas paredes, dispostas em prisma triangular (Est. XXXV, 1).

Este tipo de sepultura, bem conhecido no mundo romano sobretudo característico da Antiguidade tardia (v.g., Gagnière 1965; Toynbee 1971: 101-102, Pl. 24, Pouyé et alii: 1994) está representado na sepultura C6(49) que mereceu particular atenção durante os trabalhos de campo, conforme se pode observar pelas anteriores referências de J. Fortes e pela expressão que toma na planta da escavação (Est. III). A estrutura foi construída no interior de uma fossa rectangular escavada no solo com pavimento forrado por quatro *tegulae*, em que se terá porventura depositado, a crer em paralelos bem reconhecidos arqueologicamente, um ataúde de madeira (v.g., González 1994: 112). Posteriormente, foi coberta com quatro *tegulae* num dos lados e cinco no outro, dispostas em dupla vertente, mais outras duas verticais nos extremos, uma aos pés e outra à cabeceira. Não há referências a qualquer união na parte superior com imbrices nem a qualquer espécie de protecção.

Tipo III - Sepulturas de planta trapezoidal irregular, com duas variantes:

Tipo IIIA - Sepulturas de planta trapezoidal irregular com paredes de pequenas pedras de granito, por vezes com pavimento forrado de telha e tijolo e sem tampas, segundo a descrição de J. Fortes. Pertencem a este tipo as sepulturas C11(7), A4(94) e A6(87), aparecendo as duas últimas aproximadas dentro do mesmo grupo.

Tipo IIIB - Sepultura de planta trapezoidal irregular com paredes de tijolo. O único exemplar desta tipologia foi identificado nas escavações de 1979 (Est. XXXIV; Silva 1980), sendo a sepultura aberta no balastro, sem pavimento construído, as paredes laterais formadas por quatro tijolos rectangulares colocados de cutelo, mais dois nas extremidades, com irregularidades no topo Sul e colocados em V no outro topo. Duas *tegulae* protegiam certamente a cabeça do inumado que teria sido depositado com os pés voltados para NNO, onde tinha como espólio uma cântara (nº 83, Est. XXII, XXXVIII), uma cantarinha (nº 70, Est. XX) e um prato (nº 5, Est. VI).

Tipo IV - Sepultura antropomórfica. Na campanha de escavações de 1980 (Est. XXXV, 2; Silva 1980) foi descoberta uma sepultura aberta no balastro até 0,30 m de profundidade, com 1,75 m de comprimento por 0,50 de largura máxima, de configuração antropomórfica, com estrangulamento na zona de localização do colo do cadáver, com 0,25 m de largura, cabeceira ovalada e estreitamento para o lado dos pés. A parte superior da periferia estava orlada com seixos rolados e algumas pequenas pedras, similar a paralelos conhecidos na Finisterra francesa, de cronologia tardia (Galliou 1989: 59-60).

Este tipo de sepulturas, que se documenta em diversas zonas do Império principalmente na segunda metade do século V (Raynaud 1987: 126-127; Pouyé et alii 1994: 74) e ausência de espólio poderão indicar uma situação característica das primeiras formas de enterramento cristão, ainda que não apresente rigor na orientação normal nestas circunstâncias por ser, neste caso, SE - NO e não E - O.

Não se retirem, porém, deste argumento, conclusões peremptórias. Com efeito, a deposição do corpo com a cabeça voltada para o sol nascente com o defunto em posição de oração, preparado para se apresentar ao juiz soberano que aparecerá vindo do Oriente, talvez venha do tempo de Constantino em que o culto cristão se sobrepõe a crenças pagãs, visível nas representações iconográficas de Jesus Cristo assimilado a Hélios montado no carro solar.

Esta prática, porém, não se terá tornado regra muito antes da Idade Média, sob a pressão de um pensamento normativo, como o que aparece transcrito no cap. 159 do *Rationale divinatorum officiorum*, datado de cerca de 1160, em que se impõe que "os mortos sejam sepultados com a cabeça a Ocidente e os pés a Oriente".

A mudança de direcção das sepulturas que, em certo número de casos, se observa realmente no Baixo Império, como também se comprova em Gulpilhares, poderá, assim, estar longe de se dever apenas à influência cristã (Young 1977: 19-20).

Seja como for, este exemplar é expressão de mudança e testemunho da amplitude cronológica desta necrópole até aos fins do Mundo Antigo e os começos da Idade Média. Pelas referências conhecidas, parece tratar-se da primeira identificação deste tipo de enterramento, que se vai consagrar em sepulturas rupestres e sarcófagos medievais (Barroca 1987).

A crer em paralelos melhor documentados por vestígios arqueológicos e antropológicos (Cfr., v.g., Galliou 1989: 54) parece que na grande maioria das sepulturas o defunto tenha sido colocado em posição de repouso, deitado de costas, com os braços ao longo do corpo, cruzados sobre o

peito ou então com as mãos juntas sobre a bacia. A colocação de um tijolo debaixo da cabeça, como se fosse uma travesseira, por vezes mencionado e também registado no tipo nº II de J. Fortes (1908a), parece acentuar a semelhança entre esta posição e a do sono.

Pelo que podemos supor, os defuntos eram inumados vestidos e por vezes mesmo com as mais belas vestimentas, estando raramente testemunhado o envolvimento numa mortalha.

Antes da sepultura ser fechada, isolando para sempre o defunto, poderia haver lugar para cerimónias fúnebres, em que se acendia fogo ritual eventualmente para preparar a refeição funerária ou para a purificação da sepultura antes da deposição do cadáver. Não é inverosímil, como sublinha A. Van Doorselaer (1967: 132, n. 5), que se trate de uma tradição perene de origem pré-romana, com fundamento na incineração.

Sem vestígios osteológicos, que não resistiram à acidez do terreno, ainda que com parcimónia, ficou documentada a existência de diversos achados metálicos de ferro e de bronze, constantes do inventário manuscrito, que se consideram entre os objectos de ornamento pessoal dos defuntos ou de utilização cerimonial no enterramento.

Na relação deste espólio, cuja modéstia já é reconhecida pelo seu descobridor, são mencionados, como adereços pessoais, um fragmento de alfinete de bronze, um par de pulseiras, uma argola e contas de colar de vidro.

O alfinete era de cabeça esferoidal, muito pequena, com diâm. de 6,5 mm, sem molduras nem outras decorações, e de haste cilíndrica, lisa, fracturada, podendo entender-se como ornamento feminino.

As pulseiras ou manilhas eram constituídas por dois aros de ferro, com as extremidades achatadas, perfurados por um orifício central e sobrepostas uma à outra, tendo, respectivamente, 70 e 75 mm de diâm. interno e 175 e 155 gr. de peso.

A argola, do mesmo metal, era de reduzidas dimensões, com 31 mm de diâm. interno e 34 gr. de peso

Nesta série, sobressaem numerosas contas de vidro, azuis, verdes, amarelas e oculadas, em geral, de reduzidas dimensões, tendo a de maior calibre 10 mm de diâmetro. Uma conta oculada, de vidro azul escuro, ornada com círculos brancos, com 9 mm por 6 mm, de tradição pré-romana, apareceu na sepultura C3(98), tendo sido encontradas 28 contas na sepultura A1(96), que compunham certamente um colar.

Entre os objectos utilitários, alguns deles indicadores de caracterização e estatuto pessoal, é referido o achado de um punhal, uma serra, protectores de calçado e outros fragmentos indeterminados de ferro.

De presumível atribuição de carácter militar, é de salientar o achado de um punhal, em estado de degradação, mas em que ainda era possível reconhecer vestígios da bainha constituída por duas placas laterais de madeira, unidas por guarnições de bronze. A folha, de um só gume, recta no dorso, encurvada no fio e aguçada na ponta, tinha cerca de 130 mm de comprimento e 36 mm de largura máxima; o espigão do cabo, que ficava no prolongamento do dorso da lâmina, era revestido de madeira.

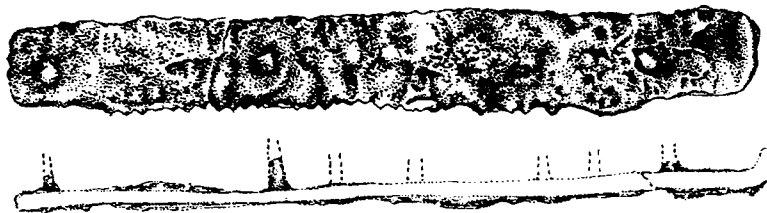


Fig. 2 1:2

O aparecimento de uma lâmina de ferro, depositada no Museu do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto (Fig. 2), subrectangular, com 189 mm de comprimento por 20/26 mm de largura e 5 mm de espessura, denticulada num dos lados maiores, sugeriu a relação com a actividade profissional do defunto. A existência, porém, de uma série de rebites, três dos quais ainda visíveis, na sua zona média, que estariam cravados numa peça de madeira, questiona a sua interpretação como uma *serrula* no quadro dos instrumentos artesanais, a menos que se trate de uma reutilização.

Um conjunto de pregos e lâminas de ferro, referenciados numa sepultura não identificada, foram interpretados por J. Fortes como sendo *clavi caligares*, protectores de calçado, podendo, porém, relacionar-se como elementos denunciadores do processo de tumulação em caixão. Com efeito, além destes, se refere que em quase todas as sepulturas foram encontrados pregos de várias dimensões, alguns de considerável tamanho, de secção circular e quadrada, e com muitas pontas dobradas em ângulo recto, como tendo sido rebatidas sobre madeira, de que foram encontrados vestígios.

Não tendo sido possível identificar qualquer destes objectos, que julgamos terem desaparecido como resultado de corrosão natural, o único espécime seguramente reconhecido consiste na lâmina de ferro anteriormente descrita.

De resto, considerando a historiografia do legado destas peças ao Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências, em conjunto com as procedentes de outras escavações promovidas pelo mesmo investigador, torna-se séria dificuldade discriminar, no estado actual do seu depósito e respectivo registo, as pertenças desta necrópole. Seja como for, é evidente o equívoco, já anteriormente observado (Almeida 1972), que por vezes foi estabelecido na atribuição indevida de materiais reconhecidamente procedentes da Cidade de Terroso (Póvoa de Varzim), como sendo espólio da necrópole de Gulpilhares (Cfr. Corrêa 1924: 254-255, Est. XV; Pinto 1932; Brandão 1963: 50, Fig. 5).

4. OFERENDAS FUNERÁRIAS

O material recolhido na necrópole de Gulpilhares é sobretudo constituído por um importante conjunto cerâmico, algumas peças metálicas, incluindo moedas, e objectos diversos.

Além dos adornos pessoais ou de peças de utilização cerimonial no enterramento, abundante material cerâmico, quantitativa e qualitativamente representativo do espólio funerário desta necrópole tardo-romana, assim como os numismas e os objectos de vidro e sílex encontrados interpretam-se como oferendas funerárias.

A sua ausência em cerca de 42% dos casos registados caracterizará, conforme anteriormente referido, o abandono progressivo do rito de deposição de objectos, porventura já sob influência cristã, não se denotando, por isso, ser sinónimo de pobreza, podendo a sua presença em número variável de objectos, geralmente em quantidades reduzidas, ser eventualmente mais significativa em razão da funcionalidade ritual das peças do que como tradução de qualquer forma de estatuto. Com efeito, era sentimento bem romano que a morte igualava ricos e pobres, apagando as diferenças sociais, podendo a ausência ou a abundância de mobiliário das sepulturas explicar-se por diversas razões sem que tenha muito a ver com considerações puramente materiais.

A observação do teor das oferendas por sepultura e a análise pormenorizada das diversas categorias entende-se de utilidade para a compreensão de formas de economia e sociologia da morte, em prática na região, durante o Baixo Império romano.

* Sepultura A1(96)

Tipo IA. Espólio: três vasos e 28 contas de vidro, não identificados.

Sepultura A2(92)

Tipo IA. Espólio : três peças de cerâmica, não identificadas.

Sepultura A3(93)

Tipo IA. Espólio: uma tigela (nº 42, Est.XIII).

Sepultura A4(94)

Tipo III A, com as seguintes dimensões: comprimento 1,32 m, largura (cabeceira) 0,44 e profundidade 0,25 m. Ausência de espólio.

Sepultura A5(91)

Tipo IA. Espólio: quatro vasos, não identificados, segundo as referências do relatório manuscrito, onde se observa tratar-se, certamente pelas dimensões, de um enterramento infantil.

* As sepulturas têm número de série segundo o grupo a que pertencem, colocando-se entre parêntesis a numeração de J. Fortes (1908a) constante da planta das antigas escavações.

A NECRÓPOLE ROMANA DE GULPILHARES

Sepultura A6(87)

Tipo III A, com paredes de pedra e sem pavimento nem tampas, com as seguintes dimensões: comprimento 1,04 m, largura (cabeceira) 0,25 e (pés) 0,20 m. Ausência de espólio.

Sepultura A7(90)

Tipo IA. Espólio: cinco vasos, entre eles uma *ampulla* com 243 mm de altura e uma tigela (nº 41, Est. XIII).

Sepultura A8(88)

Tipo IF. Espólio: uma tigela (nº 38, Est. XII).

Sepultura A9(89)

Tipo IA, com 1.70 m de comprimento. Espólio: cinco vasos, entre eles uma *olla* pintada com raias e pontos, uma *lagoena* de barro vermelho vinoso com altura 158 mm, uma *oinochoe* de barro vermelho escuro com altura 228 mm, uma *ampulla* de altura 187 mm e um prato, de lábios encurvados para o interior, identificado (nº 20, Est. VIII).

Sepultura A10(13)

Tipo IC. Ausência de espólio.

Sepultura A11(46)

Tipo IA. Ausência de espólio.

Sepultura A12(77)

Tipo IA. Espólio: Um vaso de fabrico manual decorado com mamilos, que parece indicar que estas sepulturas pertenciam à necrópole primitiva da Idade do Bronze.

Sepultura B1(14)

Tipo IB. Espólio: Uma bilha (nº 102, Est. XXVII) e dois pratos (nº 6, Est. VI; nº 8, Est. VII), um dos quais estava colocado à cabeceira da sepultura.

Sepultura B2(15)

Tipo IA. Ausência de espólio.

Sepultura B3(16)

Tipo IA. Ausência de espólio.

Sepultura B4(17)

Tipo IA. Ausência de espólio.

Sepultura B5(86)

Tipo IE, sem pavimento e com cobertura de *tegulae*. Ausência de espólio.

Sepultura B6(12)

Tipo IA. Espólio: uma *lagoena* de barro vermelho, asa angular, fundo raso, vestígios de negro de fumo, alt. 216 mm, diâm. bordo 70 mm, e fragmentos de outros vasos não identificados.

Sepultura B7(11)

Tipo IA. Espólio: uma *ampulla* globular, asa trífida com botão em cima, muito corroído, fundo raso, quatro filetes cor de chocolate no bojo e no colo sulcos verticais, feitos com seixo; todo o vaso devia ser pintado a vermelho, alt. 190 mm, e fragmento de um "prato de barro finíssimo, dum vermelho vivo e excelente fabrico, com círculos incusos no fundo interno" [frag. *sigillata*] (Fortes 1908a).

Sepultura B8(10)

Tipo IA. Ausência de espólio.

Sepultura B9(9)

Tipo IA. Espólio: uma lucerna (nº 116; Est. XXXIII) e fragmentos de um vaso campanular com alt. 101 mm e diâm. bordo 57 mm.

Sepultura B10(8)

Tipo IA. Espólio: uma *ampulla* globular, barro vermelho escuro, asa lisa, sem botão, fundo raso, pequeno pé, alt. 249 mm, perdida, mais um pequeno prato e um copo campânular identificado (nº 62, Est. XIX).

Sepultura B11(7)

Tipo IIIA, com as seguintes dimensões: comprimento 1,83 m; largura na cabeceira 0,45 m, na zona média 0,46 m e, nos pés 0,32 m; profundidade 0,65 m. As paredes tinham 0,40 de altura e de espessura 0,15 m. Espólio: segundo o relatório manuscrito, esta sepultura não tinha "nenhum mobiliário" (Fortes 1908a). Porém, pela análise dos registos, uma etiqueta indicava um copo como proveniente da "campa 7" (nº 64, Est. XIX).

Sepultura B12(1)

Tipo IA. Espólio: uma *lagoena* de barro vermelho desmaiado, com sulcos circundantes e linhas cruzadas no colo, incisas, alt. 149 mm, boca 65 mm, não identificada.

Sepultura B13(2)

Tipo IA, com 0,60 m de profundidade. Espólio: uma *lagoena* de barro vermelho; alt. 123 mm e diâm. bordo 67 mm, não identificada.

Sepultura B14(3)

Tipo IA, com 0,60 cm de profundidade. Espólio: uma *ampulla* periforme, de barro vermelho bem trabalhado, asa bifida com um botão em cima, fundo raso, pé exíguo; pintura no bojo de uma linha sinuosa vermelha sobre faixa branca, limitada por filetes vermelhos e, mais abaixo, vestígios apagados de faixa branca, alt. 235 mm. Não identificada.

Sepultura B15(14)

Tipo IA, com profundidade do 0,69 cm. Espólio: "uma vasilha em fragmentos" (Fortes 1908a) não identificada e uma tigela (nº 43, Est. XIII).

Sepultura B16(5)

O espólio desta sepultura é referenciado no relatório manuscrito conjuntamente com o da sepultura seguinte.

Sepultura B17(6)

Tipo IE, com 1,76 m de comprimento. Espólio: "Mobiliário cerâmico, de que não pode dar-se nota rigorosa, porque as sepulturas foram abertas antes da intervenção oficial. Compreendia seguramente uma candeia, pratos, ollae, um frasco de vidro, etc.", segundo o inventário compendiado das escavações por sepulturas constante do Apêndice do relatório manuscrito (Fortes 1908a). Não identificado.

Sepultura B18(70)

Com a orientação característica do grupo B (OSO - ENE), situa-se no extremo oposto da necrópole.

Tipo IA. Espólio: um prato, com manchas de negro de fumo externamente, alt. 43 mm, bordo 164 mm; uma patina de barro vermelho escuro, pé curto, alt. 72 mm, diâm. bordo 188 mm; *patella* semiesférica, de barro vermelho, alt. 39 mm, boca 115 mm; uma *ampulla* globular de barro vermelho escuro, asa bifida com botão em cima, ápode, fundo raso, alt. 205 mm; uma anforeta, de barro vermelho asas trifidas, com botões em cima, ornamentação de um filete cor de chocolate a acentuar a linha de junção da abóbada cônica com o bojo, e neste, que é levemente cônico, uma linha ondulada da mesma cor sobre uma faixa branca limitada por filetes cor de chocolate; um vaso campaniforme (sic, Fortes 1908a). Não identificado.

Sepultura C1(50)

Tipo IA. Ausência de espólio.

Sepultura C2(52)

Tipo IA. Espólio: uma *lagoena*, cujo bojo apresenta uma faixa larga pintada a branco entre dois filetes vermelhos, asa angular, fabrico descuidado, exibindo uma amassadela anterior à cozedura, alt. 182 mm, diâm. bordo 63 mm, e uma *ampulla* globular, de barro vermelho, asa bifida com um botão em cima, pé curto, alt. 203 mm, não identificadas.

Sepultura C3(98)

Tipo IA. Espólio: Quatro peças cerâmicas e uma conta de vidro azul oculada de branco, não identificados.

Sepultura C4(45)

Tipo IA. Espólio: Uma lucerna não identificada.

Sepultura C5(48)

Tipo IA. Espólio: Um vaso campanular e uma *lagoena*, em fragmentos e não identificados, e um prato (nº 21, Est. IX).

Sepultura C6(49) Est. XXXV, 1

Tipo II, em prisma triangular, composta por quinze *tegulae*, quatro no pavimento, quatro num dos lados e cinco no outro, estando neste uma a reforçar a anterior, mais uma aos pés e outra à cabeceira. Ausência de espólio.

Sepultura C7(57)

Tipo IA, com possível inumação do corpo em caixão de madeira, de que restam pregos.

Sepultura C8(97)

Tipo IA. Espólio: sete peças de cerâmica não discriminadas no relatório manuscrito nem identificadas por outra referência.

Sepultura C9(37)

Tipo IA. Espólio: Uma *olla* de barro vermelho escuro, com 132 mm de altura e 96 mm de diâm. bordo, e uma *lagoena* em fragmentos, não identificadas.

A NECRÓPOLE ROMANA DE GULPILHARES

Sepultura C10(40)

Tipo IA. Ausência de espólio.

Sepultura C11(42)

Tipo IA. Ausência de espólio.

Sepultura C12(47)

Tipo IA. Espólio: um vaso campanular, com alt. 101 mm e diâm. bordo 66 mm, não identificado, e um prato (nº 2, Est. VI).

Sepultura C13(53)

Tipo IA. Ausência de espólio.

Sepultura C14(55)

Tipo IA. Ausência de espólio.

Sepultura C15(95)

Tipo IA. Espólio: dois vasos, uma *oinochoe* em fragmentos, não identificado, e um prato (nº 11, Est. VII).

Sepultura C16(36)

Tipo I A. Espólio: uma *patella* de forma troncocônica, fabrico bom, com vestígios de pintura vermelha, alt. 42 mm, diâm. bordo 108 mm, e uma *olla* de barro vermelho escuro, alt. 125 mm, diâm. bordo 114 mm, não identificadas, e um prato (nº 9, Est. VII).

Sepultura C17(44)

Sem quaisquer referências no relatório manuscrito.

Sepultura C18(35)

Tipo IA. Espólio: um prato de barro vermelho, com manchas de negro de fumo internas e externas, alt. 50 mm, diâm. bordo 210 mm; uma *patella* de barro vermelho escuro, bordo simples reentrante, alt. 56 mm, diâm. bordo 117 mm; uma *oinochoe*, de barro cinzento, superfícies ásperas, com muitos grãos de silíciosos, asa bifida, com uma amasadeira anterior à cozedura, alt. 188 mm; e uma *ampulla* globular de barro vermelho, asa trifida com botão em cima, pé curto, fundo raso, alt. 249 mm. Não identificado.

Sepultura C19(39)

Tipo IA. Ausência de espólio.

Sepultura C20(34)

Tipo IA. Espólio: uma frigideira (nº 33, Est. XI).

Sepultura C21(38)

Tipo IA. Ausência de espólio.

Sepultura C22(43)

Tipo IA. Ausência de espólio.

Sepultura C23(54)

Tipo IA. Espólio: uma *oinochoe* de barro vermelho, asa bifida, alt. 221 mm, não identificado, que terá aparecido associado a dois vasos de fabrico manual certamente pertencentes à necrópole da Idade do Bronze.

Sepultura C24(56)

Tipo IA. Ausência de espólio.

Sepultura C25(58)

Tipo IA. Espólio: um vaso campanular, partido, e uma *lagoena*, muito pequena, toda pintada de vermelho, alt. 116 mm, diâm. bordo 54 mm, não identificados, e uma tigela (nº 42, Est. XIII).

Sepultura C26(59)

Tipo IA. Espólio: um prato (nº 13, Est. VII) e duas *lagoenae* (nº 90-91, Est. XXIV).

Sepultura C27(61)

Tipo IA. Espólio: um vaso campanular, muito alto, com 194 mm, de barro claro, furo no bojo e com as paredes cheias de aderências ferrosas, não identificado, e uma *lagoena* (nº 84, Est. XXII).

Sepultura C28(63)

Tipo IA. Ausência de espólio.

Sepultura C29(64)

Tipo IA. Ausência de espólio.

Sepultura C30(67)

Tipo IA. Ausência de espólio.

Sepultura C31(60)

Tipo IA. Espólio: sepultura "rica em mobiliário", forneceu sete peças de cerâmica, designadamente, um prato (nº 5, Est. VI), uma espécie de *patella* (nº 36, Est. XII), uma *olla* (nº 55, Est. XVII), um vaso campanular (nº 66, Est. XIX), uma *oinochoe*, uma *ampulla* (nº 74, Est. XX) e uma lucerna (nº 115; Est. XXXIII), todas identificadas, excepto a *oinochoe*, que seria de "barro cinzento, cheio de areia que lhe dá superfícies ásperas, asa lisa, fabrico descuidado que lhe deixou uma amassadela antes da cocção, com um pequeno furo" (Fortes 1908a).

Sepultura C32(65)

Tipo IA. Ausência de espólio.

Sepultura C33(66)

Tipo IA. Espólio: duas *lagoenae*, uma com asa lisa, diâm. bordo 73 mm e alt. 181 mm, e outra de barro amarelo escuro, diâm. bordo 68 mm. e alt. 151 mm, e pregos de ferro. Não identificado.

Sepultura C34(68)

Tipo IA. Ausência de espólio.

Sepultura C35(69)

Sepultura de tipo IA, de que restaram fragmentos de *tegulae*. Ausência de espólio.

Sepultura C36(25)

Tipo IA. Espólio: uma *olla* de barro escuro, diâm. bordo 110 mm e alt. 123 mm, não identificada.

Sepultura C37(26)

Tipo IA. Espólio: uma pequena *olla* de barro vermelho fino, com bordo muito curto, diâm. bordo 62 mm, alt. 109 mm, não identificada.

Sepultura C38(23)

Tipo IA, com um 1m de profundidade.

Espólio: um vaso campanular de pequenas dimensões, muito incompleto, colocado aos pés, não identificado.

Sepultura C39(24)

Tipo IA. Espólio: Um vaso campanular de dimensões reduzidas, barro vermelho, diâm. bordo 59 mm e alt. 117 mm, não identificado.

Sepultura C40(27)

Tipo IA. Ausência de espólio.

Sepultura C41(32)

Tipo IA. Espólio: uma *lagoena*, de barro vermelho claro, asa lisa, mau fabrico, patinada de negro de fumo, diâm. bordo 67 mm e alt. 165 mm, e uma *oinochoe*, de barro vermelho escuro, asa bifida, alt. 245 mm, não identificados.

Sepultura C42(33)

Tipo IA. Espólio: uma tigela (nº 44, Est. XIII), associada a um vaso de fabrico manual, que seria da primitiva necrópole da Idade do Bronze e, segundo as indicações dos registos, um prato, não referido no relatório manuscrito (nº 4, Est. VI).

Sepultura 43(85)

Tipo IA. Ausência de espólio.

Sepultura C44(81)

Tipo IA. Ausência de espólio.

Sepultura C45(80)

Tipo IA. Ausência de espólio.

Sepultura C46(72)

Tipo IA. Espólio: um prato (nº 30, Est. X), mais uma pequena *olla* de barro fino vermelho, diâm. bordo 58 mm e alt. 97 mm, e uma *lagoena* de barro vermelho, diâm. bordo 165 e alt. 180 mm, não identificadas.

Sepultura C47(73)

Tipo IA. Espólio: duas *ollae*, uma delas identificada (nº 49, Est. XV).

Sepultura C48(71)

Tipo IA. Espólio: duas pulseiras e uma pequena argola de ferro, não identificadas.

Sepultura C49(21)

Tipo IA, com 1m de profundidade.

Espólio: uma *lagoena* pequena, com decoração no bojo de uma faixa branca entre dois filetes acastanhados, e uma *oinochoe* de barro vermelho desmaiado, asa lisa, alt. 207 mm, não identificados.

A NECRÓPOLE ROMANA DE GULPILHARES

Sepultura C50(28)

Tipo IA. Espólio: um prato de barro escuro, diâm. bordo 21 cm e alt. 6 cm, e um vaso irreconstituível, que poderia ser uma pequena *lagoena*, não identificados, que apareceram associados a um vaso de fabrico manual, proveniente da primitiva necrópole da Idade do Bronze.

Sepultura C51(29)

Tipo IA. Espólio: um prato (nº28, Est. X).

Sepultura C52(30)

Tipo IA. Espólio: uma frigideira (nº 32, Est. XI), que apareceu associada a um vaso de fabrico manual, do núcleo pertencente à Idade do Bronze.

Sepultura C53(31)

Tipo IA. Espólio: Um prato e uma *olla* (nº51, Est. XV).

Sepultura C54(83)

Tipo IA. Ausência de espólio.

Sepultura C55(84)

Tipo IA. Ausência de espólio.

Sepultura C56(74)

Tipo IA. Ausência de espólio.

Sepultura C57(75)

Tipo IA. Ausência de espólio.

Sepultura C58(76)

Tipo IA. Ausência de espólio.

Sepultura C59(78)

Tipo IA, com espólio de dois vasos de fabrico manual que parece indicar que esta sepultura pertenceria à necrópole primitiva da Idade do Bronze.

Sepultura C60(79)

Tipo IE. Ausência de espólio.

Sepultura D1(51)

Tipo IA. Ausência de espólio.

Sepultura D2(62)

Tipo ID, com cobertura de *tegula*. Ausência de espólio.

Sepultura D3(41)

Tipo IA. Espólio: um pratinho de barro vermelho escuro, com manchas de negro de fumo interna e externamente, alt. 31 mm e diâm. bordo 127 mm; uma *lagoena* de barro escuro, pasta grosseira, asa lisa, alt. 192 mm e diâm. bordo 73 mm; uma *lagoena* de barro alaranjado, alt. 173 mm e diâm. bordo 64 mm; fragmentos de ferro não identificáveis.

Sepultura D4(19)

Tipo IA. Espólio: um vaso de fabrico manual, que parece indicar que esta sepultura pertenceria à necrópole primitiva da Idade do Bronze.

Sepultura D5(20)

Tipo IA. Espólio: um prato (nº 7, Est. VI).

Sepultura E1(18)

Tipo ID, com 1m de profundidade, pavimentada a *tegula*. Ausência de espólio.

Sepultura E2(22)

Tipo IA. Ausência de espólio.

Sepultura E3(82)

Tipo IA. Espólio: um pratinho de barro vermelho escuro, com manchas de negro de fumo interna e externamente, alt. 31 mm e diâm. bordo 127 mm; uma *lagoena* de barro escuro, pasta grosseira, asa de fita, alt. 192 mm e diâm. bordo 73 mm; uma *lagoena* de barro alaranjado, alt. 173 mm e diâm. bordo 64 mm; fragmentos de ferro, não identificados.

O espólio cerâmico recolhido é relativamente variado, constituindo, sobretudo, um importante conjunto de cerâmica comum (Quadro sinóptico, Est. XXXII), utilizado como oferenda funerária, assim como algumas lucernas e raras peças de *sigillata*.

A cerâmica comum, de uso corrente, é uma produção relativamente grosseira, utilizada para o transporte, a conservação, a preparação e consumo de certos produtos, geralmente alimentares, e de fabrico local ou regional, variando muito a sua definição segundo a diversidade de critério dos autores.

M. Vegas (1973), por exemplo, baseia a sua classificação da cerâmica comum do Mediterrâneo Ocidental apenas na função dos recipientes.

J. Alarcão (1974a), por sua vez, escolheu prioritariamente critérios tecnológicos (qualidade da pasta, processos de fabrico e de acabamento, condições de cozedura) para distinguir um certo número de grupos, no interior dos quais fixou posteriormente uma tipologia das formas. Na mesma linha, se enquadra o estudo sobre a cerâmica de Tongobriga (Dias 1995a), ainda que apenas sustentada em observações macroscópicas.

Outros autores adoptam combinações de critérios tecnológicos e morfológicos, baseando-se, porém, em componentes tecnológicas, v.g., a cozedura, como princípio de sistematização (v.g., Paunier 1981).

Na impossibilidade de proceder a exames físico-químicos, de utilidade inegável para o conhecimento dos fabricos, procedências, intercâmbios e observações congéneres, obrigámo-nos a uma cuidadosa análise macroscópica de todo o conjunto cerâmico em que observámos a sua morfologia, a natureza das pastas, tecnologia de fabrico, de modelação e cozedura e aspectos decorativos.

A sistematização apresentada fundamenta-se, assim, em critérios morfotipológicos, que atendem à componente funcional das peças e aspectos de índole tecnológica.

Nestas circunstâncias, a seriação elaborada permitiu representar todo o diversificado conjunto do espólio cerâmico da necrópole segundo grupos individualizados pela forma e pela função, por ser a metodologia que nos pareceu adequada, valorizando mais os aspectos referentes à sua funcionalidade.

De certo modo, foi o esquema seguido por J. Fortes no pioneiro estudo tipológico que nos deixou em relatório manuscrito, onde se encontra, a par da minúcia da observação, cuidadoso trabalho descritivo e de seriação, sem que tenha evitado anacronismos interpretativos que perturbam a sua proposta, como se pode exemplificar com a integração que fez de produções cerâmicas pré-históricas em contextos tardo-romanos.

Segundo o relatório, foram exumados nesta necrópole 181 recipientes cerâmicos, entre formas completas e reconstituídas.

Exceptuando o conjunto de cerâmica manual, que conta com dezasseis exemplares, intencionalmente excluídos da área deste trabalho, e retiradas desta seriação numerosas peças fragmentárias, ainda existentes, pode considerar-se como altamente representativo do espólio inicialmente exumado, apesar das vicissitudes por que passou a sua conservação desde a extinção do Museu Azuaga. A estes materiais acrescem três peças da escavação de A.C.F. Silva em 1979 (Silva 1980) e mais quatro formas recolhidas em 1987 em trabalhos de revolvimento fortuito do terreno.

Nesta sequência, sistematizamos, segundo critérios morfotipológicos, servindo-nos como referência o estudo sobre a cerâmica comum local e regional de Conimbriga (Alarcão 1974a), oito grupos principais, que vão designados sob nomenclatura latina, que se entende como mais adequada a este tipo de cerâmica comum romana, obviando aos reconhecidos equívocos resultantes do uso de terminologias regionalistas.

Ao grupo 6 atribuiu-se o nome de origem grega de oinochoai, seguindo a tradição erudita referente às formas de bocal trilobado e, não tendo encontrado designação clássica conveniente para o grupo 8, são denominados, segundo as características morfológicas, por vasos de duas asas simétricas, subdivididos em *ampullae*, *poculi* e *anforetas*.

1. *Catini* e *catilli* (pratos)

O grupo mais numeroso é composto por trinta e duas peças procedentes das escavações de 1908 e mais uma das de 1979 (nº 5, Est. VI), constituindo séries diversas de pratos covos, que repro-

duzem genericamente uma forma troncocónica com variantes no perfil da estrutura, designadamente na morfologia das paredes e dos bordos, e nas dimensões.

Forma mais simples de cerâmica comum romana, convergente com outras de tradição indígena (Silva 1986a), é de reconhecida expressão supra-regional, com presenças registadas na generalidade das necrópoles e outras estações da romanização.

Foram integrados neste grupo todas as formas abertas de fundo raso, raramente côncavo, de paredes baixas, oblíquas, que permitem, em observação mais minuciosa estabelecer três variantes de cerâmica comum:

1.1. Forma simples

1.1.1. Troncocónica, de paredes direitas e bordos boleados, raramente espessados ou flectindo para o interior:

1. **Prato** VI*
Bordo adelgaçado, paredes oblíquas, fundo raso.
Pasta homogénea, grosseira, de cor alaranjada [mais clara: laranja pálido (Methuen 5A-3); mais escura: laranja acinzentado (Methuen 5B-5)] com muitas partículas de feldspato, algum quartzo e mica; superfícies alisadas e com engobe laranja acastanhado (Methuen 7C-5).
Feito à roda. Cozedura fraca.
Diâm. bordo 185 mm e fundo 135 mm; alt. 44 mm.
Sep. C12(47).
2. **Prato** VI
Bordo horizontalizado e de arestas boleadas, paredes oblíquas, fundo raso internamente côncavo.
Pasta homogénea, grosseira, cor de laranja acinzentado (Methuen 6B-4) com partículas arenosas; superfícies alisadas e fumigadas.
Feito à roda. Cozedura má.
Diâm. bordo 244 mm e fundo 174 mm; alt. 60 mm.
Sep. B1(14).
3. **Prato** VI
Bordo boleado, paredes direitas e oblíquas, fundo raso ligeiramente côncavo no interior.
Pasta homogénea, grosseira, cor de laranja acinzentado (Methuen 5C-4), com pequenos fragmentos de feldspato, quartzo e mica; superfícies alisadas e muito fumigadas de utilização.
Feito à roda. Cozedura fraca.
Diâm. bordo 250 mm e fundo 196 mm; alt. 62 mm.
4. **Prato** VI
Bordo arredondado, paredes rectas e oblíquas, interiormente arqueadas, fundo com ligeiro desvão, convexo no interior.
Pasta homogénea, grosseira, cor de laranja luminoso (Methuen 6A-5), com partículas de feldspato, quartzo e mica; superfícies espatuladas e com engobe laranja acastanhado (Methuen 7C-6), muito fumigadas.
Feito à roda. Cozedura fraca.
Diâm. bordo 228 mm e fundo 178 mm; alt. 50 mm.
Sep. C42 (33).
5. **Prato** VI
Bordo biselado exteriormente, paredes rectas oblíquas e arqueadas da parte interior, fundo com ligeiro desvão, convexo no interior.
Pasta homogénea, grosseira de cor alaranjada [mais clara: laranja pálido (Methuen 5A-3); patine mais escura: laranja persa (Methuen 6A-7)] com partículas arenosas; superfícies alisadas.
Feito à roda. Cozedura má.
Diâm. bordo 158 mm e fundo 182 mm; alt. 39 mm.
Sep. C31 (60).
Escavações de 1979 (Silva 1980).
6. **Prato** VI
Bordo ligeiramente recolhido, paredes rectas e oblíquas, fundo raso.
Pasta heterogénea, grosseira, de cor alaranjada [mais clara: laranja luminoso (Methuen 6A-5); patine mais escura: laranja acinzentado (Methuen 5B-3)] com partículas arenosas; superfícies ligeiramente alisadas e com engobe "Sahara" (Methuen 6C-5), fumigadas.
Feito à roda. Cozedura fraca.
Diâm. bordo 220 mm e fundo 175 mm; alt. 54 mm.

- 7. Prato** VI
 Bordo recolhido, paredes direitas, fundo raso.
 Pasta heterogénea, grosseira, cor amarelada [cor mais clara: laranja pálido (Methuen 5A-3); cor mais escura: laranja persa (Methuen 6A-7)] com bastantes partículas de feldspato, algum quartzo e mica; superfícies alisadas.
 Feito à roda. Cozedura fraca.
 Diâm. bordo 207 mm e fundo 113 mm; alt. 60 mm.
 Sep. D5(20).
- 8. Prato** VII
 Bordo adelgaçado e boleado, paredes levemente arqueadas na parte superior, fundo raso.
 Pasta homogénea, cor de laranja pálido (Methuen 5A-3), com muitas partículas arenosas, sobretudo feldspato; superfícies não alisadas, com vestígios de engobe laranja acinzentado (Methuen 6B-5); muito fumigadas.
 Feito à roda. Cozedura fraca.
 Diâm. bordo 180 mm e fundo 126 mm; alt. 45 mm.
- 9. Prato** VII
 Bordo ligeiramente boleado, paredes arqueadas, fundo com ligeiro desvão.
 Pasta homogénea, grosseira, cor de laranja (Methuen 6A-4) com bastantes fragmentos de feldspato e mica; superfície interna pouco alisada e fumigada, superfície externa mais alisada e fumigada, com vestígios de engobe "Sahara" (Methuen 6C-5) nalgumas zonas.
 Feito à roda. Cozedura fraca.
 Diâm. bordo 190 mm e fundo 140 mm; alt. 45 mm.
 Sep. C16(36).
- 10. Prato** VII
 Bordo plano de arestas boleadas, paredes oblíquas e arqueadas na parte superior, fundo raso interiormente convexo.
 Pasta homogénea, grosseira, cor de laranja (Methuen 6A-6) com bastantes partículas de feldspato; superfícies alisadas com vestígios de engobe "Sahara" (Methuen 6C-5).
 Feito à roda. Cozedura fraca.
 Diâm. bordo 245 mm e fundo 186 mm; alt. 58 mm.
 Sep. B1(14).
- 11. Prato** VII
 Bordo boleado, paredes oblíquas, arqueadas na parte interna, fundo raso.
 Pasta heterogénea, grosseira de cor acastanhada, com zonas mais claras laranja acinzentado (Methuen 5B-4) e zonas mais castanho-escuro (Methuen 6D-7); superfícies alisadas e muito fumigadas.
 Feito à roda. Cozedura má.
 Diâm. bordo 245 mm e fundo 180 mm; alt. 53 mm.
 Sep. C15 (95).
- 12. Prato** VII
 Bordo ligeiramente recolhido, paredes esvasadas quase rectas, fundo raso.
 Pasta homogénea, grosseira, cor de laranja (Methuen 6B-6), com fragmentos de quartzo, feldspato e mica; superfícies alisadas e fumigadas.
 Feita à roda. Cozedura má.
 Diâm. bordo 186 mm e fundo 150 mm; alt. 48 mm.
- 13. Prato** VII
 Bordo arredondado recolhido, paredes arqueadas, fundo com desvão, convexo no interior.
 Pasta homogénea grosseira, cor de laranja acinzentada (Methuen 5B-4) com alguns grãos de areia; superfícies polidas com engobe alaranjado (Methuen 6A-5).
 Feito à roda. Cozedura má.
 Diâm. bordo 254 mm e fundo 204 mm; alt. 66 mm.
 Sep. C26 (59).
- 14. Prato** VII
 Bordo arredondado, paredes rectas e oblíquas, arqueadas interiormente, fundo raso.
 Pasta heterogénea, grosseira, de cor alaranjada [mais clara: amarelo pálido (Methuen 3A-3); mais escura: vermelho pastel (Methuen 7A-5)] com partículas arenosas; superfícies alisadas e com vestígios de engobe laranja avermelhado (Methuen 7B-6), muito fumigadas.
 Feito à roda. Cozedura fraca.
 Diâm. bordo 274 mm e fundo 226 mm; alt. 63 mm.

1.1.2. Subtruncocónica, de perfil convexo, paredes encurvadas para o interior e bordos boleados geralmente espessados:

A NECRÓPOLE ROMANA DE GULPILHARES

- 15. Pratel** VIII
Bordo adelgado e boleado, paredes oblíquas, fundo raso.
Pasta heterogénea, de cor avermelhada (Methuen 7C-7), com grãos finos de feldspato; superfície externa com uma patine mais escura.
Feito à roda, tendo sido aplicada uma camada de barro no fundo exterior depois de seco. Cozedura má.
Diâm. bordo 127 mm e fundo 110 mm; alt 25mm.
Depósito: Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.
- 16. Prato** VIII
Bordo ligeiramente adelgado, paredes arqueadas, fundo raso.
Pasta homogénea, grosseira cor de laranja acinzentado (Methuen 6B-5), com partículas de feldspato; superfícies alisadas, apresentando exteriormente vestígios de engobe "Sahara" (Methuen 6C-5) e marcas de fumigação.
Feito à roda. Cozedura razoável.
Diâm. bordo 176 mm e fundo 136 mm; alt. 45 mm.
- 17. Prato** VIII
Bordo boleado, paredes arqueadas, fundo com desvão, convexo no interior.
Pasta heterogénea, grosseira, de cor atijolada [mais clara: laranja avermelhado (Methuen 7A-7); mais escura "Sahara" (Methuen 6C-5)], com partículas arenosas; superfícies pouco alisadas, com a exterior fumigada.
Feito à roda. Cozedura fraca.
Diâm. bordo 177 mm e fundo 136 mm; alt. 38 mm.
- 18. Pratel** VIII
Bordo recolhido, paredes arqueadas, fundo raso.
Pasta homogénea, grosseira, cor de laranja acinzentada (Methuen 6B-6), com partículas arenosas; superfície interna alisada e com vestígios de engobe "Sahara" (Methuen 6C-5), superfície externa também alisada e muito fumigada.
Feito à roda. Cozedura má.
Diâm. bordo 160 mm e fundo 100 mm; alt. 48 mm.
- 19. Prato** VIII
Bordo exteriormente biselado, paredes ligeiramente arqueadas, fundo raso.
Pasta homogénea, grosseira, cor amarelo pálido (Methuen 4A-3) com fragmentos de feldspato, quartzo e mica; superfícies alisadas e com vestígios de engobe "Sahara" (Methuen 6C-5).
Feito à roda. Cozedura fraca.
Diâm. bordo 215 mm e fundo 172 mm; alt. 56 mm.
- 20. Prato** VIII
Bordo boleado, paredes arqueadas, com ligeiro perfil em S, fundo raso.
Pasta heterogénea, grosseira, apresentando o interior, de cor alaranjada [zonas mais claras: laranja persa (Methuen 6A-7); mais escuras: castanho torrado (Methuen 6D-5)], com partículas arenosas; superfícies alisadas e muito fumigadas.
Feito à roda. Cozedura má.
Diâm. bordo 300 mm e fundo 200 mm; alt. 73 mm.
Sep. A9 (89).
- 21. Prato** IX
Bordo arredondado, paredes rectas e oblíquas, arqueadas na parte interna, fundo com desvão, convexo no interior.
Pasta homogénea, grosseira, cor de laranja (Methuen 6A-5), com partículas arenosas; superfícies com vestígios de engobe laranja avermelhado (Methuen 7B-6), fumigadas.
Feito à roda. Cozedura fraca.
Diâm. bordo 241 mm e fundo 194 mm; alt. 51 mm.
Sep. C5 (48).
- 22. Prato** IX
Bordo recolhido, paredes arqueadas, fundo raso, levemente convexo no exterior.
Pasta homogénea, grosseira, cor de laranja (Methuen 6A-6), com bastantes partículas de feldspato, algum quartzo e mica; superfícies alisadas e com engobe laranja acastanhado (Methuen 7C-4), com a exterior um pouco fumigada.
Feito à roda. Cozedura má.
Diâm. bordo 258 mm e fundo 200 mm; alt. 55 mm.
- 23. Prato** IX
Bordo boleado, paredes arqueadas, fundo raso.
Pasta homogénea, cor de laranja (Methuen 5A-5) com alguns grãos de areia; superfícies pouco alisadas e com

engobe laranja acastanhado (Methuen 7C-6).
Feito à roda. Cozedura fraca.
Diâm. bordo 238 mm e fundo 176 mm; alt. 52 mm.
Sep. C53(31).

- 24. Prato** IX
Bordo boleado, paredes ligeiramente arqueadas, fundo raso, levemente convexo na parte exterior.
Pasta homogénea, grosseira, cor de laranja acinzentada (Methuen 6B-6), com partículas arenosas; superfícies levemente alisadas e com vestígios de engobe acastanhado (Methuen 7C-4), fumigadas.
Feito à roda. Cozedura má.
Diâm. bordo 250 mm e fundo 180 mm; alt. 53 mm.

- 25. Prato** IX
Bordo boleado, paredes arqueadas, fundo raso.
Pasta grosseira com cerne acinzentado (Methuen 7F-2); superfícies de cor castanha atijolada (Methuen 6B-5), com uma espessa capa de negro de fumo da utilização.
Feito à roda. Cozedura má.
Diâm. bordo 253 mm e fundo 160 mm; alt. 50 mm.

1.1.3. Subtruncocónica, de perfil convexo e bordos espessados com lábios reentrantes vincados:

- 26. Pratel** X
Bordo exteriormente biselado, ligeiramente recolhido, paredes rectas e oblíquas, interiormente arqueadas, fundo raso.
Pasta homogénea, grosseira, de cor alaranjada (Methuen 6A-5); superfícies alisadas, com marcas de fogo no exterior.
Feito à roda. Cozedura fraca.
Diâm. bordo 141 mm e fundo 115 mm; alt. 30 mm.

- 27. Prato** X
Bordo espessado e boleado internamente vincado, paredes encurvadas, fundo levemente côncavo no interior e convexo no exterior.
Pasta homogénea, grosseira, de barro magro com areia fina, de cor beje (Methuen 6B-4); superfícies alisadas.
Feito à roda. Cozedura má.
Diâm. bordo 244 mm e fundo 180 mm; alt. 45 mm.

- 28. Prato** X
Bordo ligeiramente biselado e vincado no interior, paredes rectas e oblíquas, ligeiramente arqueadas na parte interior, fundo com ligeiro desvão, internamente convexo.
Pasta heterogénea, grosseira, de cor alaranjada [mais clara: laranja pálido (Methuen 6A-3); mais escura: laranja (Methuen 6A-6)], com partículas arenosas; superfícies alisadas e fumigadas.
Feito à roda. Cozedura fraca.
Diâm. bordo 236 mm e fundo 186 mm; alt. 63 mm.
Sep. C51 (29).

- 29. Prato** X
Bordo recolhido internamente vincado, paredes rectas e oblíquas, fundo raso.
Pasta homogénea, grosseira, de cor alaranjada (Methuen 5A-4), com partículas arenosas; superfícies alisadas e com vestígios de engobe laranja acinzentado (Methuen 5B-4), muito fumigadas.
Feito à roda. Cozedura fraca.
Diâm. bordo 262 mm e fundo 200 mm; alt. 62 mm.

- 30. Prato** X
Bordo espessado em cabeça de fósforo, paredes arqueadas, fundo raso.
Pasta homogénea, grosseira, de cor alaranjada (Methuen 5A-4), com bastantes partículas arenosas; superfícies ligeiramente fumigadas.
Feito à roda. Cozedura fraca.
Diâm. bordo 258 mm e fundo 180 mm; alt. 52 mm.
Sep. C46 (72).

- 31. Prato** X
Bordo espessado no interior, paredes levemente arqueadas, fundo raso, levemente côncavo no interior e convexo no exterior.
Pasta heterogénea, grosseira, de cor alaranjada [mais clara: topázio (Methuen 5C-5); mais escura: laranja persa (Methuen 6A-7)], com partículas arenosas; superfície interna alisada com engobe e superfície externa alisada no

fundo e espatulada nas paredes e com engobe do mesmo tom.
Feito à roda. Cozedura má.
Diâm. bordo 280 mm e fundo 200 mm; alt. 60 mm.

1.2. Prato com aba, de perfil elíptico:

- 32. Prato** XI; XXXVI, 8
Bordo em aba larga moldurada, lábio boleado, paredes encurvadas, pé em bolacha com uma canelura circular na base.
Pasta homogénea, depurada, de cor vermelha acastanhada (Methuen 8C-6); superfícies muito alisadas
Feita à roda. Cozedura muito boa.
Diâm. bordo 252 mm e fundo 105 mm; alt. 50 mm.

1.3. Forma compósita

Subtruncocónica, de perfil convexo, bordos boleados de lábios vincados, e com duas pegas opostas, simétricas, aplicadas na parte superior das paredes, com decoração de caneluras paralelas ao nível das aselhas:

- 33. Frigideira** XI
Bordo recolhido, paredes direitas e oblíquas, arqueadas na parte interior, fundo com grande desvão, internamente convexo; pequenas orelhas laterais, junto ao bordo, simétricas e opostas.
Pasta heterogénea, grosseira, de cor alaranjada (Methuen 5A-5), com fragmentos de quartzo, feldspato e mica; superfícies alisadas e com engobe "Sahara" (Methuen 6C-5).
Feita à roda. Cozedura fraca.
Diâm. bordo 222 mm e fundo 194 mm; alt. 56 mm.
Sep. C52 (30).
- 34. Frigideira** XI
Bordo recolhido e biselado internamente, paredes arqueadas, fundo raso; pequenas orelhas laterais, simétricas e opostas.
Pasta heterogénea, grosseira, de cor alaranjada [mais clara: salmão (Methuen 6A-4); mais escura: laranja persa (Methuen 6A-6)], com partículas arenosas; superfícies alisadas e muito fumigadas.
Decoração incisa de duas estrias no plano das pegas.
Feita à roda. Cozedura má.
Diâm. bordo 204 mm e fundo 140 mm; alt. 58 mm.
Sep. C20 (34).

Designada genericamente por prato em razão da sua estrutura discoidal plana, esta forma a que poderá corresponder o vocábulo latino de *catinus* ou *catillus*, quando de menor dimensão, poderia servir para diversas funções. Deles se comeria directamente, podendo os maiores ser usados na cozinha e, por isso, por vezes entendidas como frigideiras. É óbvia a dificuldade da distinção funcional destas peças, exceptuando para as que, tendo pegas, apresentam atributos próprios de utilização na confecção de alimentos junto ao fogo.

A presença de negro de fumo observada na análise descritiva de grande parte dos exemplares, existente em vasos de dimensão diversa, aponta para a preponderância da função de cozinha. A composição grosseira das pastas, contrastando com a das restantes formas, parece reforçar esta funcionalidade.

Em todo o caso, em termos de interpretação do ritual funerário, tudo indica que estas peças, ainda que de possível utilidade na confecção de alimentos, serviam para delas se comer directamente, cumprindo genericamente a função de pratos.

2. *Patinae* e *patellae* (tigelas)

Um segundo grupo de formas abertas é constituído por catorze peças em forma de calote, com pé baixo, em bolacha ou anel, raramente sécil, e em geral de fabrico mais cuidado que o dos pratos, das quais especificamos as suas variantes:

2. 1. Perfil em calote esférica

2.1.1. Perfil em calote esférica, pé sumido, côncava na base:

- 35. Tigela** XII
 Copa em calote esférica, bordo adelgado, fundo côncavo.
 Pasta homogénea depurada, cor de laranja avermelhada (Methuen 7C-7); superfícies alisadas.
 Feita à roda. Cozedura boa.
 Diâm. bordo 121 mm e fundo 53 mm; alt. 37 mm.

2.1.2. Perfil em calote esférica e com pé em bolacha (nº 36-39). Uma forma incompleta (nº 40), pelo seu perfil, pode integrar-se neste conjunto.

- 36. Tigela** XII
 Copa em calote esférica, bordo ligeiramente encurvado para o interior, copa arqueada, pé em bolacha.
 Pasta homogénea, cor de laranja acinzentada (Methuen 5B-4), com elementos muito pequenos de quartzo, feldspato e mica; superfícies alisadas e com engobe castanho dourado (Methuen 5D-7).
 Feita à roda. Cozedura razoável.
 Diâm. bordo 117 mm e fundo 48mm; alt. 44 mm.
 Sep. C31 (60).

- 37. Tigela** XII
 Copa de perfil elíptico, bordo boleado, paredes encurvadas, pé em bolacha.
 Pasta homogénea, depurada, de cor bege (Methuen 6A-2); superfícies alisadas e com engobe alaranjado (Methuen 6A-5) no exterior.
 Feita à roda. Cozedura boa.
 Diâm. bordo 145 mm e fundo 62 mm; alt. 50mm.

- 38. Tigela** XII
 Copa de perfil elíptico, bordo ligeiramente encurvado para o interior, copa em calote esférica irregular; pé em bolacha.
 Pasta heterogénea, grosseira, de cor atijolada [mais clara: laranja acinzentado (Methuen 6B-5); mais escura: laranja avermelhado (Methuen 7B-7)], com fragmentos de feldspato e quartzo; superfícies pouco alisadas.
 Feita à roda. Cozedura razoável.
 Diâm. 208 mm e fundo 83 mm; alt. 78 mm.
 Sep. A8 (88).

- 39. Tigela** XII
 Copa de perfil elíptico, bordo boleado, paredes encurvadas, pé em bolacha.
 Pasta homogénea, depurada, com alguma areia fina, de cor laranja claro (Methuen 5B-5); superfícies alisadas, com vestígios de engobe acastanhado (Methuen 5C-5) no exterior.
 Feita à roda. Cozedura boa.
 Diâm. bordo 230 mm e fundo 85 mm; alt. 76 mm.

- 40. Tigela** XII
 Copa de perfil subelíptico, bordo espessado, lábio adelgado. Fraturado pela parte inferior.
 Pasta homogénea, depurada, com pouca mica, cor de laranja (Methuen 7A-4); superfícies alisadas e com engobe avermelhado (Methuen 6A-6).
 Feita à roda. Cozedura boa.
 Diâm. bordo 198 mm; alt. frag. 57 mm.

2.2. Perfil em calote elíptica, com pé em bolacha, duas delas (nº 43 e 44) com ligeiro desvão na base:

- 41. Tigela** XIII
 Copa de perfil elíptico, bordo ligeiramente encurvado para o interior, pé em bolacha.
 Pasta homogénea, grosseira, cor de laranja persa (Methuen 6A-7), com fragmentos arenosos; superfícies ligeiramente alisadas.
 Feita à roda. Cozedura fraca.
 Diâm. bordo 180 mm e fundo 77 mm; alt. 66 mm.
 Sep. A7 (90)

- 42. Tigela** XIII
 Copa de perfil elíptico, bordo ligeiramente encurvado para o interior, pé em bolacha.

* As peças apresentam-se por número de série, referindo-se a numeração romana à estampa respectiva da sua ilustração.

A NECRÓPOLE ROMANA DE GULPILHARES

Pasta homogénea, grosseira, de cor vermelha alaranjada (Methuen 7A-6), com bastante fragmentos de feldspato e mica e alguns grãos de quartzo; superfícies alisadas e com engobe vermelho acastanhado (Methuen 8C-7). Feita à roda. Cozedura fraca.
Diâm. bordo 197 mm e fundo 86 mm; alt. 64 mm.
Sep. C25(58).

43. Tigela XIII

Copa em calote esférica, bordo encurvado para o interior, pé em bolacha com ligeiro desvão.
Pasta homogénea, de cor alaranjada (Methuen 6A-4), com pequenos grãos de quartzo e feldspato; superfícies alisadas e com engobe castanho raposa (Methuen 8D-7).
Feita à roda. Cozedura boa.
Diâm. bordo 190 mm e fundo 81 mm; alt. 71 mm.
Sep. B15(4).

44. Tigela XIII

Copa de perfil elíptico, pé em bolacha com ligeiro desvão.
Pasta homogénea, grosseira, de cor alaranjada (Methuen 5A-4), com fragmentos de feldspato, quartzo e mica; superfície interior espatulada e com engobe laranja acastanhado (Methuen 7C-7) e superfície externa alisada e com engobe do mesmo tom.
Feita à roda. Cozedura razoável.
Diâm. bordo 223 mm e fundo 92 mm; alt. 70 mm.
Sep. C42 (33).

2.3. Perfil em calote esférica com pé curto, em aro. O exemplar nº 45 é uma forma incompleta, fracturada no bordo, e as duas seguintes têm bordos espessados projectados para o exterior.

45. Tigela XIV

Copa em calote esférica, pé anelar. Bordo fracturado.
Pasta homogénea, grosseira, de cor alaranjada (Methuen 6A-5), com fragmentos de quartzo, feldspato e mica; superfícies alisadas.
Feita à roda. Cozedura fraca.
Diâm. máx. bordo 130 mm e fundo 59 mm; alt. frag. 50 mm.

46. Tigela XIV

Copa de perfil elíptico, rebordo exterior a espessar o lábio, pé em anel.
Pasta homogénea, grosseira, de cor alaranjada (Methuen 6C-4), com areia fina e grãos de maiores dimensões dispersos; superfícies alisadas.
Feita à roda. Cozedura má, com fundo mal aderente à copa.
Diâm. bordo 178 mm e fundo 72 mm; alt. 81 mm.
Recolha de 1987.

47. Tigela XIV

Copa de perfil elíptico, rebordo exterior a espessar o lábio, pé em anel.
Pasta homogénea, grosseira, de cor castanha atijolada (Methuen 7A-4), com areia fina de quartzo e feldspato; superfícies alisadas.
Feita à roda. Cozedura boa.
Diâm. bordo 206 mm e fundo 82 mm; alt. 70 mm.
Recolha de 1987.

2.4. Perfil em calote esférica com bordo em aba horizontal e sem pé.

48. Tigela XIV

Copa de perfil em S oblíquo, bordo em aba horizontal, fundo raso.
Pasta homogénea com areia fina, cor de laranja (Methuen 6A-5); superfícies alisadas.
Feita à roda. Cozedura boa.
Diâm. bordo 160 mm e fundo 70 mm; alt. 56 mm.

É também uma forma supra-regional, documentada em numerosas necrópoles de que citamos: Caxinas, Vila do Conde (Almeida 1973-74: Est. II 2, IV 5); S. Brás, Frazão (Silva 1986b: Est. XXIII-1), Devesa Grande, Meixomil (Silva 1986b: Est. XXIII-2) Boavista, Frazão (Silva 1986b: Est. XXIII-3), em Paços de Ferreira; Codes, Rio de Moinhos, Giesta, S. Miguel de Paredes (Soeiro 1984: Fig. 25 XXV-8), Quinta da Boavista, Canelas (Soeiro 1984: Fig. XXXIV- 7) e Monte Mozinho (Almeida 1974:

Est. XII-5, Soeiro 1984: Fig. CXLII-12-13, CL-5, CLI-4, CLIV-6) em Penafiel; Vilarinho, Vila Caiz (Soeiro 1984: Fig. VIII-7) e Laboriz (IAFCUP) em Amarante; Freixo, Marco de Canaveses (Dias 1995b: Est. 9 c, 6, e 9 d,1). Frequente em Conimbriga (Alarcão 1974a) e em diversas necrópoles no Alto Alentejo (Nolen 1985), em amostragem bibliográfica regional e mais geral, do Centro e Sul do país.

O fabrico mais apurado na selecção das pastas e o cuidado posto na modelação dos exemplares destas formas, algumas delas com pé anelar, em manifesta tendência de imitação de produções mais ricas da romanização (como é visível nos nºs 46-47, que imitam a forma de *sigillata* Drag. 37), aponta-lhes uma função de serviço de comida e/ou bebida, conforme é reconhecido nos estudos que se lhes referem (v.g., Alarcão 1974a: 34; Nolen 1985: 93).

Atendendo à dificuldade em optar, de entre os vocábulos atribuídos na tradição popular e nas versões eruditas, pelo termo mais conveniente à forma e função destas peças, agrupamos estes conjuntos sob a denominação genérica de tigelas ou malgas, segundo a designação regional mais corrente. Poderia corresponder, entre os nomes latinos atribuíveis a este grupo de formas, aos vocábulos *patinae*, ou *patellae* para as mais reduzidas, seguindo as observações já constantes no relatório manuscrito de José Fortes.

Entre as peças das antigas escavações de 1908 que não foram recuperadas, consta a referência a duas formas deste grupo que, a deduzir do teor do texto, deveriam tratar-se de um exemplar de *sigillata* e de uma imitação. A primeira é descrita como uma pequena peça "magnificamente trabalhada...; singulariza-a um farto colarinho saliente de 25 mm, com historiadas molduras circundantes; à perfeição da manufactura corresponde a excelência e apuro do barro - finíssimo, bem coado, de um vermelho vivo". O outro exemplar "sem molduras e de pior barro, argila vermelha (alt. 53 mm, boca 130 mm, larg. colarinho 17 mm)" será certamente, se não *sigillata*, uma imitação.

3. Ollae (panelas, potes)

Nesta categoria englobam-se formas fechadas, geralmente grosseiras, de fundo raso, corpo bulboso, com o maior diâmetro na parte superior do bojo, colo estreito, estrangulado, bordo em aba curta e oblíqua, que se podem repartir nos seguintes grupos:

3.1. Formas de pasta grosseira e paredes espessas.

3.1.1. Bojo subsférico e colo de estrangulamento anguloso:

- 49. Pote** XV
 Perfil barrilóide, bordo em aba curta oblíqua internamente biselado, bojo ovóide, fundo raso com ligeiro desvão. Pasta homogénea, grosseira, cor alaranjada clara (Methuen 5A-5), com bastante quartzo e algum feldspato; superfícies pouco alisadas.
 Feito à roda. Cozedura boa.
 Diâm. bordo 110 mm, bojo 114 mm e fundo 62 mm; alt. 105 mm.
 Sep. C47 (73).
- 50. Pote** XV
 Perfil barrilóide, bordo em aba curta, revirado para o exterior e ligeiramente arqueado, bojo subsférico, fundo raso.
 Pasta homogénea, de cor alaranjada (Methuen 6A-5), com feldspato e quartzo; superfície externa alisada e ligeiramente fumigada.
 Feito à roda. Cozedura razoável.
 Diâm. bordo 104 mm, bojo 130 mm e fundo 73 mm; alt. 122 mm.
- 51. Pote** XV
 Perfil barrilóide, bordo em aba direita oblíqua lançada para o exterior, colo estrangulado e anguloso, bojo ovóide, fundo raso.
 Pasta homogénea, de cor alaranjada clara (Methuen 5A-2), bastante arenosa, com feldspato e quartzo; superfície externa alisada e com engobe vermelho pastel (Methuen 7A-2), fumigada.
 Feito à roda. Cozedura boa.
 Diâm. bordo 113 mm, bojo 120 mm e fundo 72 mm; alt. 123 mm.
 Sep. C53 (31).

3.1.2. Bojo alongado, ovóide, e colo com estrangulamento de perfil curvilíneo. Uma forma incompleta (nº 54) acomoda-se mais a este conjunto:

- 52. Pote** XVI
Perfil barrilóide, bordo oblíquo revirado para o exterior, colo com estrangulamento curvilíneo, bojo ovóide, fundo raso.
Pasta homogénea, cor de laranja acastanhada (Methuen 5C-4), com algum feldspato; superfície exterior alisada.
Feito à roda. Cozedura razoável.
Diâm. bordo 122 mm, bojo 140 mm e fundo 72 mm ; alt. 153 mm.
- 53. Pote** XVI
Perfil barrilóide, bordo oblíquo revirado para o exterior, de lábios adelgaçados, colo com estrangulamento curvilíneo, fundo raso.
Pasta homogénea, de cor alaranjada (Methuen 5A-5 / 5A-3), com bastante feldspato e quartzo; superfície exterior alisada e fumigada.
Feito à roda. Cozedura razoável.
Diâm. bordo 125 mm, bojo 144 mm e fundo 72 mm; alt. 161 mm.
- 54. Pote** XVI
Perfil barrilóide, bordo em aba oblíqua, colo estrangulado. Fracturado pelo bojo.
Pasta homogénea, depurada, com alguma areia de grão fino e médio e mica, cor de laranja (Methuen 6A-5); superfícies alisadas e com engobe acastanhado (Methuen 6C-4) no exterior e vestígios de fumigação.
Feito à roda. Cozedura boa.
Diâm. bordo 118 mm; alt. frag. 80 mm.

3.1.3. Bojo de perfil sub-bitroncocónico, colo estrangulado com perfil anguloso:

- 55. Pote** XVII
Perfil barrilóide, bordo em aba curta oblíqua internamente biselado, colo estrangulado, bojo ovóide, fundo raso.
Pasta homogénea, porosa, de cor vermelha acinzentada (Methuen 7B-6), com feldspato e quartzo; superfície exterior muito deteriorada com patine cinzenta (Methuen 3E-1), fumigada.
Feito à roda. Cozedura razoável.
Diâm. bordo 106 mm, bojo 126 mm e fundo 63 mm; alt. 129 mm.
Sep. C31 60).
- 56. Pote** XVII
Perfil barrilóide, bordo em aba curta oblíqua, colo estrangulado, bojo barrilóide de perfil irregular; fundo raso.
Pasta homogénea, grosseira, cor vermelha pastel (Methuen 7A-5), com feldspato, algum quartzo e mica; superfície exterior rugosa com patine cinzenta acastanhada (Methuen 6E-2), fumigada.
Feito à roda. Cozedura boa.
Diâm. bordo 102 mm, bojo 120 mm e fundo 76 mm; alt. 123 mm.

3.2. Fabrico cuidado, paredes finas, bojo de perfil sub-bitroncocónico, colo curvilíneo, com decoração exterior:

- 57. Pote** XVII
Perfil barrilóide, bordo em aba, ombros troncocónicos separados do colo por caneluras e do bojo por canelura e leve ressalto, fundo raso.
Pasta homogénea, depurada, com pouca areia fina, de cor alaranjada (Methuen 6B-6); superfície exterior alisada e com vestígios de engobe castanho (Methuen 6C-6).
Decoração de caneluras no colo e nos ombros.
Feito à roda. Cozedura boa.
Diâm. bordo 73 mm, bojo 120 mm e fundo 46 mm; alt. 148 mm.

As características morfológicas e técnicas dos exemplares da primeira variante, de pastas grosseiras e acabamento rude, com vestígios de negro de fumo de ir ao lume, denuncia a sua função de serventia na cozinha, ajustando-se-lhes à designação latina de *olla* correspondente a panela na linguagem vulgar.

Tratando-se certamente de fabricos locais ou regionais, podem-se-lhes referir numerosos paralelos de áreas distanciadas, de que citamos, a título de exemplo, os conjuntos de Tongobriga (Dias 1995b), o grupo 18 da cerâmica comum de Conimbriga (Alarcão 1974, p. 81-85) e o grupo 2 de potes de bojo ovóide das necrópoles do Alto Alentejo (Nolen 1985, p.118-123).

Na simplicidade do perfil destas formas e na rudeza de fabrico, não se distanciando abertamente de formas paralelas de fabrico manual de tradição indígena, poder-se-á encontrar explicação

para José Fortes ter classificado erroneamente com fabricos da época romana as peças da necrópole da Idade do Bronze.

As características da variante 3.2., apenas representada por um exemplar, recomendam serventia diferente, mais apropriada a serviço de mesa.

4. *Pocula*

Esta categoria, por razões meramente morfológicas, deve dividir-se em dois conjuntos:

4.1. *Pocula* (Púcaros, pucarinhos)

Formas de bojo globular, de perfil subesférico, colo pouco estrangulado, com bordo curto oblíquo para o exterior, ou verticalizado, e fundo raso. Morfologicamente aparentadas com as do anterior, diferenciam-se delas por serem de dimensões mais reduzidas, de fabrico mais cuidado, com pastas mais depuradas e acabamentos aperfeiçoados, com alisamento das superfícies e engobes, apresentando uma delas decoração pintada (nº 61).

Estas características não as apontam para um uso culinário, servindo certamente para beber, convindo-lhes, deste modo, a designação latina de *poculum*, traduzido vulgarmente, segundo a terminologia popular, por púcaro ou pucarinho, função também exercida por outros vasos de morfologia diferente, como as do segundo grupo, a que convirá mais a designação de copos.

- | | |
|--|------------------|
| 58. Pucarinho | XVIII |
| <p>Perfil subesférico, bordo curto e alargado sobre colo estrangulado, paredes encurvadas, fundo raso. Pasta homogénea, fina, com feldspato, cor de laranja claro (Methuen 5 A-4); superfície interna alisada e superfície externa com fino engobe castanho alaranjado (Methuen 6B-5) com manchas avermelhadas (Methuen 6C-4). Feito à roda. Cozedura boa.
Diâm. bordo 53 mm, bojo 75 mm e fundo 41 mm; alt. 77 mm.</p> | |
| 59. Pucarinho | XVIII |
| <p>Perfil subesférico, bordo de reduzidas dimensões, colo curto, fundo raso com desvão. Pasta homogénea, fina, com quartzo e feldspato, cor de laranja (Methuen 6A-6); superfícies alisadas. Feito à roda. Cozedura razoável.
Diâm. bordo 53mm, bojo 79 mm e fundo 46 mm ; alt. 78 mm.</p> | |
| 60. Pucarinho | XVIII |
| <p>Perfil subesférico, bordo em aba quase vertical, colo curto, fundo raso. Pasta homogénea, fina, com mica fina e feldspato, cor de laranja (Methuen 6A-6); superfície interna com marcas de roda e externa com engobe vermelho acinzentado (Methuen 7B-6). Feito à roda. Cozedura boa.
Diâm. bordo 67 mm, bojo 104 mm e fundo 56 mm; alt. 110 mm.</p> | |
| 61. Pucarinho | XVIII; XXXVI, 10 |
| <p>Perfil subesférico, bordo curto quase vertical, paredes muito arredondadas, fundo raso. Pasta homogénea, com feldspato e alguma mica, cor de laranja (Methuen 6A-5); superfícies alisadas. Decoração de uma barra com fundo branco amarelado (Methuen 4A-2) ladeada por linhas paralelas e sobreposta por uma série de pequenos círculos de cor castanha avermelhada (Methuen 8D-6). Feito à roda. Cozedura fraca.
Diâm. bordo 56 mm, bojo 88 mm e fundo 43 mm; alt. 83 mm.</p> | |

4.2. *Pocula* (Copos)

Formas fechadas, de perfil em S e pé em bolacha, com duas variantes:

4.2.1. Bojo elíptico, com pé em bolacha pouco destacado e internamente sem depressão no arranque das paredes:

- | | |
|---|-----|
| 62. Copo | XIX |
| <p>Perfil em S alongado, bocal ligeiramente afunilado revirado para o exterior, corpo assimétrico, pé em bolacha. Pasta homogénea, cor de laranja acinzentada (Methuen 6B-5), com feldspato e quartzo; superfície externa com vestígios de alisamento e engobe castanho acinzentado (Methuen 6D-3). Feito à roda. Cozedura razoável.
Diâm. bordo 47 mm, bojo 78 mm e fundo 37 mm; alt. 108 mm.
Sep. B10(8).</p> | |

4.2.2. Bojo ovóide, com pé em bolacha, geralmente côncavo no exterior, e internamente com depressão no arranque das paredes:

- 63. Copo** XIX
 Perfil em S alongado, bordo revirado para o exterior em forma de aba, com espessamento de reforço interno, bocal afunilado, corpo bolboso, pé em bolacha com ligeiro desvão.
 Pasta homogénea, fina, cor de castanho caramelo (Methuen 6C-6), com algumas partículas de quartzo e feldspato; superfície externa alisada e com engobe laranja acastanhado (Methuen 6C-6).
 Feito à roda. Cozedura razoável.
 Diâm. bordo 58 mm, bojo 85 mm e fundo 37 mm; alt. 111 mm.
- 64. Copo** XIX
 Perfil em S alongado, bordo revirado para o exterior em forma de aba, bocal afunilado, corpo bolboso, pé em bolacha com desvão.
 Pasta homogénea, fina, cor de castanho caramelo (Methuen 6C-6), com algumas partículas de quartzo e feldspato; superfície externa alisada e com engobe laranja acastanhado (Methuen 6C-6).
 Feito à roda. Cozedura razoável.
 Diâm. bordo 56 mm, bojo 89 mm e fundo 43 mm; alt. 116 mm.
 Sep. B11(7).
- 65. Copo** XIX
 Perfil em S alongado, bordo revirado para o exterior, bocal ligeiramente afunilado, colo alto, corpo bolboso, pé em bolacha com desvão.
 Pasta homogénea, fina, de cor branca amarelada (Methuen 4A-2), com alguma mica fina; superfície externa alisada, com pintura cor de topázio (Methuen 5C-5).
 Decoração incisa de estrias paralelas no fundo do bojo.
 Feito à roda. Cozedura boa.
 Diâm. bordo 61 mm, bojo 88 mm e fundo 45 mm; alt. 118 mm
- 66. Copo** XIX
 Perfil em S alongado, bordo em aba espessada, colo estrangulado, bojo ovóide, pé em bolacha com desvão.
 Pasta homogénea, porosa, de cor vermelha acinzentada (Methuen 7B-6), com feldspato e quartzo; superfície externa muito deteriorada, com patine cinzenta (Methuen 3E-1), fumigada.
 Feito à roda. Cozedura boa.
 Diâm. bordo 66 mm, bojo 88 mm e fundo 38; alt. 127 mm.
- 67. Copo** XIX
 Perfil em S alongado, bordo horizontalizado na parte superior, lábio vincado, paredes espessas, bojo bolboso, base fina com pé em bolacha de perfil irregular.
 Pasta homogénea, fina, de cor beje claro (Methuen 6A-3) e com patine mais escura (Methuen 6A-4); superfície externa alisada e a interior irregular com estrias.
 Feito à roda. Cozedura boa.
 Diâm. bordo 58 mm, bojo 81 mm e fundo 43 mm; alt. 117 mm.
- 68. Copo** XIX
 Perfil em S alongado, bordo fino lançado para o exterior, colo alto, bojo baixo bolboso, pé em bolacha com desvão.
 Pasta homogénea, fina, com areia e alguma mica fina, de cor laranja acinzentada (Methuen 6B-6); superfícies alisadas.
 Feito à roda. Cozedura razoável.
 Diâm. bordo 55 mm, bojo 85 mm e fundo 45 mm; alt. 101 mm.

Estes recipientes, de dimensões reduzidas, aparentados com a série anterior pela capacidade e eventualmente pela função, relacionam-se também com a variante 2 da série seguinte, dela se distinguindo pela ausência da asa. As características morfológicas, as dimensões e a selecção de pastas, finas e claras, e a presença de finos engobes e até de decoração fazem interpretar este conjunto como de serviço para beber, adaptando-se-lhe, talvez com mais propriedade que para os anteriores, a designação de *pocula*.

Muito frequentes, conhecem-se numerosos paralelos regionais que apontam tendencialmente para cronologias tardo-romanas em torno do séc. IV, como grande parte dos tipos similares da cerâmica comum de Tongobriga (Dias 1995b), entre outros sítios. Paralelos por nós documentados na *villa* romana das Baganheiras (Afife, Viana do Castelo) reportam-se, por achados numismáticos, à mesma época.

5. Lagoenae (Jarros, jarras, cântaras, cantarinhas)

Um conjunto numeroso de formas fechadas com asa, em geral de perfil em S, com boca esvasada de bordos adelgaçados lançados para o exterior e com pé em bolacha, pode agrupar-se em quatro variantes:

5.1. Formas de dimensões reduzidas.

5.1.1. Bojo sub-bitroncocónico, bordo com aba curta, colo estrangulado anguloso, asa na parte superior no prolongamento da aba e fundo raso. Forma representada por um único exemplar:

- 69. Cântara** XX; XXXVI, 3
 Perfil barrilóide, bordo em aba curta oblíqua, colo estrangulado anguloso, fundo raso, arranques de asa de fita (desaparecida).
 Pasta homogénea, com areia fina e mica, cor de laranja (Methuen 5A-5); superfícies alisadas, com vestígios de engobe avermelhado (Methuen 6A-5) e fumigado no exterior.
 Feito à roda. Cozedura boa.
 Diâm. bordo 76 mm, bojo 99 mm e fundo 56 mm; alt. 95 mm.

5.1.2. Bojo ovóide, com pé em bolacha, geralmente côncavo no exterior, e internamente com depressão no arranque das paredes, muito semelhantes, nas formas, pastas e fabrico, às formas simples sem asa anteriormente referidas (nº 63-68).

Singularidades de perfil, como o bojo elíptico (nº 70) ou maior estrangulamento no colo (nº 74), denunciam diversidade de produção artesanal. Uma forma incompleta (nº 73) enquadra-se, pelas características morfotipológicas, nesta variante:

- 70. Cantarinha** XX
 Perfil em S alongado, bordo fino encurvado para o exterior, bojo bolboso, pé em bolacha com desvão, asa de fita no prolongamento do lábio, unindo-o à parte superior do bojo.
 Pasta homogénea, fina, de cor bege (Methuen 6B-4); superfície externa alisada, com engobe castanho alaranjado (Methuen 6C-4).
 Decoração de um ressalto vincado na linha colo/bojo e de uma canelura fina na parte inferior.
 Feita à roda. Cozedura boa.
 Diâm. bordo 60 mm, bojo 94 mm e fundo 51 mm; alt. 128 mm.
 Escavações de 1979 (Silva 1980).
- 71. Cantarinha** XX
 Perfil em S alongado, bordo lançado para o exterior, colo estrangulado, ombros em tronco de cone, bojo bolboso, pé em bolacha com desvão, asa de fita, unindo o bojo à parte superior do colo.
 Pasta homogénea, fina, cor de laranja pálido (Methuen 5A-3), com bastante mica, algum quartzo e feldspato; superfície externa alisada, bastante deteriorada.
 Decoração incisa de uma estria na parte inferior do colo.
 Feita à roda. Cozedura razoável.
 Diâm. bordo 42 mm, bojo 80 mm e fundo 38 mm; alt. 109 mm.
- 72. Cantarinha** XX
 Perfil em S alongado, bordo fino encurvado para o exterior, bojo bolboso, pé em bolacha com desvão, asa de fita no prolongamento do lábio, unindo-o à parte superior do bojo.
 Pasta homogénea, fina, de cor alaranjada (Methuen 5A-4), com alguns elementos de mica fina; superfície externa alisada com engobe laranja acastanhado (Methuen 7C-5).
 Decoração de um ressalto na linha colo/bojo e um vinco na parte inferior do bordo.
 Feita à roda. Cozedura boa.
 Diâm. bordo 52 mm, bojo 83 mm e fundo 43 mm; alt. 119 mm.
- 73. Cantarinha** XX
 Bojo bolboso com arranque de asa, pé em bolacha com desvão. Fracturado pelo colo.
 Pasta homogénea, cor de laranja pálido (Methuen 5A-3), com fragmentos de feldspato e quartzo; superfície externa alisada com engobe alaranjado (Methuen 6A-3).
 Feita à roda. Cozedura má.
 Diâm. bojo 97 mm e fundo 58 mm; alt. frag. 98 mm.
- 74. Cantarinha** XX; XXXVI, 2
 Perfil em S alongado, bocal muito afunilado, ombros em tronco de cone, pé em bolacha com ligeiro desvão, asa de fita que sobe acima do plano bocal descendo perpendicularmente até ao início do bojo.

A NECRÓPOLE ROMANA DE GULPILHARES

Pasta homogénea, fina, cor de laranja claro (Methuen 5A-3), com alguns fragmentos de feldspato e mica preta; superfície externa alisada, com pintura laranja acinzentada (Methuen 6B-5).

Feita à roda. Cozedura boa.

Diâm. bordo 42 mm, bojo 92 mm e fundo 40 mm; alt. 133 mm.

Sep. C31 (60).

Bibliografia: Fortes 1909, fig. 14.

5.2. Formas de maiores dimensões.

5.2.1. Bojo elíptico, com asa de fita irregular na sua parte superior e geralmente no prolongamento do bordo, excepto em dois casos (n^o 75 e 76), com dimensões variáveis, ultrapassando o dobro da capacidade das anteriores:

75. Cântara

XXI

Perfil em S alongado, boca alargada, bordo espessado, lábio horizontalizado na parte superior, colo estrangulado, bojo ovóide, pé em bolacha com desvão, asa de fita, com uma canelura longitudinal no dorso, arrancando dum plano inferior ao bordo para a parte superior do bojo.

Pasta homogénea, cor de laranja claro (Methuen 6A-3), com quartzo, feldspato e mica fina.; superfície externa alisada com engobe cor de laranja acinzentado (Methuen 5B-4).

Decoração de três bandas paralelas pintadas a ocre castanho avermelhado (Methuen 8C-7) sobre fundo branco, no plano inferior da asa.

Feita à roda. Cozedura boa.

Diâm. bordo 62 mm, bojo 101 mm e fundo 48 mm; alt. 136 mm.

Sep. D4(19).

76. Cântara

XXI

Perfil em S alongado, boca alargada, bordo fino, lábio adelgado, bojo ovóide, pé em bolacha com desvão; asa de fita larga, ligando a parte superior do colo ao bojo.

Pasta homogénea, cor de laranja claro (Methuen 5A-5), com feldspato e quartzo; superfície externa alisada e com vestígios de engobe acastanhado (Methuen 6C-6).

Decoração de caneluras paralelas a meio do bojo e no colo.

Feita à roda. Cozedura razoável.

Diâm. bordo 67 mm, bojo 115 mm e fundo 56 mm; alt. 159 mm.

Sep. C26(59).

77. Cântara

XXI

Perfil em S, lábios adelgados para o exterior, colo estrangulado, bojo ovóide, pé em bolacha com ligeiro desvão, asa de fita larga no prolongamento do bordo, unindo-o à parte superior do bojo.

Pasta heterogénea, de cor avermelhada [mais clara: topázio (Methuen 5C-5); mais escura: vermelho tomate (Methuen 8C-8)], com partículas de quartzo e feldspato; superfície externa rugosa com pintura castanha acinzentada (Methuen 8F-3).

Feita à roda. Cozedura boa.

Diâm. bordo 70 mm, bojo 134 mm e fundo 65 mm; alt. 188 mm.

78. Cântara

XXI

Perfil em S alongado, boca afunilada de lábio espessado, colo pouco estrangulado, bojo ovóide, asa fracturada, existindo a parte superior; pé em bolacha com ligeiro desvão.

Pasta homogénea, fina, com bastante feldspato e alguma mica, de cor amarela clara (Methuen 4A-3); superfície externa alisada, com aguada laranja acastanhada (Methuen 7C-6).

Decoração de duas caneluras no colo.

Feita à roda. Cozedura razoável.

Diâm. bordo 66 mm, bojo 128 mm e fundo 57 mm; alt. 160 mm.

79. Cântara

XXI

Perfil em S alongado, bordo espessado e boleado, bojo ovóide, pé em bolacha, asa de fita larga, unindo o bordo à parte superior do bojo.

Feita à roda.

Diâm. bordo 65 mm, bojo 127 mm e fundo 55 mm; alt. 182 mm.

Obs.: Desenho de arquivo, 1980, actualmente não referenciada.

80. Cântara

XXI

Perfil em S alongado, ombros em tronco de cone, pé em bolacha com ligeiro desvão, asa de fita larga, com estrias no dorso, descendo do plano bocal até ao início do bojo.

Pasta homogénea, fina, alaranjada (Methuen 6B-5), com bastantes fragmentos de quartzo e feldspato; superfície externa bem alisada, cor de laranja claro (Methuen 6A-6).

Decoração de três estrias na base do colo.

Feita à roda. Cozedura boa.
Diâm. bordo 72 mm, bojo 137 mm e fundo 65 mm; alt. 178 mm.

- 81. Cântara** XXII
Perfil em S alongado, bocal ligeiramente afunilado com lábios adelgaçados, ombros arredondados e descaídos, pé em bolacha com ligeiro desvão, asa de fita larga descendo perpendicularmente do plano bocal para o bojo. Pasta homogénea, fina, cor de laranja claro (Methuen 5A-3), com elementos de quartzo, feldspato e mica; superfície externa alisada e com engobe alaranjado (Methuen 5A-4).
Feita à roda. Cozedura fraca.
Diâm. bordo 60 mm, bojo 124 mm e fundo 50 mm; alt. 173 mm.
- 82. Cântara** XXII
Perfil em S alongado, bordo espessado, lábio vincado no exterior, bojo bolboso, pé em bolacha com ligeiro desvão, asa de fita descendo perpendicularmente do plano bocal até ao início do bojo. Pasta homogénea, grosseira, cor de topázio (Methuen 5C-5), com algum quartzo, feldspato e mica; superfície externa alisada, com vestígios de fumigação, muito deteriorada.
Decoração de duas estrias paralelas no plano entre o colo e o bojo.
Feita à roda. Cozedura razoável.
Diâm. bordo 66 mm, bojo 124 mm e fundo 63 mm; alt. 167 mm.
- 83. Cântara** XXII, XXXVIII (fot.)
Perfil em S alongado, irregular, lábio fino boleado, colo estrangulado, bojo bolboso, pé em bolacha, asa de fita, irregular, descendo do bordo para a parte superior da pança. Pasta homogénea, depurada, de cor alaranjada (Methuen 6E-8).
Decoração profusa no colo e no bojo. O colo é circundado por um meandro branco sobreposto por feixes de linhas negras (Methuen 6F-3) e castanhas (Methuen 6D-5); a meio do bojo, num plano inferior à asa, é decorado por uma larga barra com base branca sobreposta por duas bandas de meandros, a superior sobre riscas paralelas castanhas (Methuen 6D-5), ladeando uma série de quadrados unidos pelos lados e divididos em triângulos pelas diagonais, marcados por tracejado.
Feita à roda. Cozedura boa.
Diâm. bordo 76 mm, bojo 160 mm e fundo 82 mm; alt. 218 mm.
Escavações de 1979 (Silva 1980).
- 84. Cântara** XXII; XXXVII, 1
Perfil em S alongado, bocal afunilado, ombros em tronco de cone, pé em bolacha com desvão, asa de fita larga, com uma reentrância interior e uma saliência longitudinal no dorso, descendo do plano bocal até ao início do bojo. Pasta homogénea, cor de laranja avermelhado (Methuen 7B-7), com fragmentos de quartzo e feldspato; superfície externa alisada e com vestígios de engobe vermelho acastanhado (Methuen 8C-6) e com pintura castanha acinzentada (Methuen 8F-3).
Feita à roda. Cozedura boa.
Diâm. bordo 62 mm, bojo 137 mm e fundo 69 mm; alt. 172 mm.
Bibliografia: Fortes 1909: Fig.10.

5.2.2. Bojo elíptico, com perfil em S pouco pronunciado, de bordo menos lançado para o exterior, com paredes direitas de forma tubular:

- 85. Cântara** XXIII
Perfil em S alongado, bocal afunilado e estreito, lábio curto boleado, ombros em tronco de cone, pé em bolacha, asa de fita larga, descendo do plano bocal até ao início do bojo. Pasta homogénea, grosseira, cor de topázio (Methuen 5C-5), com algum quartzo, feldspato e mica; superfície externa alisada, com vestígios de fumigação, muito deteriorada.
Decoração incisa de uma canelura na parte inferior do colo.
Feita à roda. Cozedura boa.
Diâm. bordo 60 mm, bojo 148 mm e fundo 75 mm; alt. 187 mm.
- 86. Cântara** XXIII
Perfil em S alongado, bordo adelgado levemente inclinado para o exterior, colo curto de paredes direitas, bojo de perfil elíptico, pé em bolacha com desvão, asa de fita larga, descendo do bordo para a parte superior do bojo.
Decoração de duas caneluras paralelas no colo.
Feita à roda.
Diâm. bordo 50 mm, bojo 114 mm e fundo 56 mm, alt. 159 mm.
Obs.: Desenhada em 1973, actualmente não referenciada.
- 87. Cântara** XXIII
Perfil em S alongado, bordo espessado, bojo ovóide, pé em bolacha com ligeiro desvão, asa de fita boleada

A NECRÓPOLE ROMANA DE GULPILHARES

descendo obliquamente do bordo para a parte superior do bojo.
Pasta homogénea, de cor alaranjada clara (Methuen 6A-5); superfícies alisadas.
Feita à roda. Cozedura má.
Diâm. bordo 62 mm, bojo 126 mm e fundo 53 mm; alt. 184 mm.

- 88. Cântara** XXIII
Perfil em S alongado, bordo adelgado com lábio boleado, colo tubular de paredes direitas, bojo subsférico, pé em bolacha, asa de fita, descendo do plano bocal até aos ombros.
Pasta homogénea, depurada, com areia fina e rara mica, cor de laranja (Methuen 6E-8); superfície externa alisada e com engobe laranja acastanhado (Methuen 7C-6).
Decoração de uma canelura na parte inferior do colo.
Feita à roda. Cozedura boa.
Diâm. bordo 42 mm, bojo 154 mm e fundo 84 mm; alt. 216 mm.

5.2.3. Bojo alargado, de paredes menos encurvadas na parte superior, aproximando-se as dimensões do diâmetro das da altura:

- 89. Cântara** XXIV
Perfil em S alongado, bordo curto biselado no interior, ombros em tronco de cone, pé em bolacha com desvão, asa de fita larga descendo do plano bocal até ao início do bojo. Apresenta uma amolgadela no bojo, certamente resultante de encosto antes da secagem.
Pasta homogénea, cor de laranja claro (Methuen 6A-3), com grandes partículas de quartzo e feldspato; superfície externa alisada, com engobe laranja acastanhado (Methuen 6B-5).
Decoração de quatro estrias, duas na parte exterior do lábio e duas na parte inferior do colo e duas faixas de pintura vermelha (Methuen 7C-6) sobre base branca no bojo.
Feita à roda. Cozedura boa.
Diâm. bordo 63 mm, bojo 153 mm e fundo 73 mm; alt. 186 mm.

- 90. Cântara** XXIV
Perfil em S alongado, bocal afunilado, ombros em tronco de cone, pé em bolacha, asa em fita de superfícies irregulares, com larga nervura no dorso ladeada de duas caneluras assimétricas, descendo do plano bocal até ao início do bojo.
Pasta homogénea, cor de laranja claro (Methuen 5A-4), com quartzo e feldspato; superfície externa alisada e com engobe laranja acastanhado (Methuen 6C-6).
Decoração incisa de uma canelura horizontal sob a aba do bordo e outra no plano colo/bojo sobreposta por zigzague irregular.
Feita à roda. Cozedura boa.
Diâm. bordo 65 mm, bojo 121 mm e fundo 61 mm; alt. 148 mm.

- 91. Cântara** XXIV
Perfil em S alongado, colo largo, ombros arredondados com vinco a separá-los do colo, pé em bolacha, arranques de asa que unia o bordo ao meio do bojo.
Pasta homogénea, cor de laranja claro (Methuen 5A-5), com algum feldspato e quartzo; superfície externa alisada e com vestígios de engobe acastanhado (Methuen 6C-C).
Decoração no colo com uma barra de estrias verticais entre caneluras horizontais, duas na parte inferior e uma na superior.
Feita à roda. Cozedura razoável.
Diâm. bordo 77 mm, bojo 116 mm e fundo 58 mm; alt. 142 mm.

- 92. Cântara** XXIV; XXXVI, 5
Perfil em S alongado, ombros arredondados com um vinco saliente no plano colo/bojo, pé em bolacha com ligeiro desvão, asa de fita que sobe acima do plano bocal e desce até aos ombros.
Pasta homogénea, cor de laranja claro (Methuen 5A-3), com bastante feldspato, algum quartzo e mica fina; superfície externa alisada e com engobe cor de laranja acinzentado (Methuen 5B-5).
Decoração incisa de uma estria no colo.
Feita à mão. Cozedura razoável.
Diâm. bordo 70 mm, bojo 131 mm e fundo 62 mm; alt. 151 mm.

Estas diversas formas têm em comum uma morfologia adaptada a vazar líquidos, convindolhes a designação latina de *lagoenae*. Observa-se-lhes esmero na aparência externa, com engobes, sendo frequente a presença de decoração, que vai desde a simples canelura a expressões elaboradas de pintura policromática (nº 83). Nas peças de maior capacidade, para aumento de resistência, foram escolhidas pastas adequadas e dado maior espessamento.

Formas muito vulgarizadas da romanização, assinalamos, a título exemplar, ocorrências várias na região, nomeadamente nas necrópoles da bacia do rio Sousa (Silva 1986b) e Tâmega (Dias 1995b).

6. *Oinochoai* (Jarros de bocal trilobado)

Outra série de jarros é formado pelos característicos vasos de bocal trilobado, asa de fita larga, em geral canelada no dorso, ligando o bordo à parte superior do bojo, e fundo raso, de que destacamos três variantes segundo a morfologia do perfil:

6.1. Bojo bitroncocónico:

93. Jarro de bocal trilobado XXV
 Perfil em S irregular, bocal trilobado, lábio adelgado e vincado, colo destruído, bojo bitroncocónico, fundo raso, asa de fita larga com sulco longitudinal no dorso.
 Pasta homogénea, de cor alaranjada (Methuen 7B-5), com patine acinzentada (Methuen 7C-4).
 Decoração de uma canelura no plano inferior da asa.
 Feito à roda. Cozedura má.
 Diâm. bordo 70 mm, bojo 166 mm e fundo 85 mm; alt. 212 mm.

94. Jarro de bocal trilobado XXV
 Perfil em S alongado, bocal trilobado, colo estrangulado com uma nervura, bojo bitroncocónico, fundo raso, asa de fita larga descendo do plano bocal até ao início do bojo.
 Pasta homogénea, cor de laranja (Methuen 6A-4), com feldspato e muita mica; superfície externa alisada e com pintura castanha acinzentada (Methuen 6E-3).
 Feito à roda. Cozedura razoável.
 Diâm. bordo 70 mm, bojo 172 mm e fundo 83 mm; alt. 230 mm.

95. Jarro de bocal trilobado XXV
 Perfil em S alongado, bocal trilobado, bojo bitroncocónico, fundo raso, asa de fita larga, espatulada de um dos lados, partindo do plano bocal até meio dos ombros.
 Pasta homogénea, cor de laranja acastanhado (Methuen 7C-4), depurada, com grãos de feldspato e alguma mica; superfície externa alisada e com vestígios de engobe avermelhado (Methuen 7A-4).
 Feito à roda. Cozedura razoável.
 Diâm. bordo 70 mm, bojo 175 mm e fundo 80 mm; alt. 241 mm.

96. Jarro de bocal trilobado XXV
 Perfil em S alongado, bordo trilobado, espatulado, ombros em tronco de cone, bojo bolboso, fundo raso, asa de fita larga golpeada no dorso, descendo do plano bocal até ao início do bojo.
 Pasta homogénea, cor de laranja (Methuen 5A-4), com bastante feldspato e alguma mica fina; superfície externa alisada e com engobe laranja acastanhado (Methuen 7C-6), fumigada.
 Feito à roda. Cozedura boa.
 Diâm. bordo 60 mm, bojo 157 mm e fundo 85 mm; alt. 232 mm.

6.2. Bojo subsférico:

97. Jarro de bocal trilobado XXVI
 Perfil em S alongado, anguloso, bocal trilobado espatulado interiormente, colo tubular, estreito e curto, distinto do bojo por um ressalto, bojo subsférico, fundo raso com ligeiro desvão, asa de fita larga golpeada no dorso, descendo do plano bocal para o meio dos ombros.
 Pasta homogénea, grosseira, de cor cinzenta acastanhada (Methuen 5D-2), com grânulos de feldspato e quartzo; superfície externa alisada.
 Um grafito, ilegível, no bojo.
 Feito à roda. Cozedura razoável.
 Diâm. bordo 68 mm, bojo 161 mm e fundo 90 mm; alt. 190 mm.

6.3. Bojo subcilíndrico:

98. Jarro de bocal trilobado XXVI
 Perfil barrilóide, pequeno bocal trilobado, colo estreito e troncocónico nos ombros, bojo alargado subcilíndrico, estreitando para a base, fundo raso, asa de fita, com um sulco longitudinal no dorso, unindo o plano bocal aos ombros.
 Feito à roda. Cozedura boa.

Pasta homogénea, depurada, com areia fina e rara mica, cor de laranja (Methuen 6A-4); superfície externa alisada e com engobe acastanhado (Methuen 6B-3).
Diâm. bordo 50 mm, bojo 128 mm e fundo 87 mm; alt. 200 mm.

99. Jarro de bocal trilobado

XXVI

Perfil barrilóide, bocal trilobado, colo estrangulado, bojo subcilíndrico, pé em bolacha, asa de fita boleada com sulco longitudinal no dorso.
Pasta homogénea, de cor rosada (Methuen 5A-5).
Feito à roda. Cozedura boa.
Diâm. bordo 60 mm, bojo 149 mm e fundo 86 mm; alt. 224 mm.

Este tipo de vaso está bem representado em numerosas estações com grande diversidade nos perfis do bojo e nos estrangulamentos dos lóbulos da boca, a apontar para diferentes centros de produção. Podem documentar-se, v.g., paralelos, no Entre-Douro e Minho, em Vila Verde, Bagunte, Vila do Conde (Severo 1908b), Monte Penouço, Rio Tinto, Gondomar (Severo 1908a), Monte Mozinho (Almeida 1974; Soeiro 1984) e várias necrópoles do Vale do Sousa e do Tâmega (Fortes 1908a, Soeiro 1984, Silva 1986b, Dias 1995b), em Conimbriga (Alarcão 1974a) e no Alto Alentejo (Nolen 1985).

Da particularidade da sua morfologia deduz-se uma função de serviço de mesa, para verter líquidos com certo cuidado para recipientes menores, podendo associar-se ao consumo do vinho. Convir-lhes-á, assim, a designação de origem graga de *oinochoai*.

7. Ampullae (Bilhas)

Formas fechadas, com colo tubular e boca em anel, asa de fita na parte superior do bojo ligada ao colo ou ao anel do bordo e pé raso ou em bolacha, com três variantes:

7.1. Bojo ovóide, pé em bolacha e bocal em anel troncocónico (nº 100-102) ou anel côncavo (nº 103-104):

100. Bilha

XXVII

Perfil periforme, bordo em anel, colo estreito e alongado, bojo bolboso, pé em bolacha, asa de fita com reentrância no dorso, ligando o colo ao bojo.
Pasta homogénea, de cor beje (Methuen 5B-3).
Decoração de uma barra pintada a ocre (Methuen 7D-6), junto à base.
Feito à roda. Cozedura boa.
Diâm. bordo 18 mm, bojo 79 mm e fundo 46 mm; mm; alt. 123 mm.

101. Bilha

XXVII

Perfil periforme, bocal anelar, bojo bolboso, pé em bolacha, asa em toro com canelura longitudinal no dorso, unindo o colo à parte superior do bojo e com um botão junto ao bocal para apoio do polegar.
Pasta homogénea, cor de laranja claro (Methuen 6A-5), com muitos grãos de quartzo e feldspato e alguma mica fina; superfície externa alisada, em muito mau estado de conservação.
Decoração de duas estrias no anel.
Feita à roda. Cozedura razoável.
Diâm. bordo 30 mm, bojo 120 mm e fundo 68 mm; alt. 183 mm.

102. Bilha

XXVII; XXXVI, 6

Perfil periforme, bordo em anel estriado com duas caneluras horizontais, colo estreito, bojo bolboso, pé em bolacha com ligeiro desvão circundado por canelura, asa em toro com depressão longitudinal no dorso.
Pasta homogénea, de cor alaranjada clara (Methuen 5A-2), com algum feldspato, quartzo e mica fina em grande quantidade; superfície externa, com vestígios de alisamento e engobe cor de laranja (Methuen 5A-4), muito deteriorada.
Feita à roda. Cozedura boa.
Diâm. bordo 40 mm, bojo 130 mm e fundo 77 mm; alt. 204 mm.
Bibliografia: Fortes 1909: Fig. 12.

103. Bilha

XXVII

Perfil em S, bocal anelar, colo tubular, bojo bolboso, pé em bolacha, asa de fita larga, com canelura longitudinal no dorso, unindo a parte inferior do anel aos ombros, e com um botão junto ao bocal para apoio do polegar.
Pasta homogénea, de cor castanha avermelhada (Methuen 7D-6), com grãos de areia dispersos; superfície externa alisada, espatulada verticalmente no colo, e com pintura no bojo.
Decoração bicromática de duas barras brancas limitadas por traços castanho-avermelhados (Methuen 7D-6) e sobrepostas por meandros da mesma cor.
Feita à roda. Cozedura boa.
Diâm. bordo 55 mm, bojo 160 mm e fundo 84 mm; alt. 238 mm.

- 104. Bilha** XXVII
 Perfil em S, com bordo em boião largo, colo alongado e estreito, bojo bolboso, pé em bolacha com desvão, arranques de asa de fita (desaparecida), que unia o plano bucal ao bojo.
 Pasta homogénea, depurada, de cor alaranjada (Methuen 7B-4).
 Feita à roda. Cozedura boa.
 Diâm. bordo 44 mm, bojo 123 mm e fundo 51 mm; alt. 230 mm.
 Bibliografia: Fortes 1909: Fig. 13.

7.2. Bojo subesférico, muito alargado, pé em bolacha e boca em anel côncavo:

- 105. Bilha** XXVIII
 Perfil subesférico, bucal anelar, bojo alargado, pé em bolacha, asa de fita com dupla canelura no dorso e botão para apoio do polegar.
 Pasta homogénea, fina, com feldspato e mica, de cor de laranja (Methuen 6A-6) com manchas de laranja acinzentado (Methuen 6B-6); superfície externa alisada.
 Decoração de barras paralelas pintadas a ocre alaranjado (Methuen 8C-7), deteriorada.
 Feita à roda. Cozedura boa.
 Diâm. bordo 45 mm, bojo 175 mm e fundo 92 mm; alt. 211 mm.

- 106. Bilha** XXVIII
 Perfil subesférico, bucal anelar, bojo alargado, pé em bolacha com ligeiro desvão, asa de fita irregular, unindo a parte inferior do anel aos ombros.
 Pasta homogénea, de cor bege (Methuen 5B-3); superfície externa alisada.
 Bojo perfurado e com vestígios de grafito.
 Feita à roda. Cozedura razoável.
 Diâm. bordo 58 mm, bojo 180 mm e fundo 78 mm; alt. 248 mm.

7.3. Bojo subtruncocónico e ombros direitos, pé raso ou com ligeiramente desvão e bucal em aro côncavo ou de vinco saliente. Uma forma incompleta (nº 107), pelo perfil das paredes, integra-se nesta variante.

- 107. Bilha** XXIX
 Perfil subtruncocónico, colo estrangulado, bojo alongado, de paredes quase direitas, adelgaçando para a base, fundo raso. Fracturada pelo colo.
 Pasta homogénea, de cor bege avermelhada (Methuen 6B-4).
 Decoração no bojo de quatro barras horizontais castanho avermelhadas (Methuen 8D-5).
 Na parte superior da pança apresenta um grafito, deteriorado, de difícil leitura.
 Feita à roda. Cozedura boa.
 Diâm. bojo 132 mm e fundo 82 mm; alt. frag. 140 mm.
 Recolha de 1987.

- 108. Bilha** XXIX
 Perfil subtruncocónico, boca anelar, colo estrangulado, bojo alongado de paredes quase direitas, fundo raso com ligeiro desvão, asa de fita grossa com depressão longitudinal no dorso e botão para apoio do polegar.
 Pasta homogénea, fina, com bastante feldspato, de cor vermelha acastanhada (Methuen 8C-6); superfície externa muito alisada.
 Decoração, na quase totalidade da superfície externa, com sulcos em ziguezague no colo e pintura policroma de barras paralelas, castanhas (Methuen 7B-5), vermelho alaranjadas (Methuen 7C-4) e brancas, limitadas por círculos alaranjados (Methuen 7C-4) sobrepostas por tracejado e meandros.
 Feita à roda. Cozedura razoável.
 Diâm. bordo 40 mm, bojo 140 mm e fundo 86 mm; alt. 249 mm.
 Depósito: Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.
 Bibliografia: Correia 1928: 288-289 (Fig.); Table ronde 1974: 158.

- 109. Bilha** XXIX; XXXVII, 4
 Perfil subtruncocónico, bordo em aro com rebordo exterior no lábio, colo estrangulado, bojo subcilíndrico estreitando para a base, fundo raso, asa de fita larga com canelura no dorso e botão para apoio do polegar junto ao bucal.
 Pasta homogénea, cor de laranja acastanhada (Methuen 7C-5), com grãos de feldspato e quartzo de grandes dimensões; superfície externa alisada.
 Decoração no bojo de cinco barras paralelas pintadas em duas cores, umas a castanho avermelhado (Methuen 9E-8) e outras a amarelo claro (Methuen 4A-3).
 Feita à roda. Cozedura razoável.
 Diâm. bordo 51 mm, bojo 137 mm e fundo 85 mm; alt. 244 mm.
 Bibliografia: Fortes 1909: Fig. 16.

Neste conjunto de peças de serviço de mesa denota-se especial cuidado na sua confecção, com particularidades morfológicas e decorativas, onde sobressai um aplique no arranque superior da asa para colocação do polegar, a facilitar o manuseamento, em alguns exemplares, e a decoração de barras paralelas pintadas (nº 105, 107-108). A forma incompleta (nº 107), além da pintura, apresenta um grafito em escrita cursiva tardo-romana, de difícil leitura, mas certamente antropónimo, relacionado com o proprietário.

A diversa capacidade destes recipientes, designados por *ampullae*, pode sugerir armazenamento de diferentes conteúdos, sendo notória a exiguidade de dimensões do exemplar nº 100. Em todo o caso, o estrangulamento do bocal, fácil de obturar, manifesta cuidado na preservação dos líquidos a que eram destinados.

A vulgarização desta forma, em numerosos fabricos e com variantes de perfil e dimensões, reconhece-se na bibliografia das estações romanizadas (v.g., Alarcão 1974, Soeiro 1984, Nolen 1985, Silva 1986b, Dias 1995a e 1995b).

8. Vasos de duas asas simétricas

Neste grupo incluem-se as formas fechadas, de perfil bitroncocónico, pé em bolacha, e duas asas opostas simétricas, com as seguintes variantes:

8.1. *Ampulla*

Colo tubular estreito, de paredes direitas, e fundo raso. Variante representada por um exemplar incompleto:

110. *Ampulla de duas asas simétricas*

XXX

Perfil sub-bitroncocónico, bojo bolboso, colo adelgado, fundo raso, arranques inferiores das asas na parte média da pança.

Pasta homogénea, depurada, com areia fina e rara mica, de cor cinzenta clara (Methuen 1B-2); superfície externa alisada e com engobe acinzentado (Methuen 4B-2).

Feita à roda. Cozedura boa.

Diâm. bojo 120 mm e fundo 64 mm; alt. frag. 136 mm.

8.2. *Pocula*

Boca alargada, colo exíguo levemente estrangulado, bojo carenado e fundo em bolacha. Forma reconstituída de exemplar perdido a partir das referências do relatório manuscrito (Fortes 1908a) e da fotografia publicada (Fortes 1909):

111. *Púcaro de duas asas simétricas*

XXX

Perfil bitroncocónico, boca estreita, com bordo fino revirado para o exterior, bojo alargado, com um vinco de carena na parte média, no seu maior diâmetro, pé em bolacha, asas de fita, simétricas, ligando o bordo à parte superior do bojo sobre a carena.

Apresenta um grafito no colo com a legenda *Severa vivas* em escrita cursiva tardo-romana.

Feito à roda.

Diâm. bordo 120 mm; alt. 125 mm.

Bibliografia: Fortes 1909: Fig 18; Brandão 1963: Fig. 3; Almeida 1973: 23-24, Est. II,1.

8.3. Boca alargada, colo cilíndrico alongado e pé em bolacha:

112. *Púcaro de duas asas simétricas*

XXX

Perfil em S, bordo espessado, colo estrangulado, bojo bitroncocónico, pé em bolacha com ligeiro desvão, asas de fita, simétricas, ligando a parte superior do colo a meio do bojo.

Pasta homogénea, depurada, de cor bege (Methuen 5C-2); superfície externa alisada e com engobe avermelhado (Methuen 8D-5).

Decoração de três caneluras horizontais, duas limitando o colo e outra a meio do bojo; o colo tem sulcos verticais aplicados no engobe e a parte superior do bojo, entre caneluras, um zigzag aplicado sobre estrias oblíquas.

Feito à roda. Cozedura boa.

Diâm. bordo 72 mm, bojo 98 mm e fundo 38 mm; alt. 105 mm.

Depósito: Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.

8.4. Anforetas

Esta forma está representada por dois exemplares, um dos quais perdido mas documentado fotograficamente (Fortes 1909: Fig 15), sendo referida no relatório manuscrito (Fortes1908a) como sendo uma espécie de *ampulla* com duas asas.

113. Anforeta

XXXI; XXXVII, 3

Perfil barrilóide, bocal anelar, colo tubular estrangulado, bojo subcilíndrico, fundo em bolacha com rebordo e com uma canelura circular na face de assentamento, duas asas de fita irregular, simétricas, unindo o anel aos ombros.

Pasta homogénea, depurada, de cor beje alaranjada (Methuen 6D-7); superfície externa alisada e gretada, de má secagem.

Decoração de finas estrias no colo e uma canelura nos ombros.

Feita à roda. Cozedura má.

Diâm. bordo 240 mm, bojo 92 mm e fundo 82 mm; alt. 228 mm.

Bibliografia: Fortes 1909: Fig. 17.

114. Anforeta

XXXI; XXXVII, 2

Perfil subcilíndrico, bocal anelar, colo tubular, fundo estrangulado em tronco de cone, duas asas de fita irregular, simétricas, unindo o anel aos ombros. Fracturada pelo colo.

Decoração no bojo de duas barras brancas limitadas por linhas castanho avermelhadas e sobrepostas, na zona média, por zigzague da mesma cor.

Diâm. bordo 46 mm, bojo 138 mm e fundo 95 mm; alt. 290 mm.

Bibliografia: Fortes 1909: Fig. 15.

Obs.: Desenho de arquivo, 1980, actualmente não referenciada.

A presença de duas asas simétricas nestes exemplares, mais do que processos de prensão, consideramo-los como elementos decorativos das formas que, de resto, são embelezadas por outros tratamentos ornamentais.

A escassez de exemplares destas formas no conjunto do espólio cerâmico desta necrópole, que conta também com poucos paralelos regionais, pode atribuir-se à sua aparente menor funcionalidade nos hábitos desta área em contraste com a sua frequência noutras zonas, v.g., do Sul do país.

Lucernas

Destacam-se deste conjunto cerâmico duas lucernas completas, as únicas que nos chegaram das antigas escavações de J. Fortes:

115. Lucerna

XXXIII

Lucerna intacta, de bico redondo sem volutas e sem separação do disco.

Reservatório de planta circular, em calote, de pé em bolacha com uma canelura na base.

Disco côncavo, moldurado, com orifício central de alimentação, e uma coroa circular decorada com alinhamentos concêntricos de esférulas.

Asa de tipo Ponsich 8, com três caneluras longitudinais que terminam em palmeta na parte inferior.

Pasta homogénea, depurada de cor beje (Methuen 5C-3).

Feita a molde. Cozedura boa.

Dimensões: comp. 112 mm, diâm. 82 mm, alt. 37 mm.

Bibliografia: Fortes 1909: Fig. 21.

Sep. C31(60).

116. Lucerna

XXXIII

Lucerna completa, de bico redondo sem volutas e com separação do disco.

Reservatório de planta circular, em calote, de pé em bolacha com uma canelura na base.

Disco decorado na zona central com um Febo, radiado, de braços levantados e vestido com túnica e manto, envolvido por uma coroa circular exterior ornamentada com motivos fitomórficos.

Asa de tipo Ponsich 8, com duas caneluras longitudinais no dorso.

Pasta homogénea, depurada de cor acinzentada (Methuen 5B-1) revestida de espesso engobe de cor beje (Methuen 5B-4).

Feita a molde. Cozedura má.

Dimensões: comp. 126 mm, diâm. 83 mm, alt. 36 mm.

Bibliografia: Fortes 1909: Fig. 20; Brandão 1963: Fig. 4.

Sep. B9(9)

Além destes, foram encontrados mais três exemplares fragmentários, desaparecidos, que são assim descritos por J. Fortes:

"1 - Muito incompleta, barro vermelho, mal preparado; o estado precário não faculta uma descrição pormenorizada, mas parece que a forma geral foi calcada sobre os tipos clássicos. *Infundibulum* aproximadamente circular com os

diâmetros de 64 e 67 mm; *discus* convexo, com orifício central; *manubrium* anular; falta o *rostrum*. Sem relevos e anepigráfica.

2 - Pequena candeia (*lucernula*) de barro fino, amarelado; falta-lhe mais de metade do *rostrum* que ainda assim parece ser exíguo, pouco saliente e semicircular. No tampo, côncavo ao centro e com orifício descentrado, assim como na base exibem-se bastantes ornatos relevados mas já muito delídos: sobre o *discus*, emoldurados numa grinalda de florões, dois personagens de sexo diferente parecendo em atitude de adoração ante um altar, à direita; uma circunferência de glóbulos ornamenta o fundo da lâmpada. Sobre o *discus*, de 63 mm, levanta-se o *manubrium* apenas perfurado.

3 - Muito incompleta a que faltam mais de metade do *discus*, todo o *manubrium*, o fundo e o *myxus*. Sobre o côncavo da porção subsistente do *discus* uma *Victoria* alada (?) de frente, braços abertos segurando objectos indistintos; na periferia, talvez um enfeite em corda. Diâmetro do *discus* 78 mm."

As lucernas descritas, de manifesto paralelismo estrutural, podem incluir-se no tipo 24, *fat globular (Kugelform) lamps*, do inventário de Cosa, Itália, com correspondência a Bailey R, Dressel 30, Leibundgut XXXV, Provoost 4, Zaccaria Ruggiu 4, com particular analogia entre a lucerna com esférulas nº 115 de Gulpilhares e a nº 1055 (Fig. 113) de Cosa, datada esta entre os finais do século III e os princípios do século V, em conformidade com a cronologia de numerosos exemplares deste tipo aparecidos por todo o Império romano (Fitch-Goldman 1994: 205-206), aproximando-se do grupo B - II,7 de Conimbriga, a que se reconhece uma cronologia tardia, datável do séc. IV (Alarcão et alii 1976: 99).

Também para a decoração se podem encontrar paralelos igualmente em Conimbriga, onde se referenciam exemplares afins, com esférulas na orla (Belchior 1969: Est. XXIII, 1, 2; Alarcão et alii 1976: Pl. XXVI, 64, 66) e a representação heliolátrica (Belchior 1969: XXIII, 3), que se adapta sobremaneira à função e simbologia deste objecto. Do mesmo modo, as outras temáticas iconográficas, interpretadas por J. Fortes como uma possível cena de adoração e uma *Vitória* alada se adequam à expressão mitológica frequentemente representada em peças de *sigillata* e numismática.

Sigillata

Foi apenas recolhido em 1987, por ocasião da caterpilagem da área Norte da necrópole, uma forma de *sigillata* clara D, que teria aparecido associada a duas tigelas, que imitam a forma Drag. 37 (nº 46-47, Est. XIV), e uma bilha com um grafito (nº 107, Est. XXIX), que compunham o espólio de uma sepultura com paredes de tijolo.

Estes dados, ainda que resultando de exumação fortuita, são de considerar, neste caso, sobretudo pelo seu valor de indicação cronológica e de relações a longa distância.

Ao mesmo contexto se reportará a peça nº 32 (Est. XI), das antigas escavações de J. Fortes (1908a), que se entende como imitação da forma 67 da classificação Hayes (1972: 114), e "um fragmento exíguo de um prato de barro finíssimo, dum vermelho vivo e excelente fabrico, com círculos incusos no fundo interno" aparecido na sepultura B7(11) que, se adequa às características de algumas formas de SCD presentes na região (Naveiro 1991).

Largo prato, forma 49 de *sigillata* clara D da classificação de J. W. Hayes (1972: 67-69; 1980). De importação provavelmente norte-africana, distancia-se, pelo apuramento do fabrico, características morfológicas, de paredes arqueadas e com pé, e ainda pelas dimensões, das variantes referidas de cerâmica comum. Esta forma interpreta-se como de utilização em serviço de mesa.

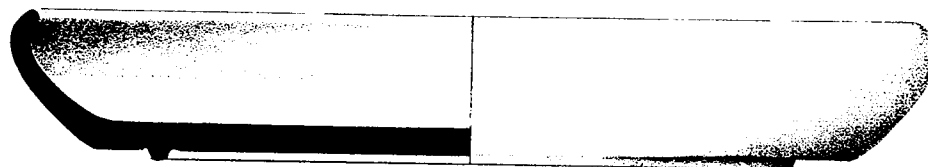


Fig.3

1:2

Largo prato

Bordo encurvado, lábio adelgado levemente reentrante; paredes baixas encurvadas para o interior, pé curto em largo anel.

Pasta homogénea, depurada, de argila magra com areia fina, quartzítica, de cor avermelhada (Methuen 7D-7).

Decoração com pintura espessa castanha avermelhada (Methuen 7E-7) interna e externamente.

Feito à roda. Cozedura boa.

Diâm. bordo 271 mm e fundo 188 mm; alt. 44 mm.

Recolha de 1987.

Moedas

Em mau estado de conservação encontram-se no Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto duas das sete moedas de bronze que compunham o conjunto numismático deste cemitério, assim reclassificadas a partir das indicações manuscritas:

1. Nummus de Delmatius Caesar (Constantino I), Arles, 336.
 A - FL DELMA-TIVS NOB C
 Busto laureado à direita com manto e couraça

 R - GLORIA EXERC-ITVS (1 estandarte)
 Ref.: RIC VII 339.
2. Nummus de Constans, Roma, 337 - Abril 340.
 A - [DN FL] CONSTANS AVG
 Busto laureado e com diadema à direita, com manto e couraça

 R - GLORIA EXERC-ITVS (1 estandarte)

Diversos

As outras moedas são descritas como sendo "um médio bronze, nº 6 da escala numismática de Mionnet, absolutamente fruste, em que se não se percebe nem os tipos, nem as legendas do anverso e reverso; um pequeno bronze, nº 4 da escala, onde apenas se decifra a fórmula final do nome do Imperador - P.F. AVG; três outros de tal modo cerceados que as legendas desapareceram por completo".

Certamente destinados a fins rituais, seriam dois frascos de vidro, um dos quais desaparecido antes da intervenção de J. Fortes, e outro, irreconstituível, descrito como um unguentarium, de vidro incolor.

Duas lascas de sílex amarelo escuro, descobertas numa sepultura e interpretadas como fusis para produzir fogo necessário à "candeia para iluminar a treva da sombria morada", completam o conjunto do espólio funerário da necrópole romana de Gulpilhares.

Na grande maioria dos casos, o essencial, senão a totalidade do material funerário terá sido depositado no interior do receptáculo sepulcral, à volta do corpo.

O exame do *facies* funerário característico do Baixo Império, tal como foi reconhecido em algumas províncias, mostra, com efeito, que a baixela funerária colocada nas sepulturas está praticamente sempre colocada à cabeça e aos pés do cadáver, sendo os pés a localização preferencialmente escolhida (Young 1977: 38).

Não havendo registo deste pormenor, excepto para a sepultura C38(23), relativamente ao grande conjunto das sepulturas de Gulpilhares escavadas em 1908, esta informação corresponde, porém, à observação feita na sepultura estudada em 1979, onde se verificou que o espólio estava depositado aos pés do defunto (Silva 1980).

A deposição de ofertas alimentares em sepulturas, tanto de incineração como de inumação, é um fenómeno bem testemunhado durante toda a época romana. No Baixo Império, este costume traduz-se, geralmente, na colocação em sepulturas de inumação de alimentos sólidos ou líquidos em recipientes de cerâmica ou de vidro (Böhme 1974: 133-136; Young 1977: 37-38; Galliou 1989: 57).

Não se tendo conservado registo de qualquer oferenda alimentar em nenhuma sepultura, a sua natureza só poderá ser determinada a partir da interpretação funcional dos recipientes onde estariam depositadas.

Com excepção para dois frascos de vidro, que se destinariam certamente a perfumes, os recipientes usados são, como nas outras necrópoles da região, geralmente de cerâmica, contrastando com outras províncias do Império, por exemplo, a Armórica, onde se contam apenas cerca de 15% de recipientes cerâmicos, sendo os vasos de vidro fortemente maioritários (Galliou 1989: 57).

Não existiria qualquer norma que regulamentasse o número de vasos a depositar nas sepulturas, variando normalmente a composição da baixela, quando existente, entre um e sete elementos. Apesar de ser quase universal no mundo romano a prática da deposição de ofertas alimentares, não parece ter sido extremamente difundida em toda a parte, sendo relativamente representativa a percentagem de sepulturas da necrópole de Gulpilhares que continha este tipo de depósito.

Globalmente, o recenseamento das peças de cerâmica comum desta necrópole (Est. XXXII) reparte-se entre recipientes com formas abertas, que estariam associadas a oferendas de comida, e outros de formas fechadas, que serviriam com certeza para conter líquidos.

Se se trata, na maioria dos casos, de peças de uso corrente destinadas à alimentação do defunto, alguns vasos, pela sua natureza ou pela sua decoração e outras marcas, parecem traduzir o desejo dos vivos em oferecer um presente fora do comum.

Simbologia especial bem testemunhada nos rituais funerários constitui a deposição de uma ou várias moedas também aqui registada. Esta prática é habitualmente interpretada como o óbolo (*naulum*) para Caronte, permitindo ao defunto passar o Styx e poder encontrar repouso no Além.

Por mais que a difusão deste rito, de origem mediterrânica, tenha alcançado os confins do Império, tal não significará que as populações indígenas tenham assimilado ideias tão elaboradas sobre a vida futura. Este costume poderia, eventualmente não significar mais do que uma espécie de pecúlio, que asseguraria ao defunto a sua subsistência na outra vida.

A oferta de lucernas destinar-se-ia, verosimilmente, a fornecer ao espírito dos mortos a luz que eles necessitavam para iluminar as trevas da sepultura (Cumont 1949, 48-52; Doorslaer 1967, 120-122). Associada a esta finalidade, para produzir lume, se interpretará o achado de lascas de sílex (Böhme 1974, 116), também referenciadas nesta necrópole.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise detalhada do expressivo *corpus* documental, referente à natureza, estrutura e espólio da necrópole romana de Gulpilhães, situa-nos num horizonte de ruptura com as práticas de tradição proto-histórica e seus prolongamentos alto-imperiais.

Associando-se porventura a novas formas de colonização no contexto de um projecto de domínio e exploração dos recursos da área litoral, ter-se-á traduzido pela adopção de novas práticas funerárias de inumação, em grande parte devido a influências religiosas eventualmente relacionadas com a introdução do Cristianismo.

Os indicadores cronológicos e culturais, que J. Fortes deduzira apenas das informações numismáticas, são confirmados pelas características gerais da organização do espaço funerário, pela tipologia das sepulturas e pela natureza das oferendas, enquadrando-se em parâmetros exclusivamente tardo-romanos, dos séculos IV e V.

E se a homogeneidade morfológica e decorativa da cerâmica comum, bem visível nas típicas produções policromas do Baixo Império se pode circunscrever a um âmbito regional, algumas espécies denunciam, como muitas necrópoles da mesma área, intercâmbios com outras províncias do Império romano (Naveiro 1991).

Ainda que modestas, as referências exógenas de procedência norte-africana, datáveis dos finais do século IV, integrarão formas de mudança cultural em ambientes de relação comercial, explicáveis em função do papel desempenhado pelo porto do Douro, que lhe é contíguo.

Nestas circunstâncias, poderão consolidar-se sugestões anteriormente avançadas sobre o significado da (r)evolução manifesta nas primeiras expressões escritas de paleo-cristianismo (Almeida 1973), como a que nos é transmitida por um grafito em escrita cursiva romana, dos séculos IV-V, que apela para uma vida futura certamente proposta por novos ideais.

BIBLIOGRAFIA

- Abascal 1984:
ABASCAL PALAZÓN, J. M., La cerámica pintada romana de tradición indígena en la Península Ibérica y sus conexiones periféricas, *Revista de Guimarães* 94, 179-208.
- Abascal 1986:
ABASCAL PALAZÓN, J. M., *La cerámica pintada romana de tradición indígena en la Península Ibérica*, Alicante.
- Abásolo-Pérez, 1995:
ABÁSULO ÁLVAREZ, J. A. - PÉREZ RODRÍGUEZ ARAGÓN, F., Arqueología funeraria en Hispania durante el Bajo Imperio y la época visigoda, *Arqueología da morte na Península Ibérica desde as origens até o Medievo*, Xinxo de Limia, 291-306.
- Actes du colloque 1991:
Incinérations et inhumations dans l'Occident romain aux trois premiers siècles de notre ère, Actes du Colloque International de Toulouse - Montréjeau (IV Congrès Archéologique de Gaule Méridionale), 7-10 Octobre 1987, Toulouse.
- Adroer et alii 1993-1994:
ADROER AUROUX, A. M. - LÓPEZ MARCOS, A. - BARTUREN BARROS, F. J., Los niveles de Bronce Final, Hierro antiguo

PORTUGALIA

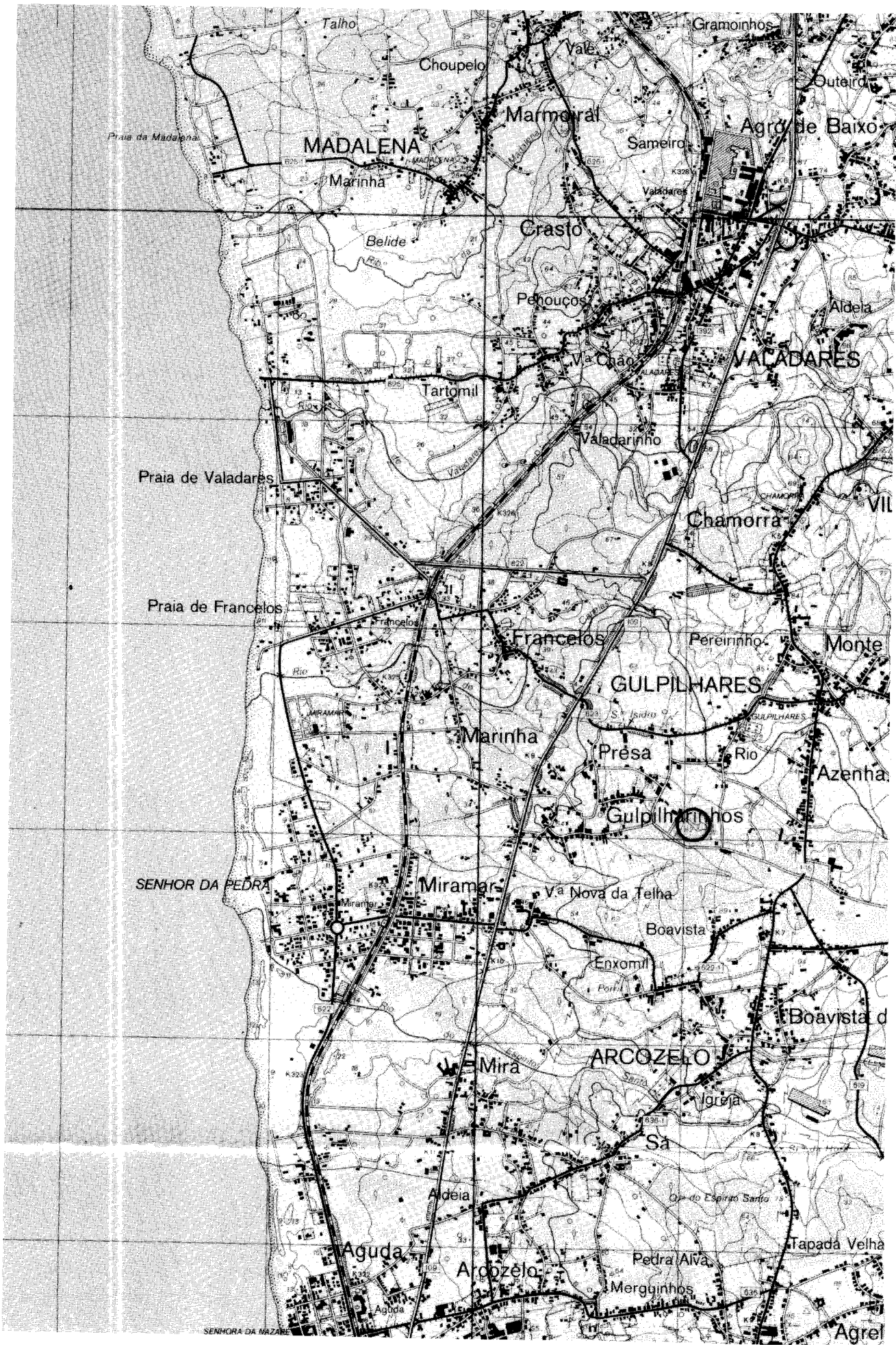
- y romanos en el yacimiento de Montealegre, Gorafe (Granada), *Florentia Iliberitana* 4-5, Granada, 7-49.
- Alarcão 1975:
ALARCÃO, A. M., À propos de céramiques de Conimbriga. XI- Céramiques peintes, *Conimbriga* 14, 106-111.
- Alarcão 1973:
ALARCÃO, J., *Portugal romano*, Lisboa, (3ª ed., 1983).
- Alarcão 1974a:
ALARCÃO, J., *Cerâmica comum local e regional de Conimbriga*, Coimbra (Suplementos de Biblos, 8).
- Alarcão 1974b:
ALARCÃO, J., A necrópole do Monte do Farrobo (Aljustrel), *Conimbriga* 13, 5-32.
- Alarcão 1988a:
ALARCÃO, J., *O domínio romano em Portugal*, Lisboa.
- Alarcão 1988b:
ALARCÃO, J., *Roman Portugal*, 2(1), Warsminster.
- Alarcão et alii 1976:
ALARCÃO, J., DELGADO, M., MAYET, F., ALARCÃO, A. M. PONTE, S., *Fouilles de Conimbriga*, 6, *Céramiques diverses et verres*, Paris.
- Almagro 1955:
ALMAGRO, M., *Las necrópolis de Ampurias, II. Necrópolis romanas y necrópolis indígenas*, Barcelona (Monografias Ampuritanas, 3).
- Almeida 1980:
ALMEIDA, C. A. B., Via Veteris. Antiga via romana?, *I Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular* 3, Guimarães, 151-170.
- Almeida 1972:
ALMEIDA, C. A. F., A Póvoa de Varzim e o seu aro na Antiguidade, *Boletim Cultural. Póvoa de Varzim*, 11 (1), 5-34.
- Almeida 1973:
ALMEIDA, C. A. F., Notas sobre a Alta Idade Média no Noroeste de Portugal, *Revista da Faculdade de Letras, Série de História* 3, 5-34.
- Almeida 1973-74:
ALMEIDA, C. A. F., Necrópole galaico-romana de Vila do Conde, *Revista da Faculdade de Letras, Série de História* 4-5, 209-222.
- Almeida 1974:
ALMEIDA, C. A. F., *Escavações no Monte Mozinho (1974)*, Penafiel.
- Bailey 1988:
BAILEY, D. M.; *A catalogue of the lamps in the British Museum, III. Roman provincial lamps*. London.
- Barroca 1987:
BARROCA, M. J., *Necrópoles e sepulturas medievais de Entre-Douro-e-Minho (séculos V a XV)*, Porto. (dactil.)
- Bell 1989:
BEL, V., Incinération et inhumation dans la Gaule romaine, *De Lascaux au Grand Louvre: Archéologie et Histoire en France*, Paris, 414-417.
- Belchior 1969:
BELCHIOR, C., *Lucernas romanas de Conimbriga*, Coimbra.
- Böhme 1974:
BÖHME, H. W., *Germanische Grabfunde des 4 bis 5 Jiahrhunderts unterer Elbe und Loire*, München.
- Brandão 1963:
BRANDÃO, d. P., Gulpilhares - Nota arqueológica, *Vila Nova de Gaia (Terras de Rey Ramiro)*, Vila Nova de Gaia, 47-51.
- Centeno 1983:
CENTENO, R., A dominação romana, *História de Portugal* 1, Lisboa, Alfa, 149-211.
- Corrêa 1924:
CORRÊA, J. A. M., *Os povos primitivos da Lusitânia*, Porto.
- Corrêa 1932:
CORRÊA, J. A. M., *As origens da cidade do Porto*, Gaia.
- Correia 1928:
CORREIA, V., O domínio romano, *História de Portugal* 1, Barcelos, Portucalense Editora, 215-290.
- Cumont 1949:
CUMONT, F., *Lux perpetua*, Paris.
- Deneauve 1969:
DENEAUVE, J., *Lampes de Carthage*, Paris.
- Dias 1993-1994:
DIAS, L. A. T., *Necrópoles no territorium de Tongobriga*, *Conimbriga* 32-33, 107-136.
- Dias 1995a:
DIAS, L. A. T., *Cerâmica comum romana em Tongobriga*, Porto (dactil., diss. complementar de Doutoramento).
- Dias 1995b:
DIAS, L. A. T., *Tongobriga*, Porto (dactil., diss. Doutoramento).
- Doorselaer 1967:
VAN DOORSELAER, A., *Les nécropoles d'époque romaine en Gaule septentrionale*, Brugge (Dissertationes Archaeologicae Gandenses, 10).
- Fitch-Goldman 1994:
FITCH, C.R. - GOLDMAN, N. W., *Cosa: The lamps*, *Memoirs of the American Academy in Rome*, Rome.

A NECRÓPOLE ROMANA DE GULPILHARES

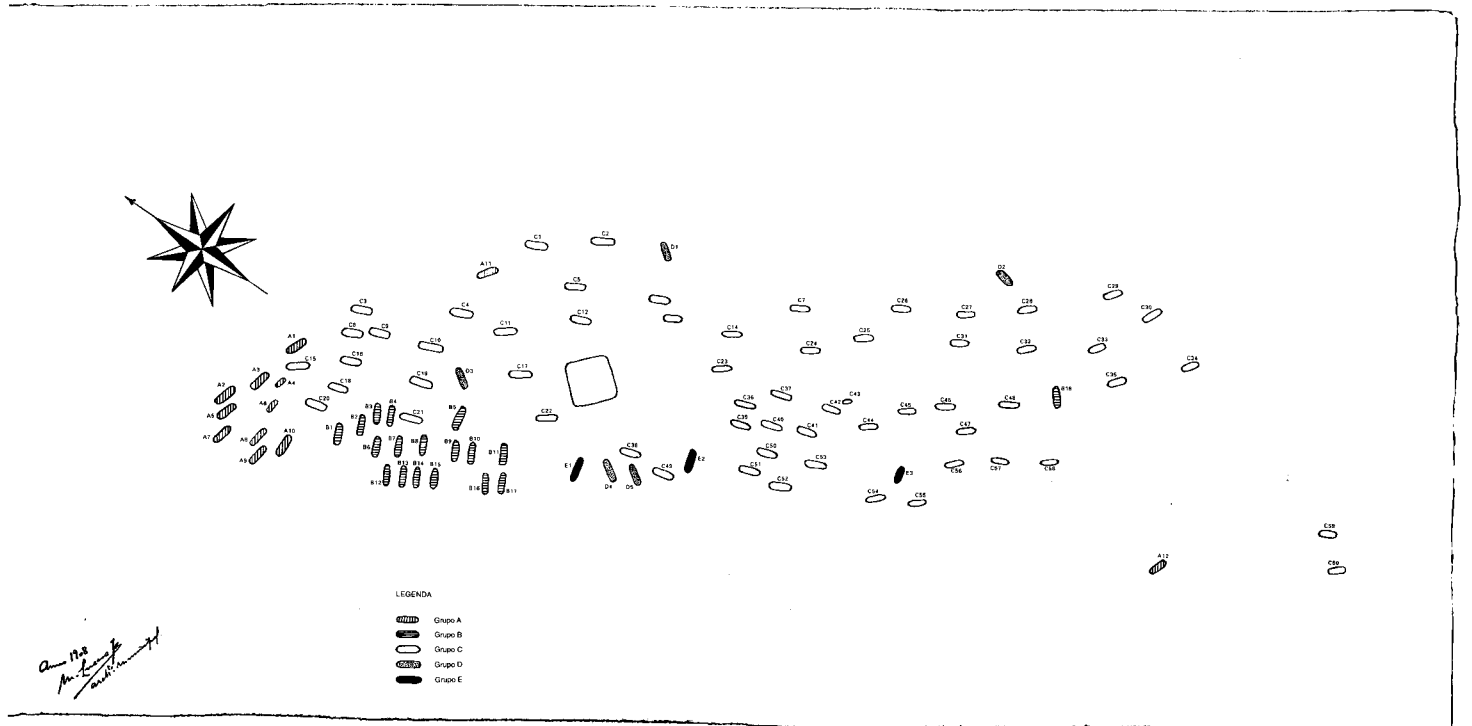
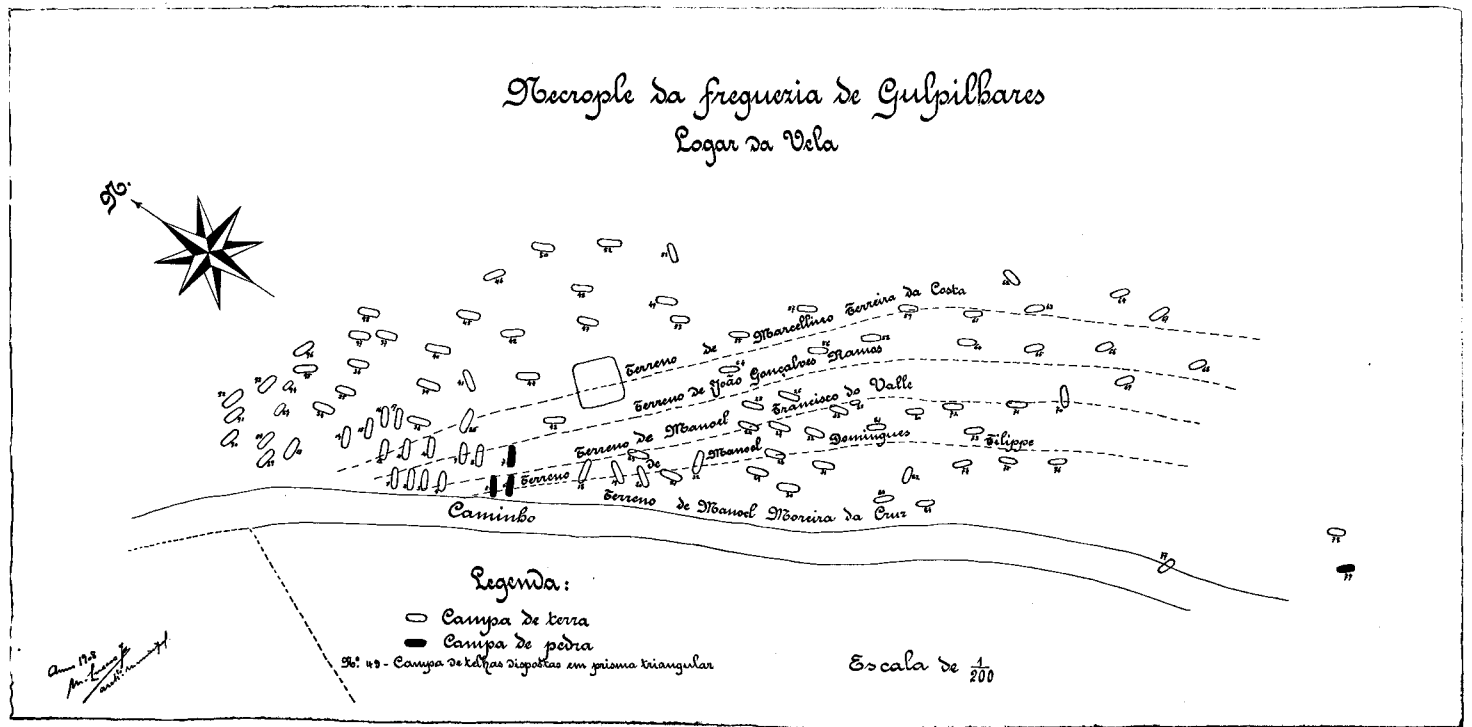
- Fortes 1908a:
FORTES, J., *A necrópole de Gulpilhares*, ms (Arquivo da Biblioteca Pública Municipal de Vila Nova de Gaia).
- Fortes 1908b:
FORTES, J., Casa e necrópole lusitano-romanas de Vilarinho (Amarante), *Portugalia* 2, 477-478.
- Fortes 1908c:
FORTES, J., Museu municipal "Azuaga" do Concelho de Gaya, *Portugalia* 2, 117-119.
- Fortes 1908d:
FORTES, J., Necrópole lusitano-romana da Lomba (Amarante), *Portugalia* 2, 252-262.
- Fortes 1909:
FORTES, J., Gaya no passado, *Mea Villa de Gaya*, Porto, .9-28 (reimp. 1987).
- Frade - Caetano 1993:
FRADE, H. - CAETANO, J. C., Ritos funerários romanos no Nordeste alentejano, *Actas do II Congresso Peninsular de História Antiga*, Coimbra, 847-875.
- Fuentes 1989:
FUENTES DOMÍNGUEZ, A., *La necrópolis romana de Albacete de las Nogueras (Cuenca) y el problema de las denominadas "necrópolis del Duero"*, Cuenca.
- Gagnière 1960/1965:
GAGNIÈRE, S., Les sépultures à inhumation du II^e au III^e Siècle dans la basse vallée du Rhône. Essai de chronologie typologique, *Cahiers Rhodaniens*, 1960, 7 33-71; 12 1965, 69-76.
- Galinié 1969:
GALINIÉ, H., De la nécropole au cimetière, *De Lascaux au Grand Louvre: Archéologie et Histoire en France*, Paris, 418-421.
- Galliou 1989:
GALLIOU, P., *Les tombes romaines d'Armorique. Essai de sociologie et d'économie de la mort*, Paris (Documents d'Archéologie Française, 17).
- Giot - Monnier 1977:
GIOT, P.-R. - MONNIER, J. -L., Le cimetière des anciens bretons de Saint-Urnel ou Saint-Saturnin en Plomeur (Finistère), *Gallia* 35 (1), 141-171.
- Gonçalves 1989:
GONÇALVES, A. A. H. B., Novos inéditos de Rui de Serpa Pinto, *Boletim Cultural Póvoa de Vazim*, 26(2), 467-497.
- González 1994:
GONZÁLEZ FERNÁNDEZ, M. L., Necrópolis tardoromana en el solar del Monasterio de San Claudio de León, *Numantia. Arqueología en Castilla y León* 1991-1992 5, 107-126.
- Guimarães 1983:
GUIMARÃES, G., Notas bibliográficas para o estudo do povoamento pré-castrejo do concelho de Vila Nova de Gaia, *Arqueologia* 8, 36-44.
- Hatt 1951:
HATT, J.-J., *La tombe gallo-romaine: Recherches sur les inscriptions et les monuments funéraires gallo-romains des trois premiers siècles de notre ère*, Paris.
- Hayes 1972:
HAYES, J. W., *Late Roman pottery*, London.
- Hayes 1980:
HAYES, J. W., *Supplement to Late Roman pottery*, London.
- Iványi 1935:
IVÁNYI, D., *Die pannonischen Lampen. Eine typologisch-chronologische Uebersicht*, Budapest (Dissertationes Pannonicae II, 2).
- Laet et alii 1972:
LAET, S. J., VAN DOORSELAER, A., SPITAEELS, P., THOEN, H., *La nécropole gallo romaine de Blicquy (Hainaut-Belgique)*, Brugge (Dissertationes Archaeologicae Gandenses, 14).
- McWhirr et alii 1982:
MCWHIRR, A., VINER, L., WELLS, C., *Romano-British cemeteries at Cirencester*, Cirencester.
- Marques et alii 1988:
MARQUES, J. A. M., SILVA, M. A., AMARAL, L. M. C., Cerâmica da necrópole galaico-romana dos Ataúdes (Madalena-Amarante), *Revista de Ciências Históricas* 3, Porto, 135-153.
- Marques et alii 1990:
MARQUES, J. A. M., SILVA, M. A., AMARAL, L. M. C., Cerâmica da necrópole galaico-romana de Louredo das Almas (Salvador-Amarante), *Entremuros* 1, Amarante, 15-20.
- Martins - Delgado 1989-1990:
MARTINS, M. - DELGADO, M., As necrópoles de Bracara Augusta, A. Os dados arqueológicos, *Cadernos de Arqueologia*, Série II 6-7, 41-186.
- Meslin 1978:
MESLIN, M., *L'homme romain. Dès origines aux I^{er} siècle de notre ère. Essai d'anthropologie*, Hachette, chap. VIII, 182-196.
- Naveiro 1991:
NAVEIRO LÓPEZ, J. L., *El comercio antiguo en el N.W. peninsular*, A Coruña (Monografías Urxentes do Museu, 5).
- Nolen 1985:
NOLEN, J. U. S., *Cerâmica comum de necrópoles do Alto Alentejo*, Lisboa.
- Paunier 1981:
PAUNIER, D., *La céramique gallo-romaine de Genève*, Genève-Paris, (Mémoires et Documents, Série IN-4).

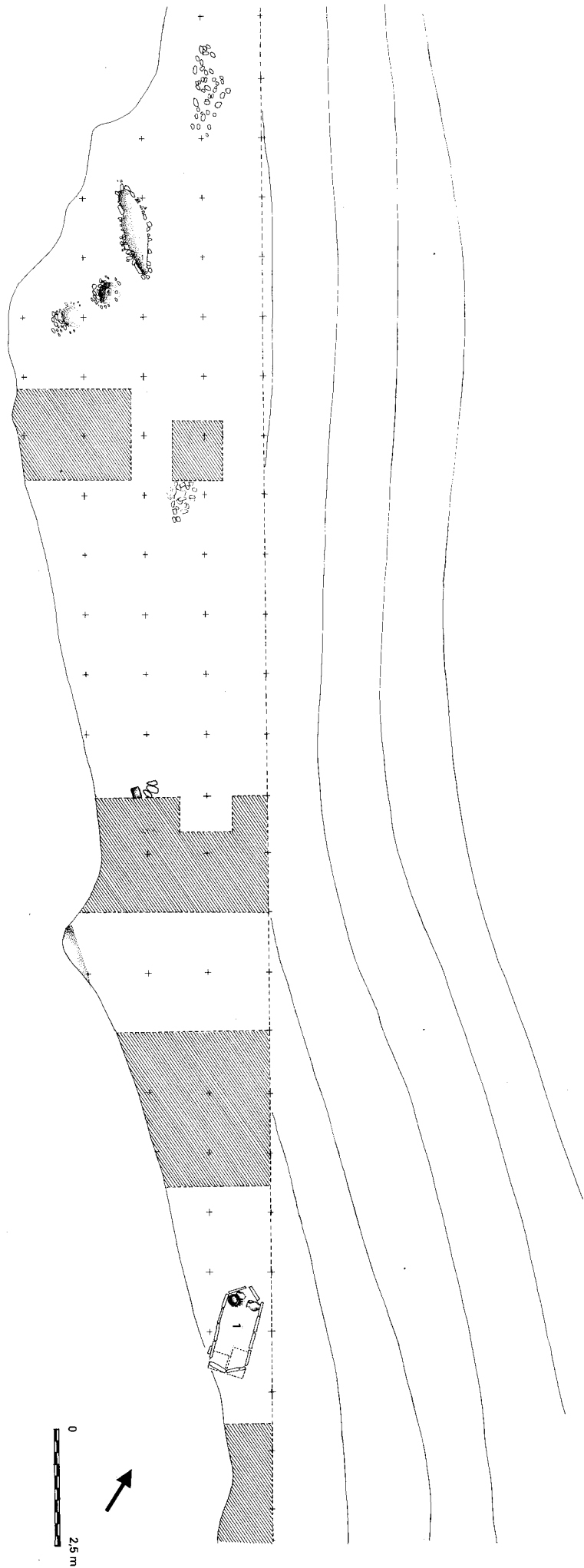
PORTUGALIA

- Peacock 1977:
 PEACOCK, D. P. S. (ed.), *Ceramics in Roman and Medieval Archaeology, Pottery and early commerce*, London-New York-San Francisco, 21-33.
- Pinto 1932:
 PINTO, R. S., A Cidade de Terroso e os Castros do Norte de Portugal, *Revista de Guimarães* 42, 81-91.
- Ponsich 1961:
 PONSICH, M., *Les lampes romaines en terre cuite de la Maurétanie Tingitane*, Rabat (Publications du Service des Antiquités du Maroc, 15).
- Pouyé et alii 1994:
 POUYÉ, B. - ALLOUIS, M.-F. - BONIFAY, M. - BOUVILLE, C. - CALVET, A. - LOPEZ, A. - LOPEZ, C., Une nécropole de l'antiquité tardive à Cadarache (Saint Paul-Lès-Durance, Bouches-du-Rhône), *Archéologie Médiévale* 24, 51-135.
- Ramos 1986:
 RAMOS SAINZ, M. L., *Estudio sobre el ritual funerario en las necrópolis fenicias y púnicas de la Península Ibérica*, Madrid.
- Raynaud 1987:
 RAYNAUD, Cl., Typologie des sépultures et problèmes de datation. L'apport des fouilles de Lunel-Viel (Hérault), Nécropole languedocienne de l'Antiquité tardive et du haut Moyen-Âge, *Archéologie en Languedoc* 4, 125-126.
- RIC VII:
 BRUUN, P. M., *The Roman imperial coinage, VII: Constantine and Licinius, A. D.*, 313-337, London, 1966.
- RIC VIII:
 KENT, J. P. C., *The Roman imperial coinage, VIII: The family of Constantine I, A. D.*, 337-364, London, 1981.
- Raynaud 1974:
 RAYNAUD, J., Le nécropole de Saint Just, *Revue Archéologique de l'Est* 25(1), 111-123.
- Rodríguez 1991:
 RODRÍGUEZ NEILA, J. F., Espacios de uso funerario con indicación de medidas en las necrópolis romanas, *Conimbriga* 30, 59-94.
- Séronie-Vivien 1982:
 SÉRONIE-VIVIEN, M.-R., *Introduction à l'étude des poteries préhistoriques*, Bordeaux.
- Severo 1908a:
 SEVERO, R., O cemitério romano do Monte de Penouço (Rio Tinto), *Portugalia* 2, 111-113.
- Severo 1908b:
 SEVERO, R., Necrópoles lusitano-romanas de inhumação de Bairral e de Vila Verde, *Portugalia* 2, 417-431.
- Severo 1908c:
 SEVERO, R., José Fortes, *Portugalia* 2, 478.
- Silva 1980:
 SILVA, A. C. F., *A necrópole de Gulpilhares. Relatório das escavações arqueológicas de 1979-1980*, Vila Nova de Gaia (dactil.)
- Silva 1984:
 SILVA, A. C. F., Aspectos da proto-história e romanização no concelho de Vila Nova de Gaia e problemática do seu povoamento, *Gaya* 2, 39-58.
- Silva 1986a:
 SILVA, A. C. F., *A cultura castreja no Noroeste de Portugal*, Paços de Ferreira.
- Silva 1986b:
 SILVA, A. C. F., Paços de Ferreira - As origens do povoamento: do megalitismo à romanização, *Paços de Ferreira - Estudos monográficos*, Paços de Ferreira, 95-169.
- Silva 1995:
 SILVA, A. C. F., As origens do Porto, *História do Porto*, Porto, 44-117 (2ª ed.).
- Silva et alii 1984:
 SILVA, A. C. F. - LOPES, A. B. - LOBATO, M. J. L., O forno cerâmico romano de Canelas (Vila Nova de Gaia), *Gaya* 2, 59-72.
- Silva 1994:
 Silva, A. M. P., *Proto-história e romanização no Entre Douro e Vouga litoral*, Porto (dactil., diss. Mestrado).
- Soeiro 1984:
 SOEIRO, T., Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana, *Boletim Municipal de Cultura* 1, Penafiel.
- Table ronde 1974:
 À propos des céramiques de Conimbriga. Table ronde tenue a Conimbriga les 25-27 Mars 1975, *Conimbriga* 14, 5-165.
- Toynbee 1971:
 TOYNBEE, J. M. C., *Death and burial in the Roman World*, London.
- Tuffreau - Jacques 1994:
 TUFFREAU-LIBRE, M. - JACQUES, A (dir.), La céramique du Bas-Empire en Gaule Belgique et dans les régions voisines, *Revue du Nord*, H. S. 4, Lille.
- Vegas 1973:
 VEGAS, M., *Cerámica común romana del Mediterraneo occidental*, Barcelona, (Publicaciones eventuales, 22).
- Viegas et alii 1981:
 VIEGAS, J. R., NOLEN, J. U. S. , DIAS, M. L., A necrópole de Santo André, *Conimbriga* 20, 5-180.
- Young 1977:
 YOUNG, B., Paganisme, christianisation et rites funéraires mérovingiens, *Archéologie Médiévale* 6, 5-81.

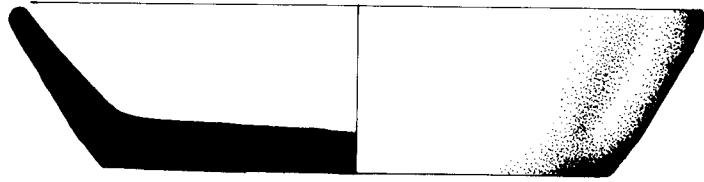




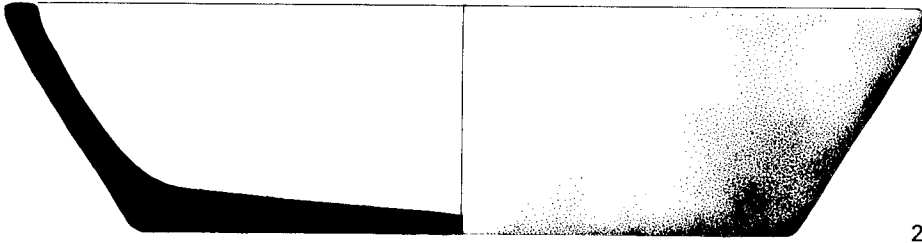




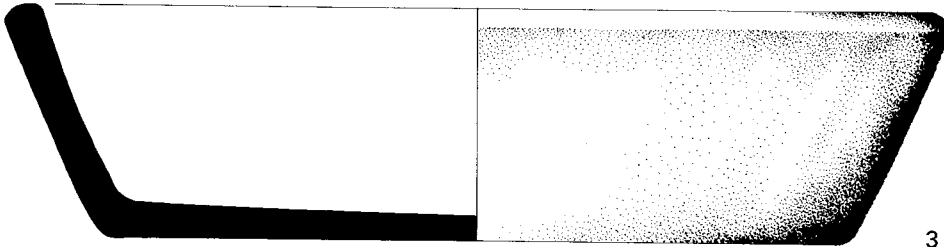
0
2.5 m



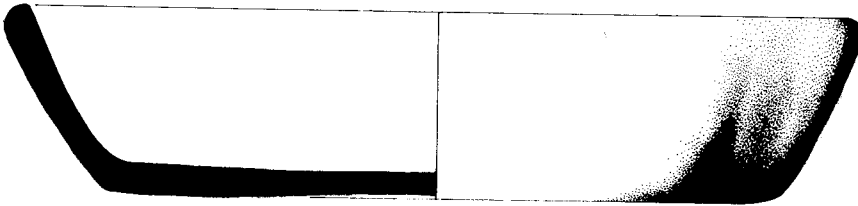
1



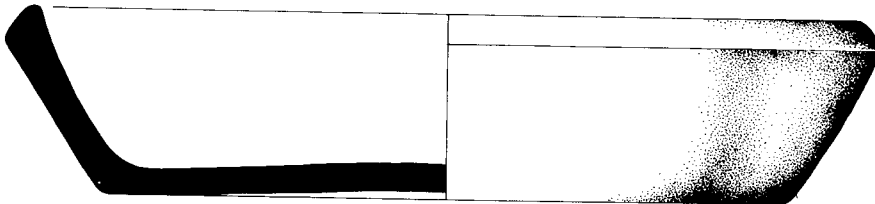
2



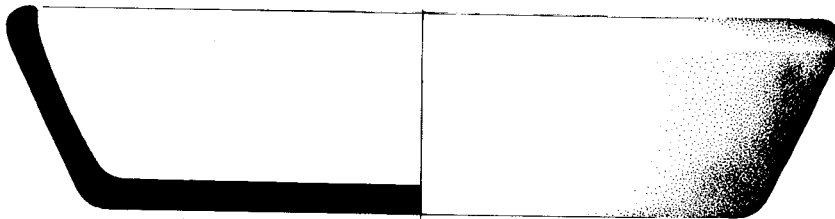
3



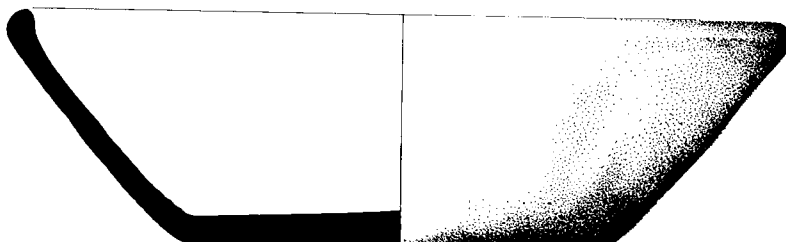
4



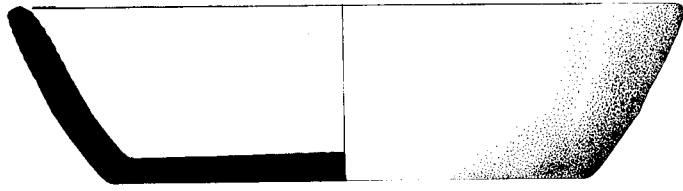
5



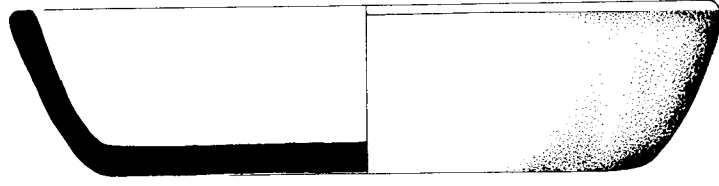
6



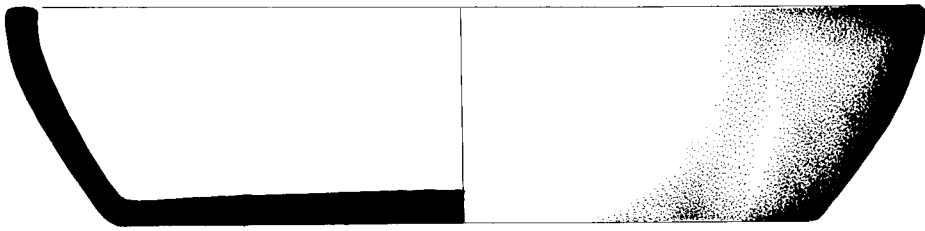
7



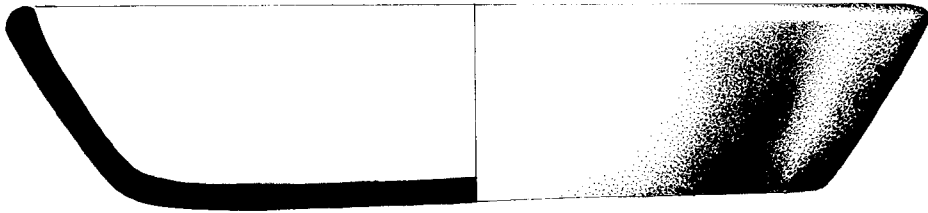
8



9



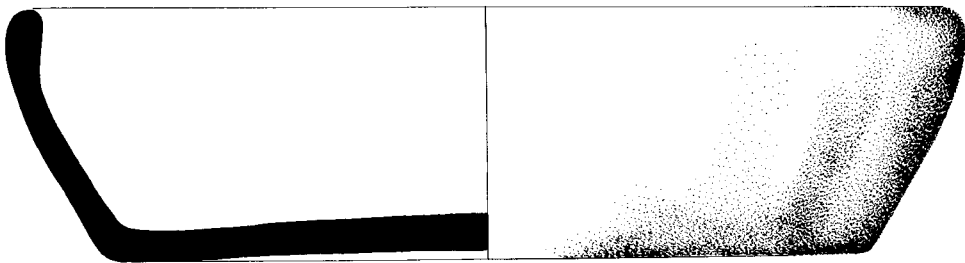
10



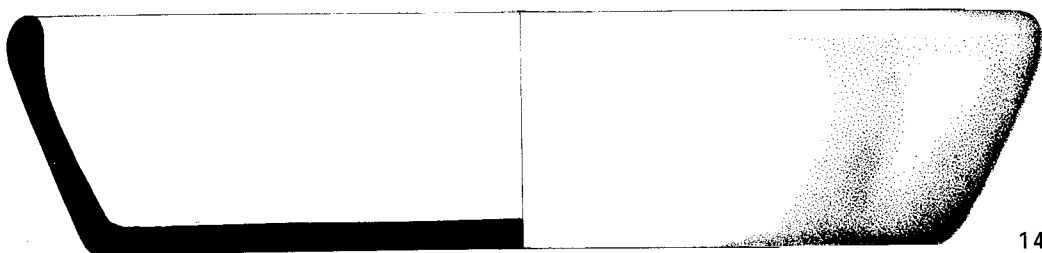
11



12



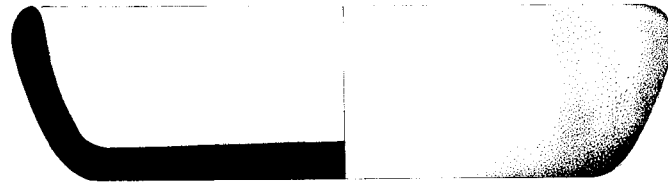
13



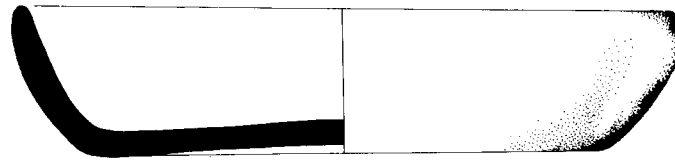
14



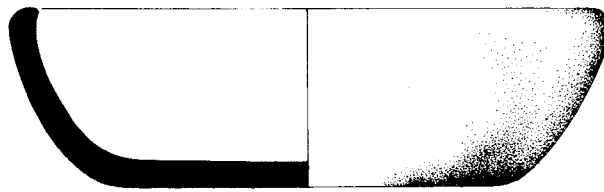
15



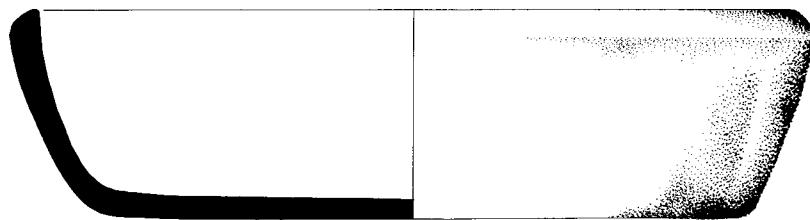
16



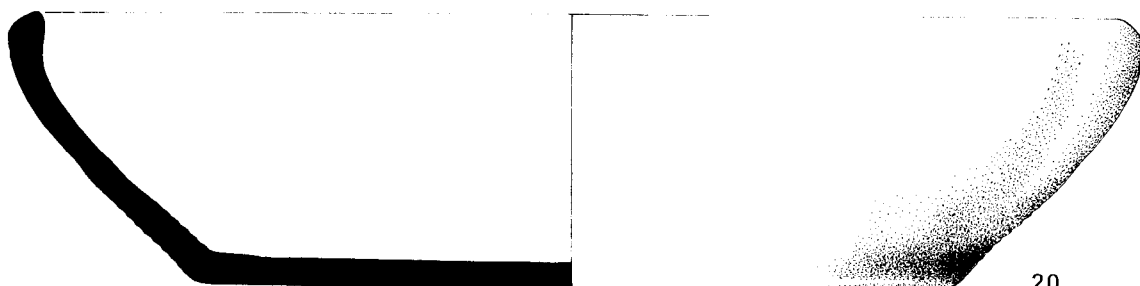
17



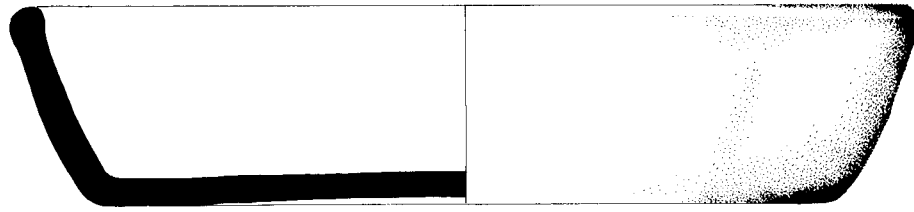
18



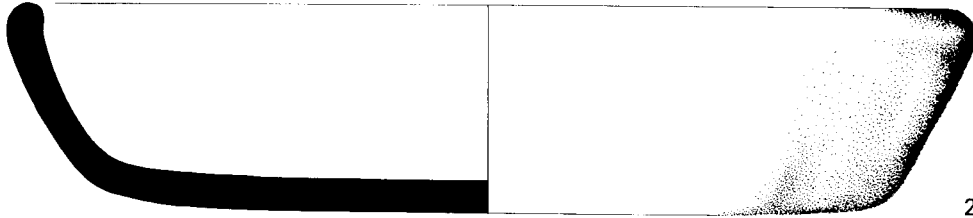
19



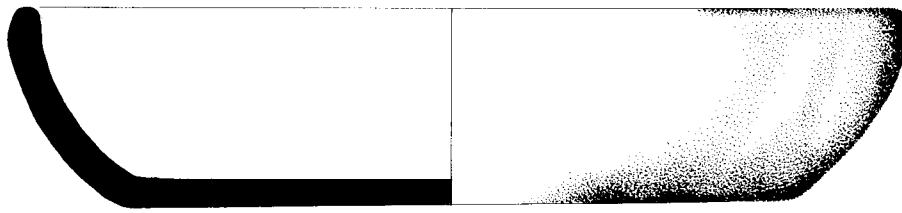
20



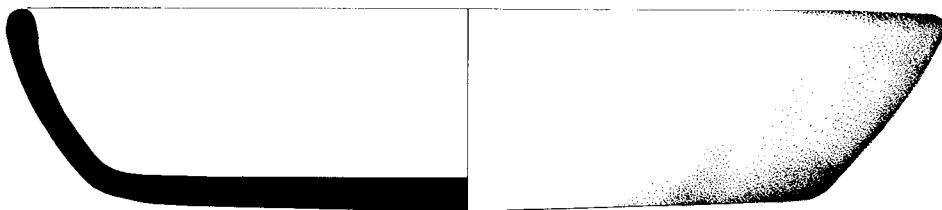
21



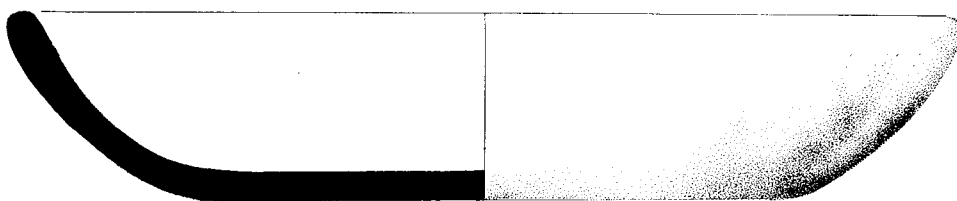
22



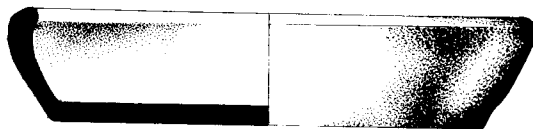
23



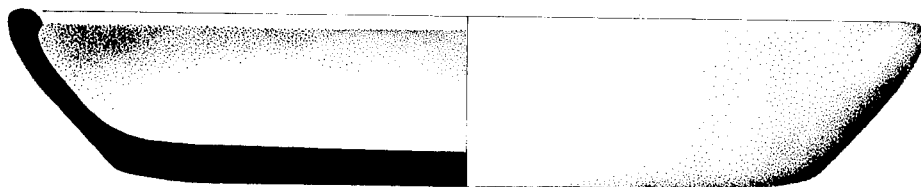
24



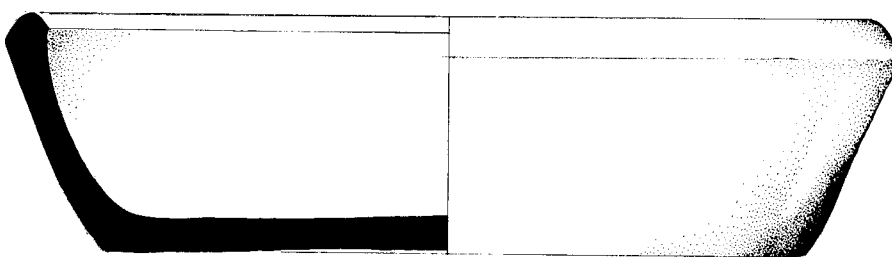
25



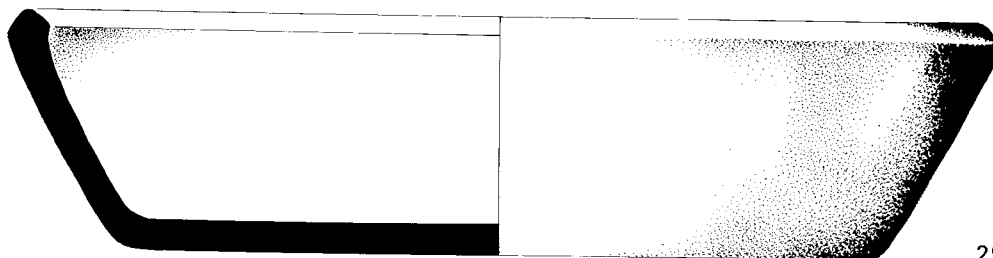
26



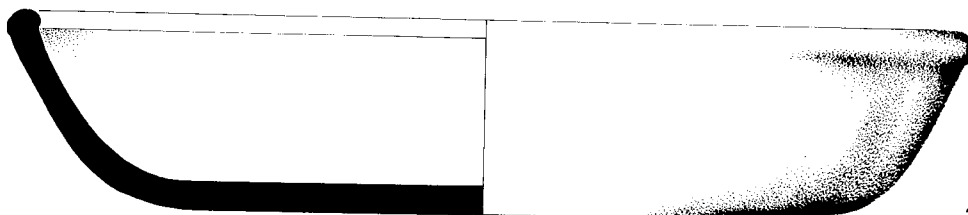
27



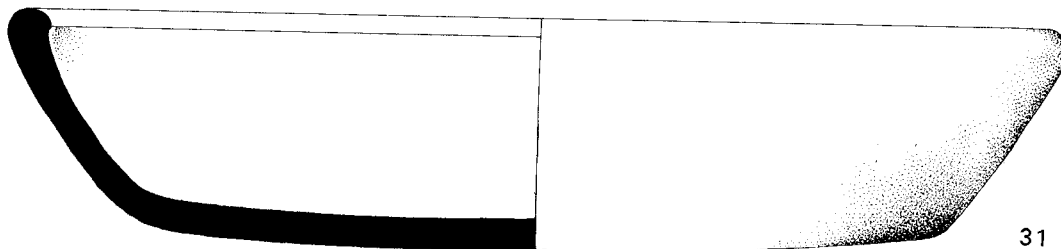
28



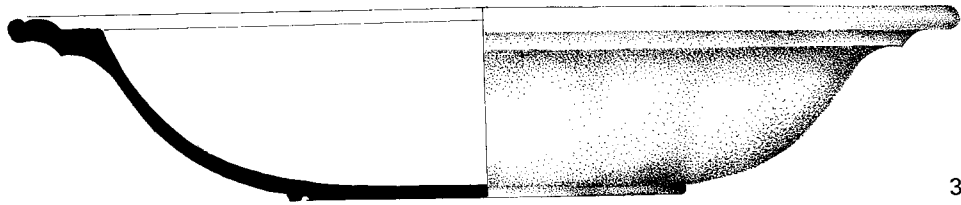
29



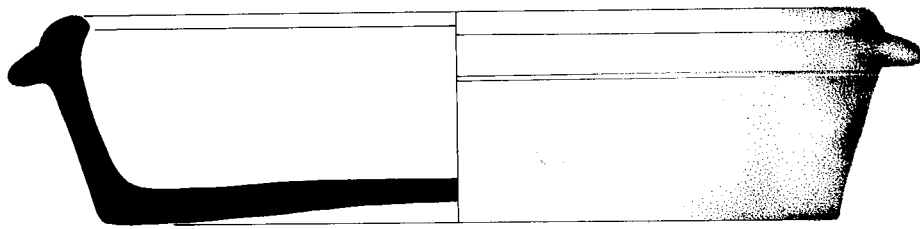
30



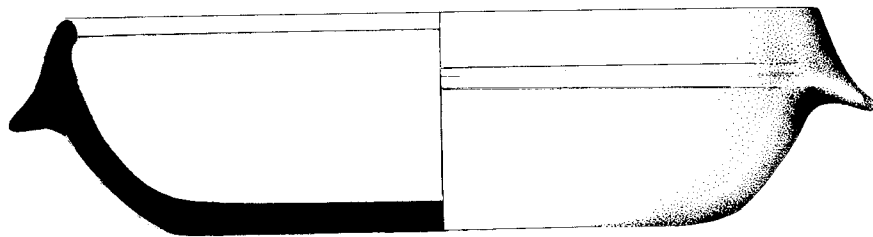
31



32



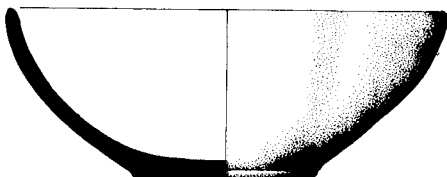
33



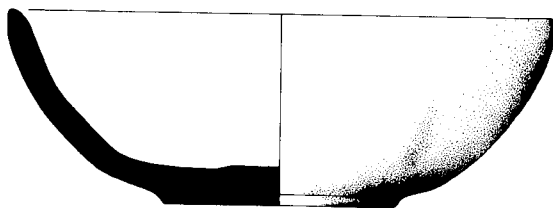
34



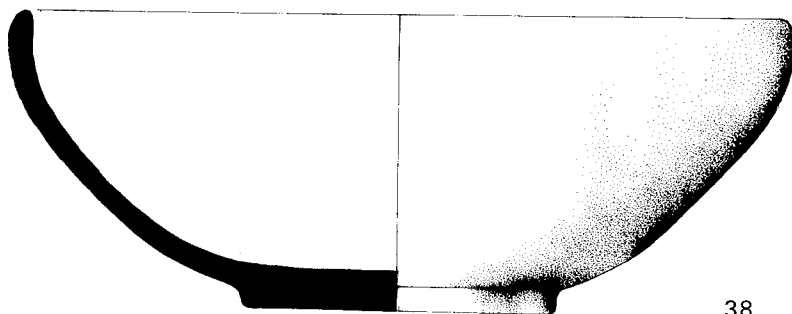
35



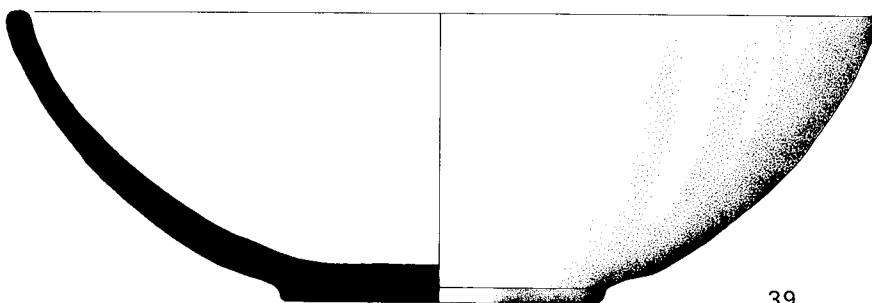
36



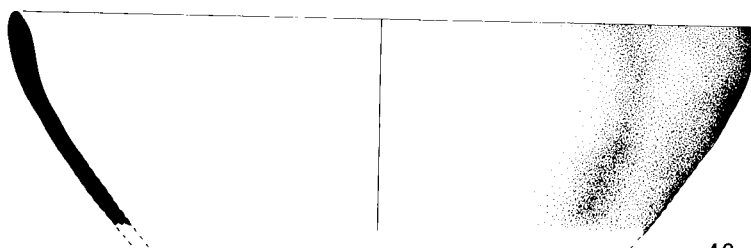
37



38



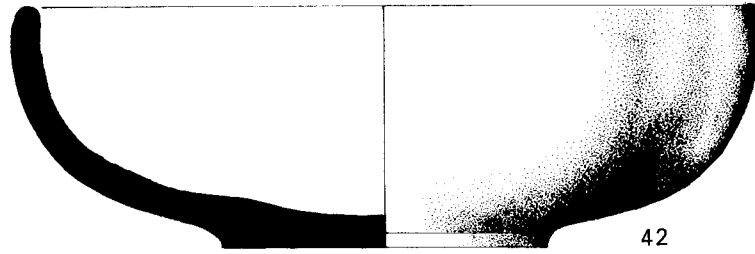
39



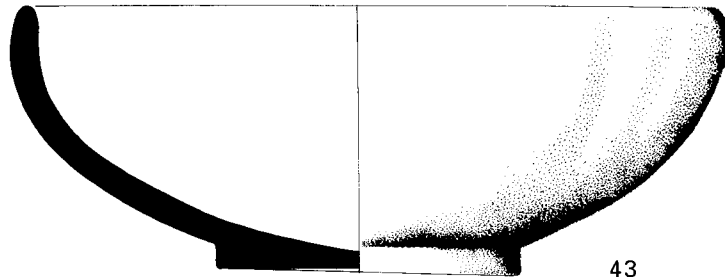
40



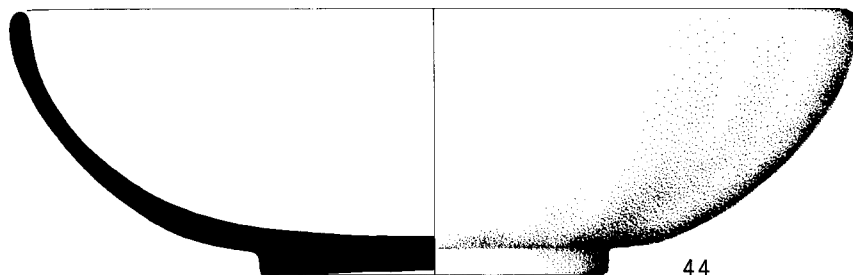
41



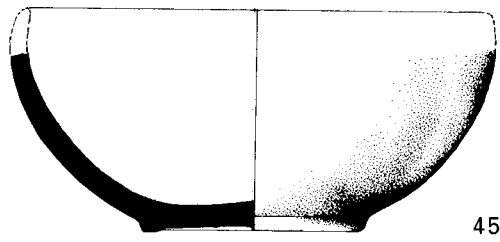
42



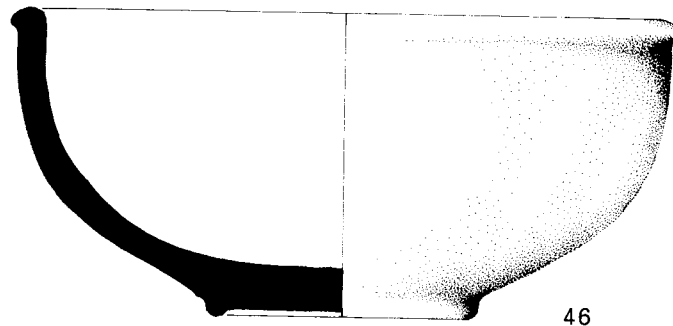
43



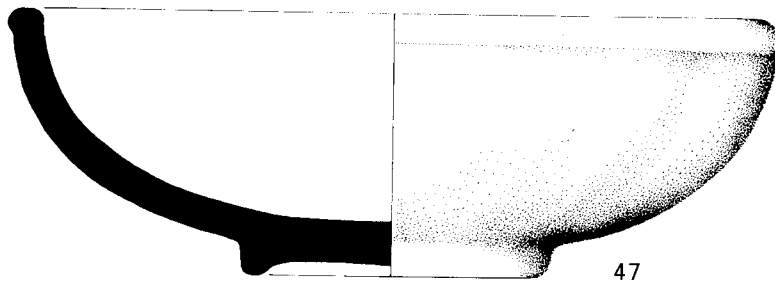
44



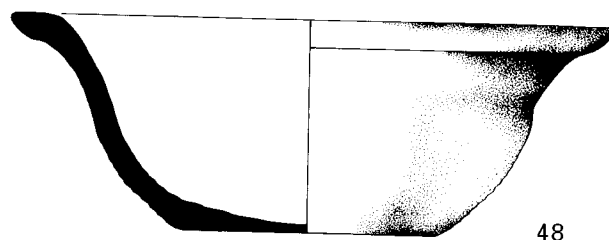
45



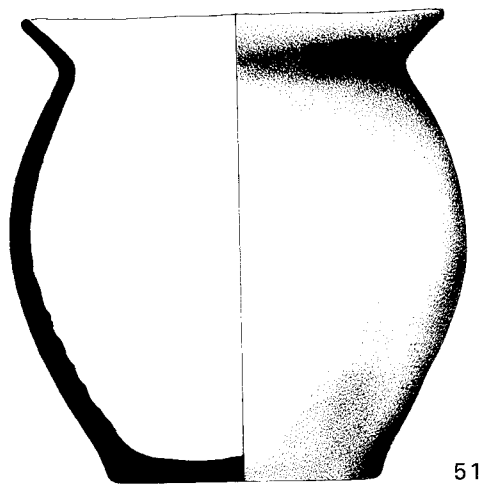
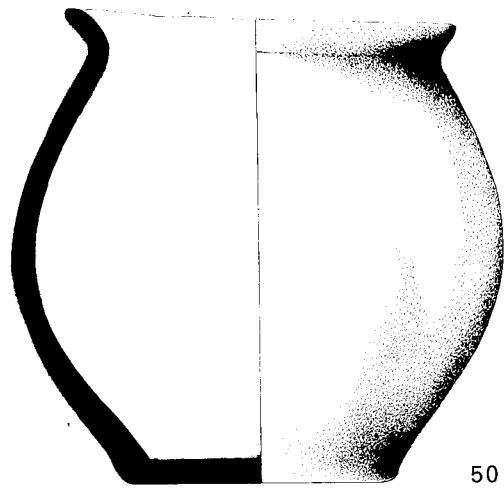
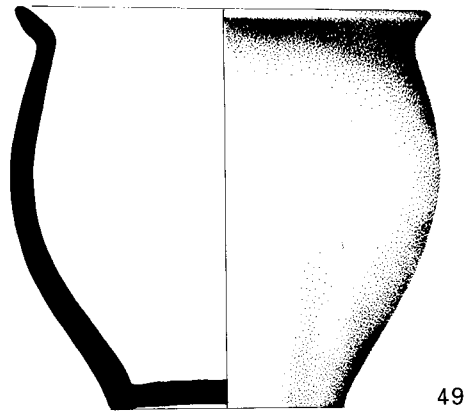
46

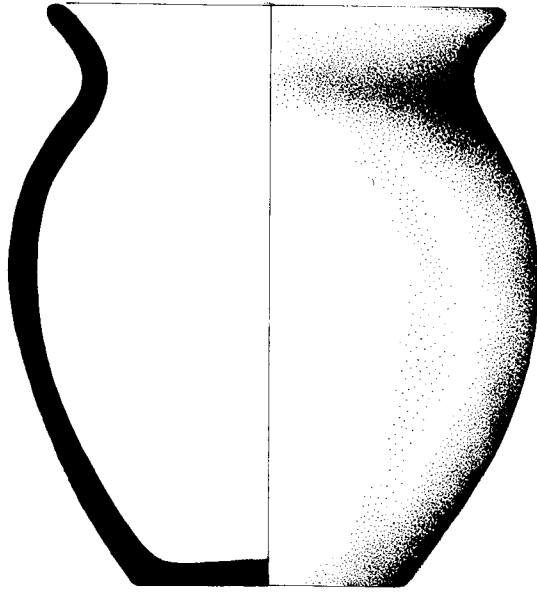


47

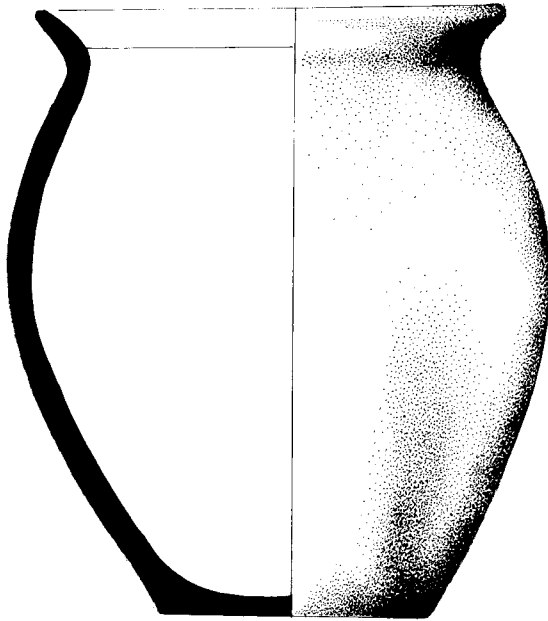


48

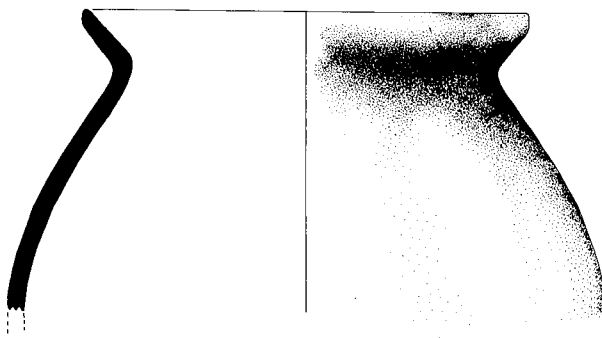




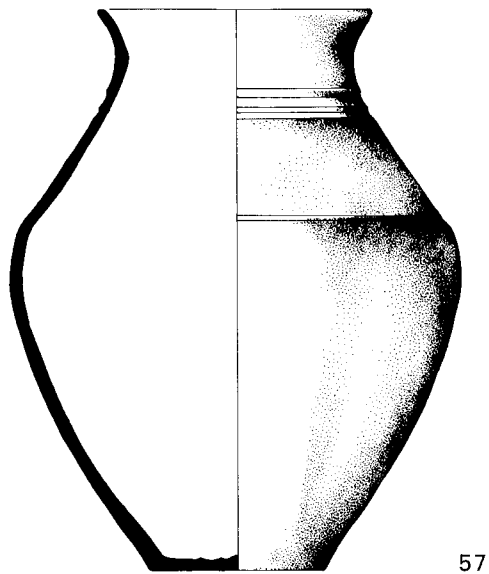
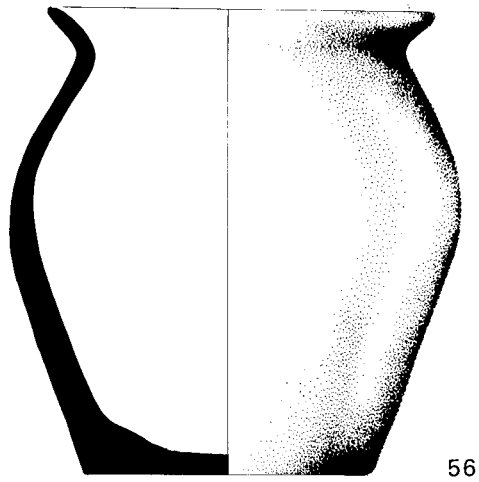
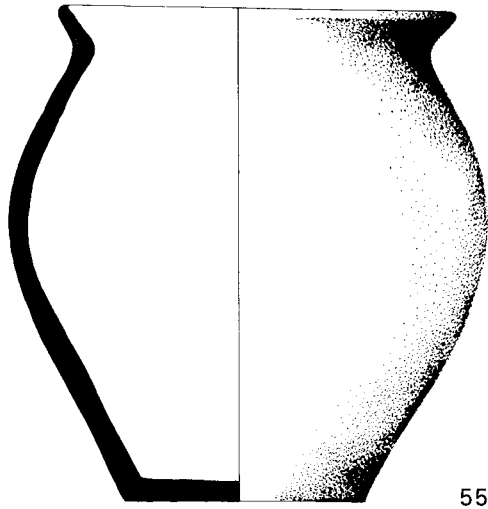
52

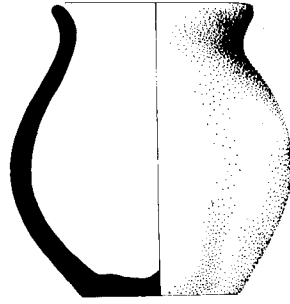


53

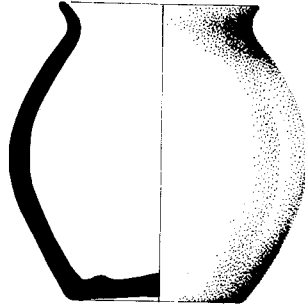


54

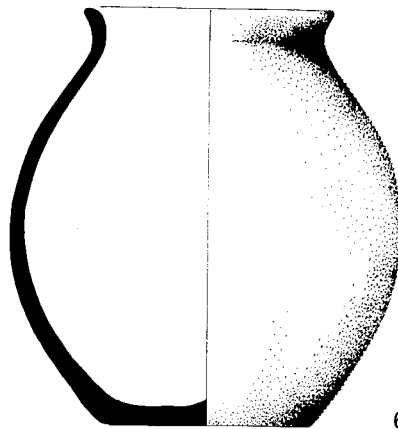




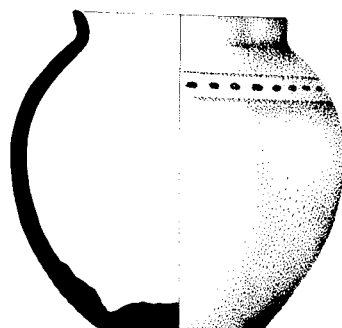
58



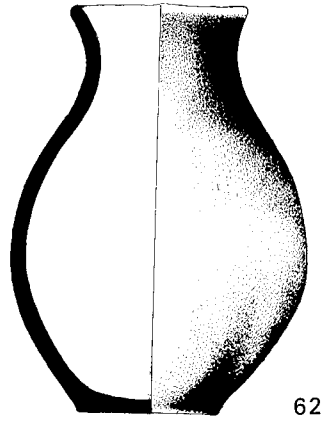
59



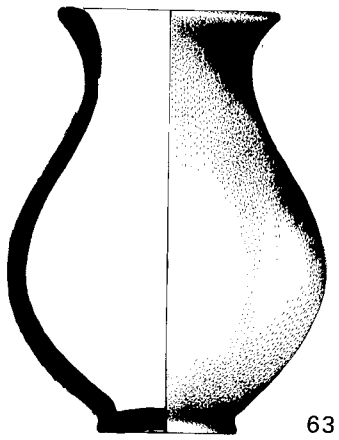
60



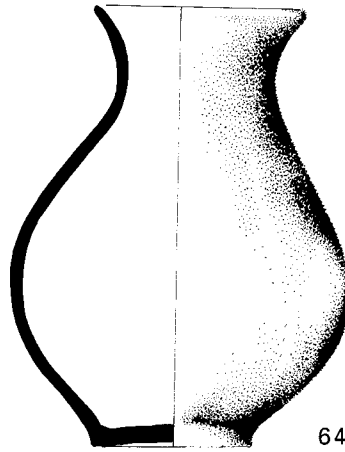
61



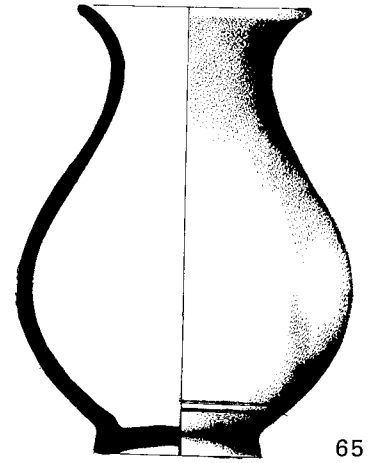
62



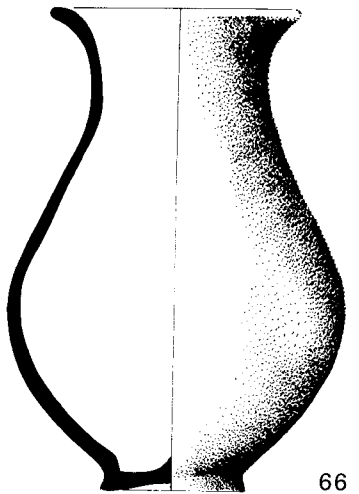
63



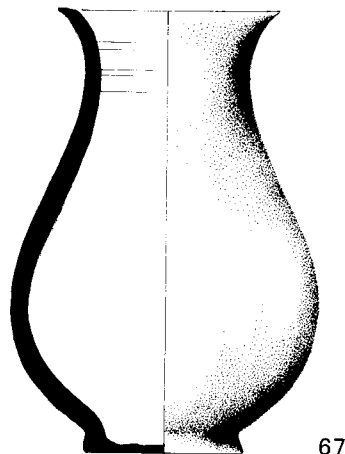
64



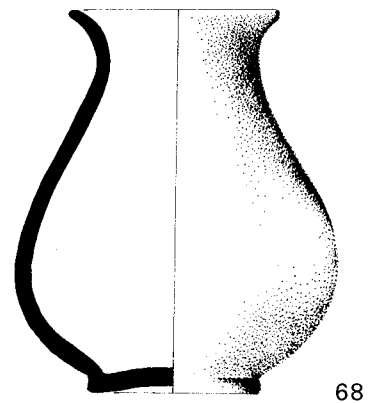
65



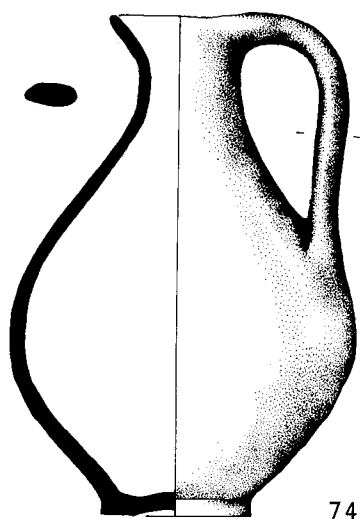
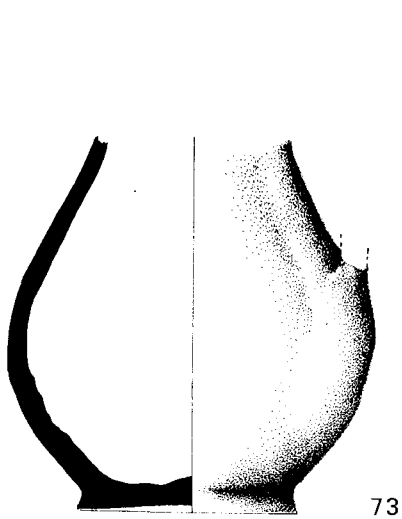
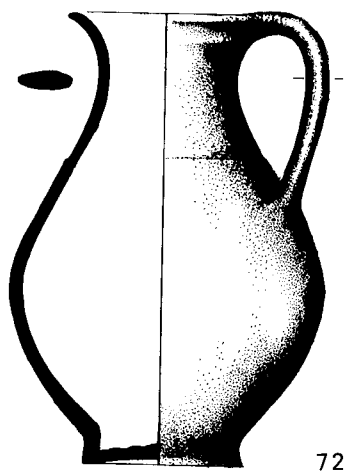
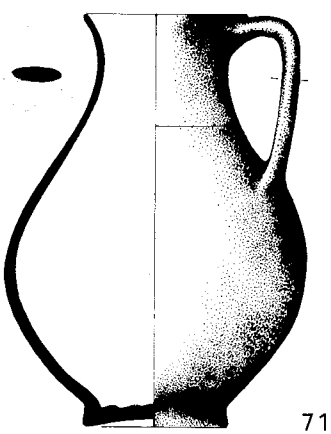
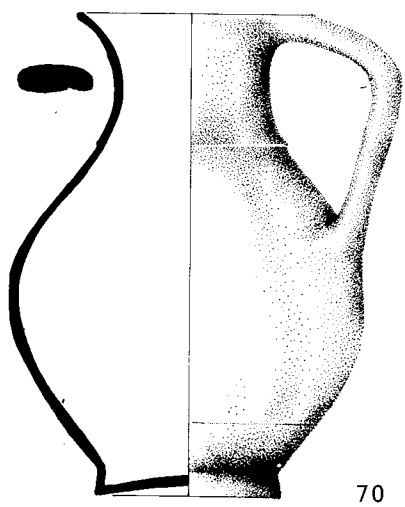
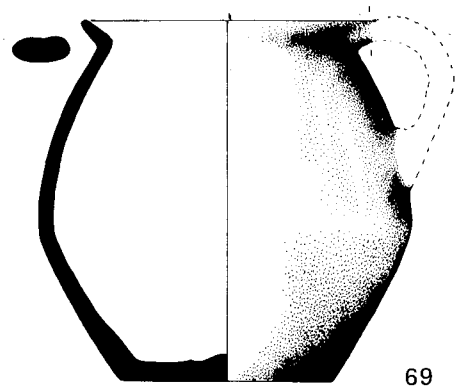
66

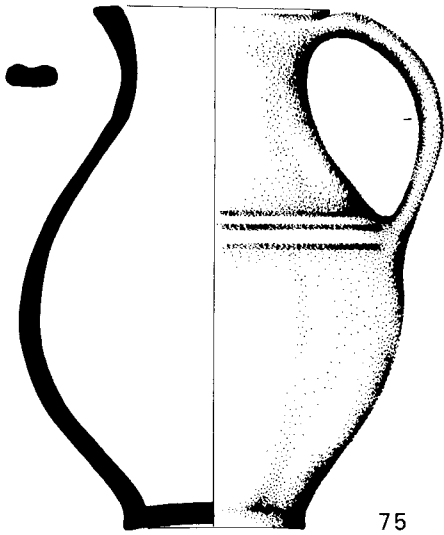


67

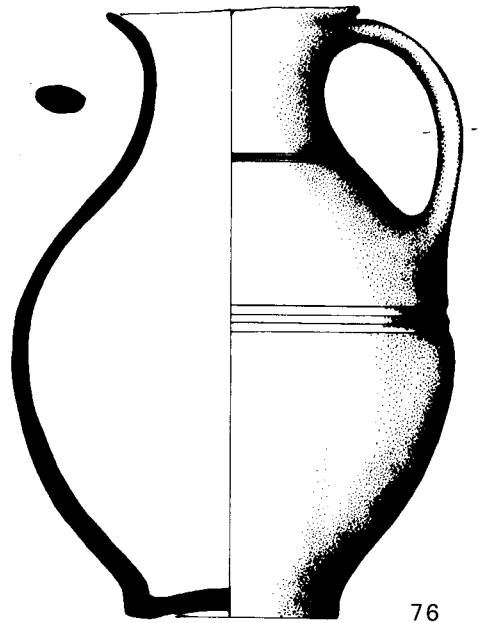


68

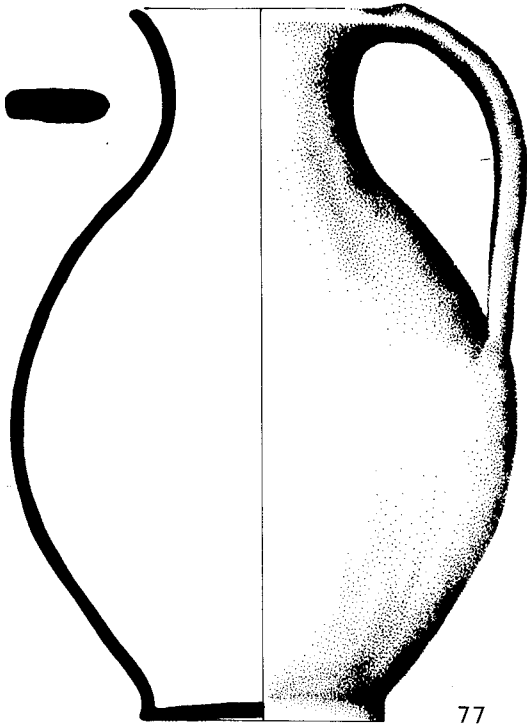




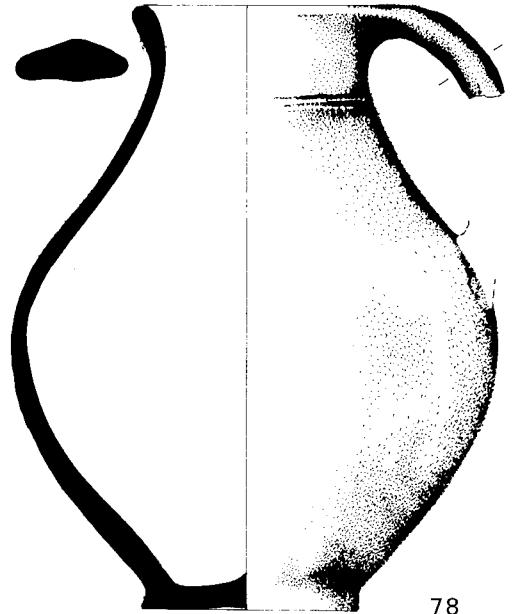
75



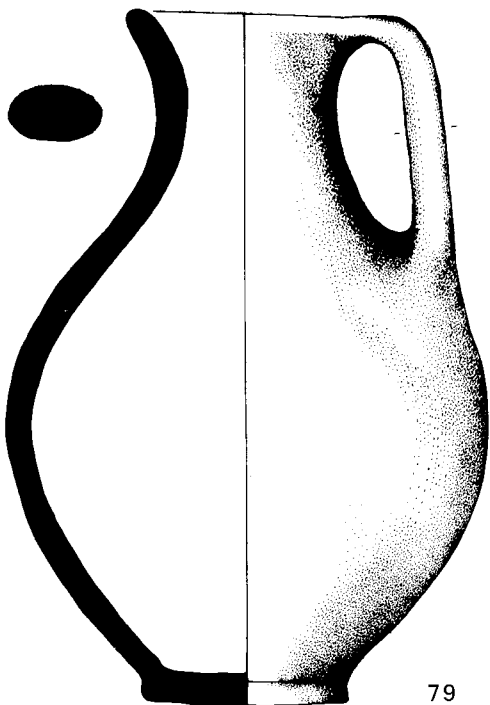
76



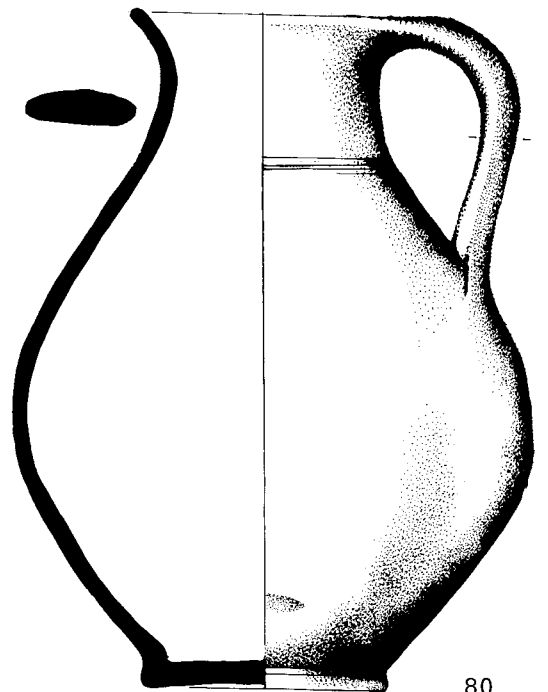
77



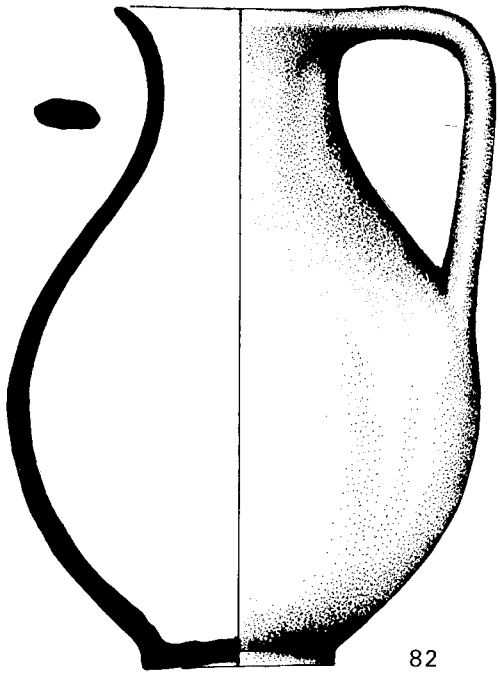
78



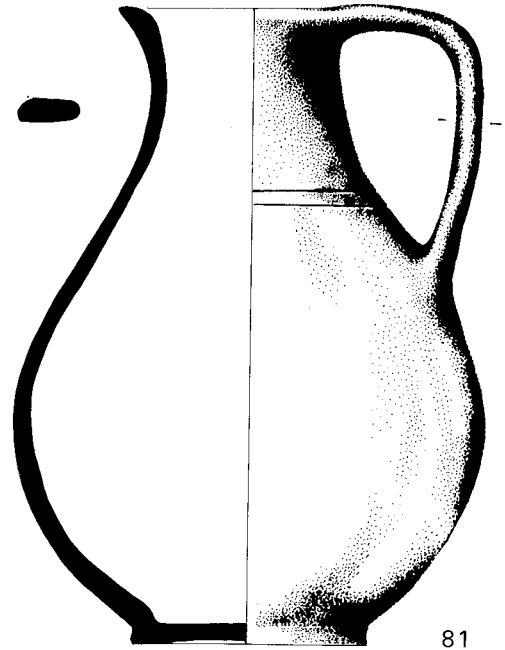
79



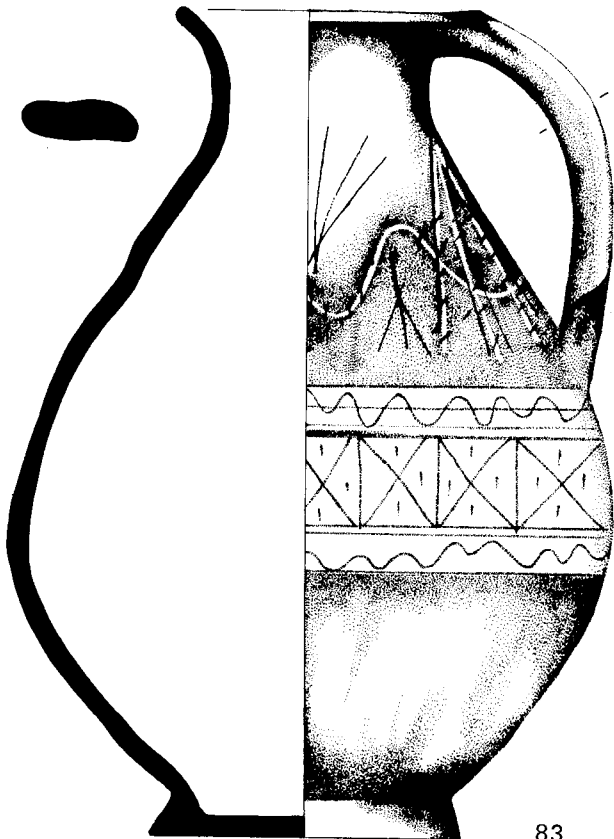
80



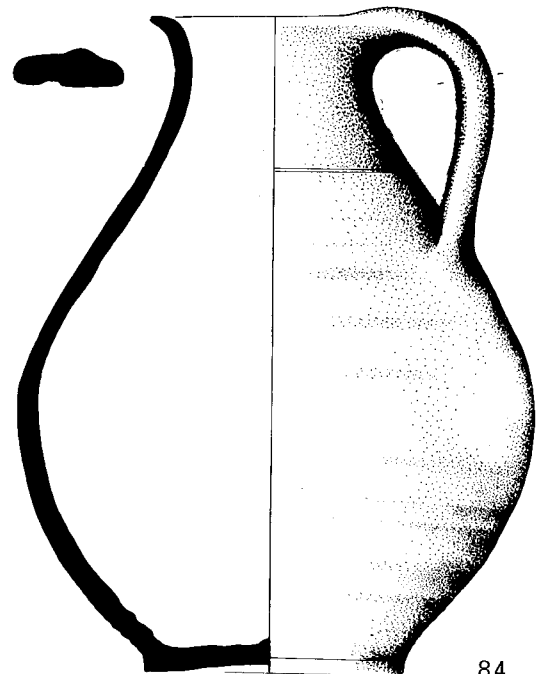
82



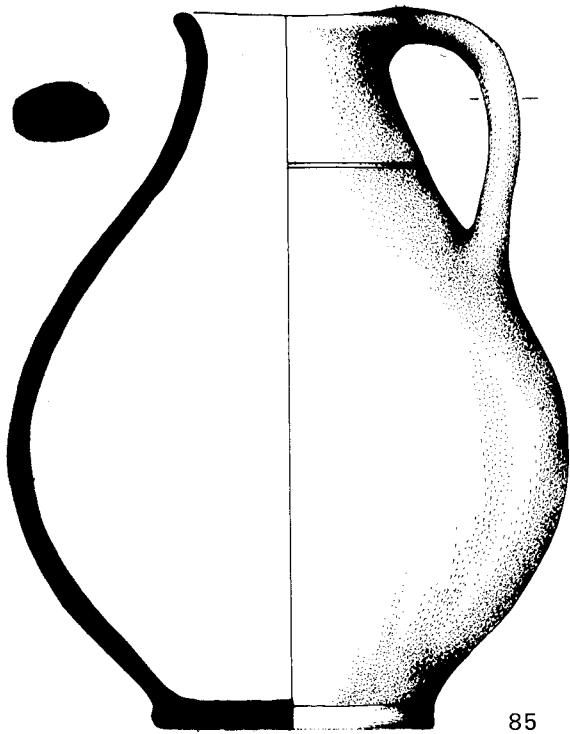
81



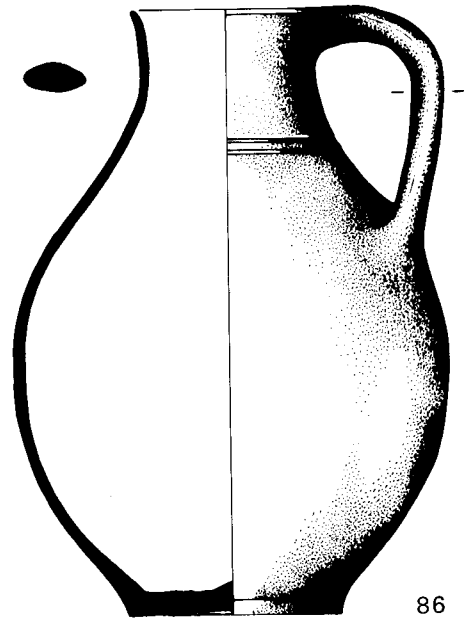
83



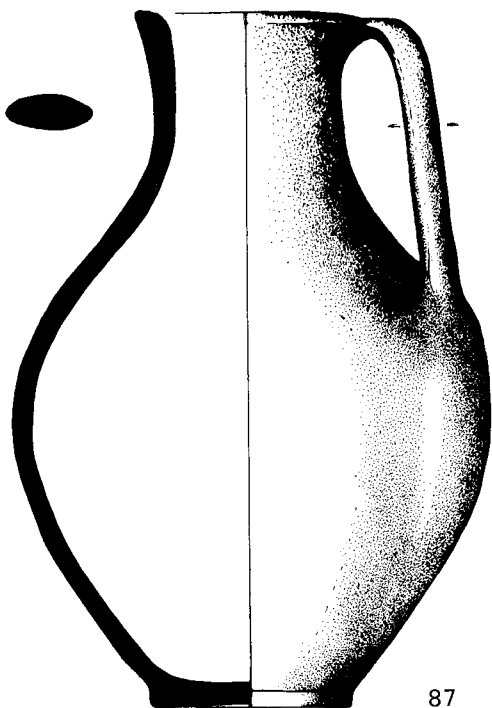
84



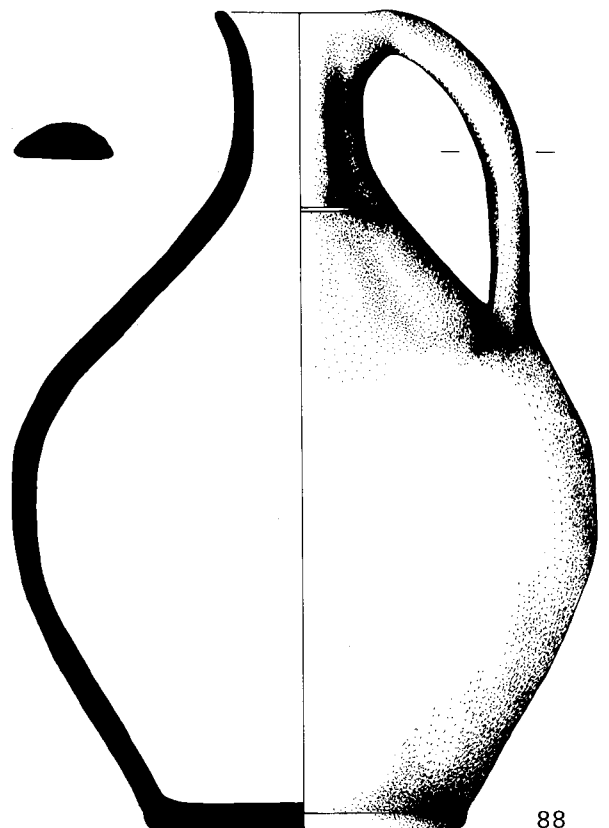
85



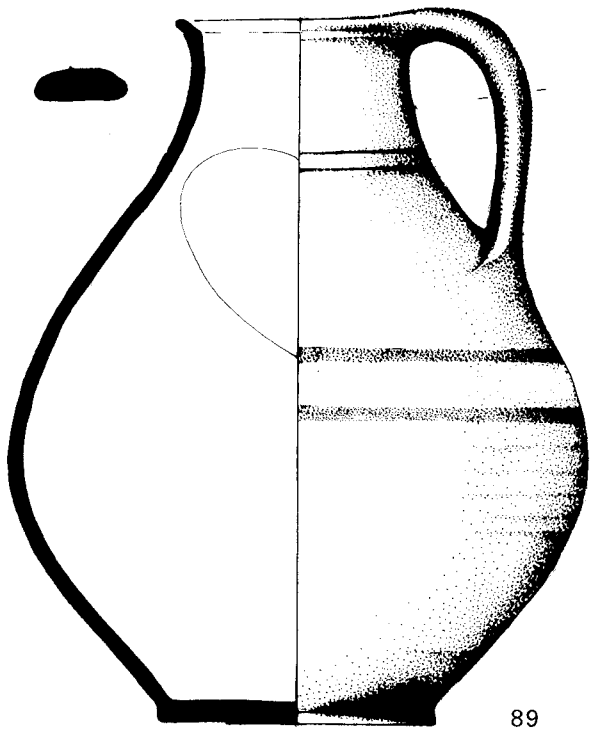
86



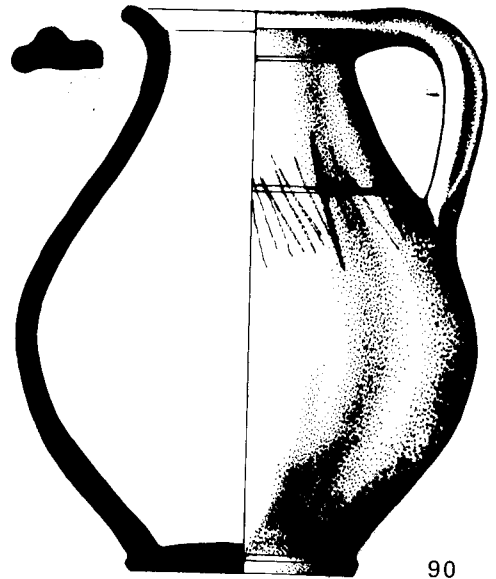
87



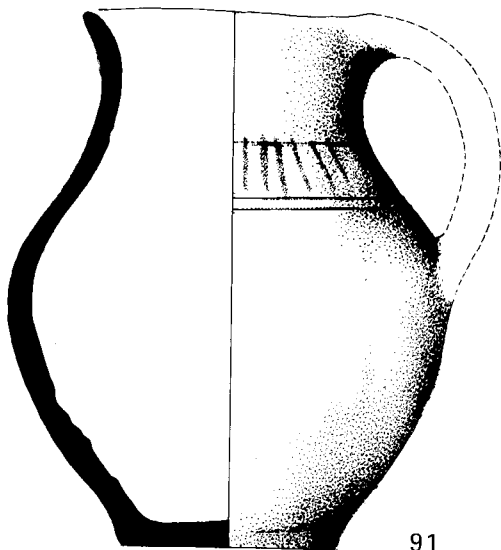
88



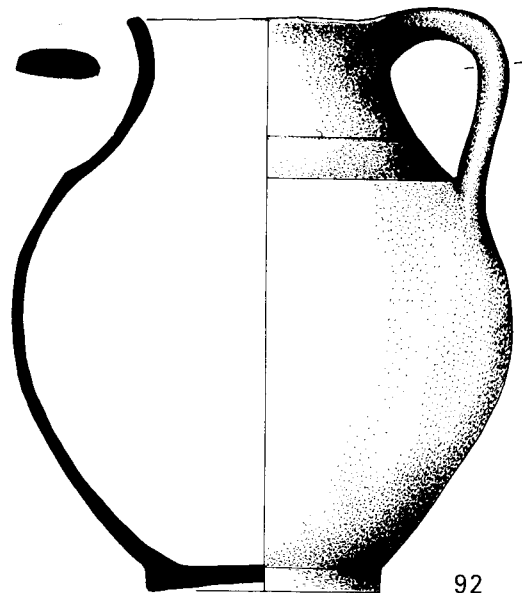
89



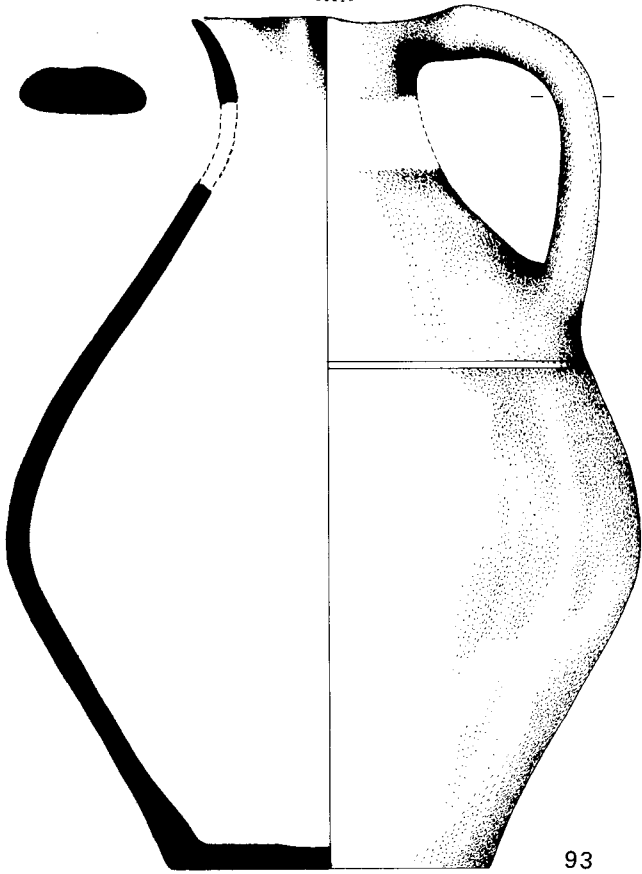
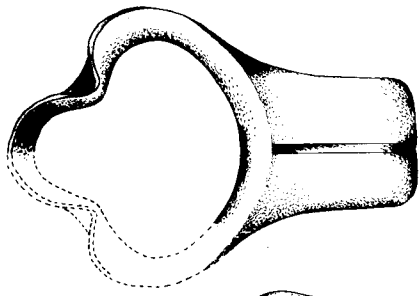
90



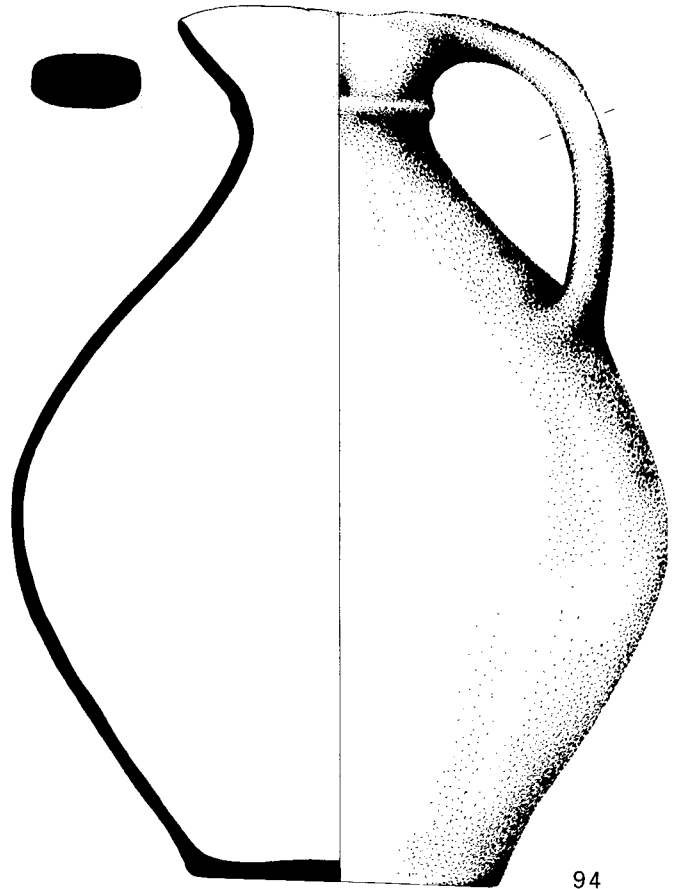
91



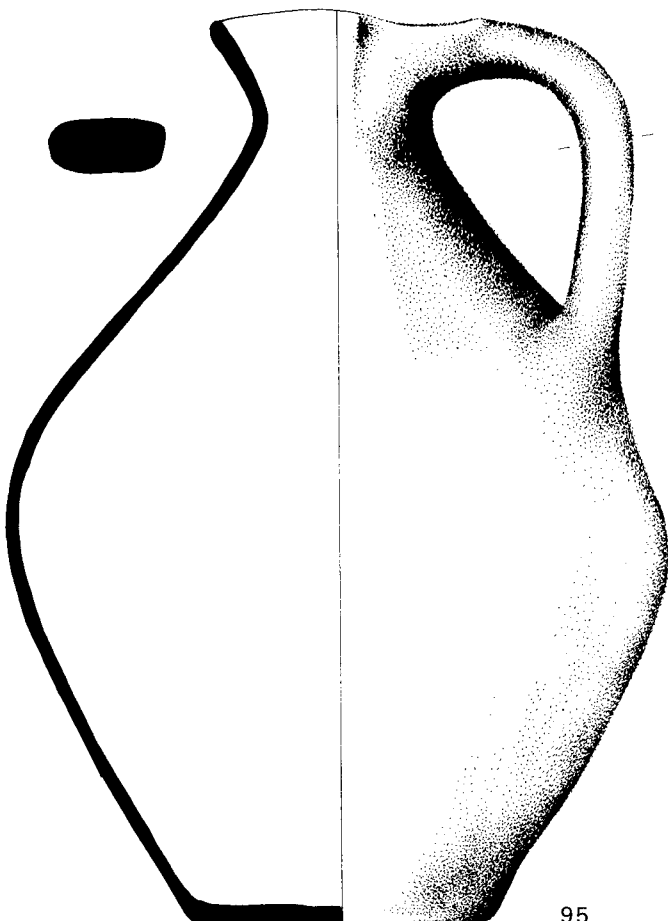
92



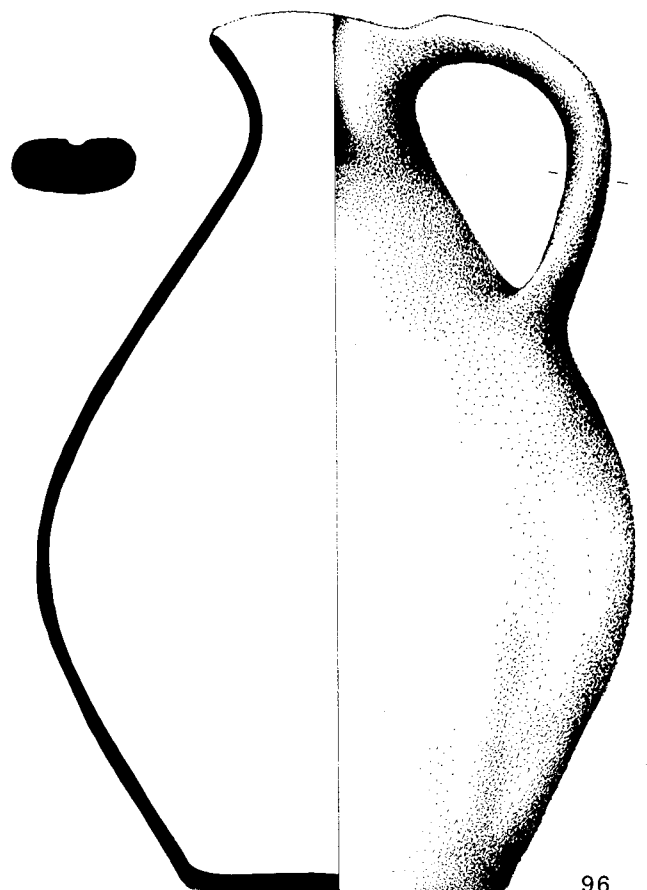
93



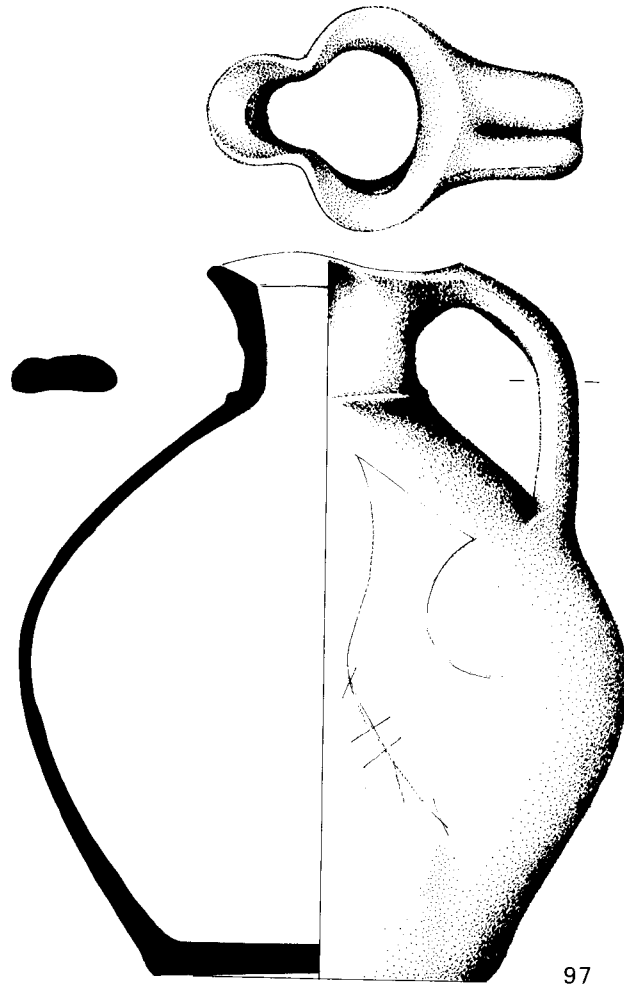
94



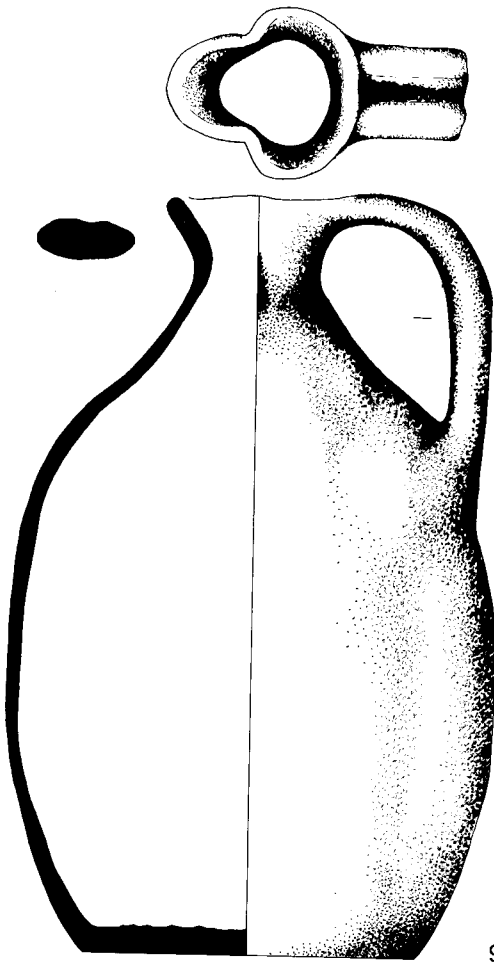
95



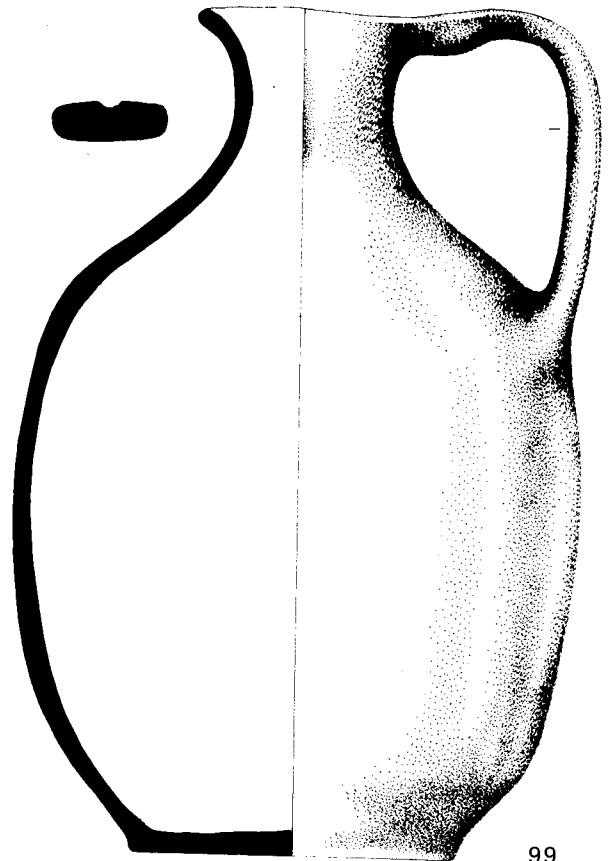
96



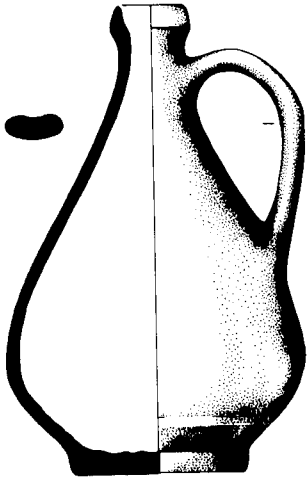
97



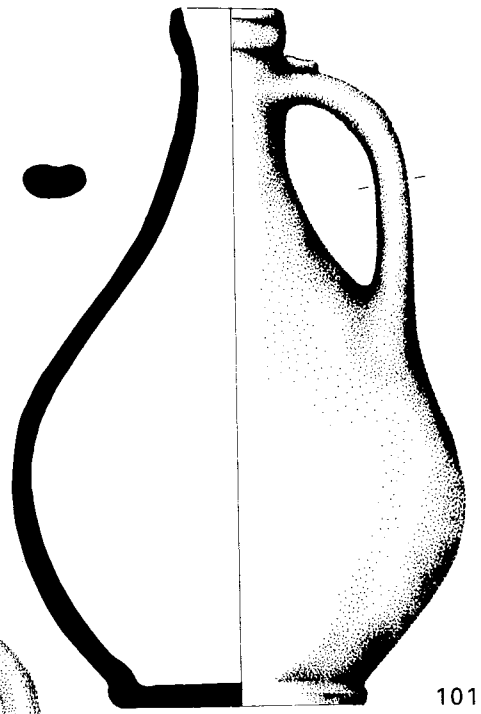
98



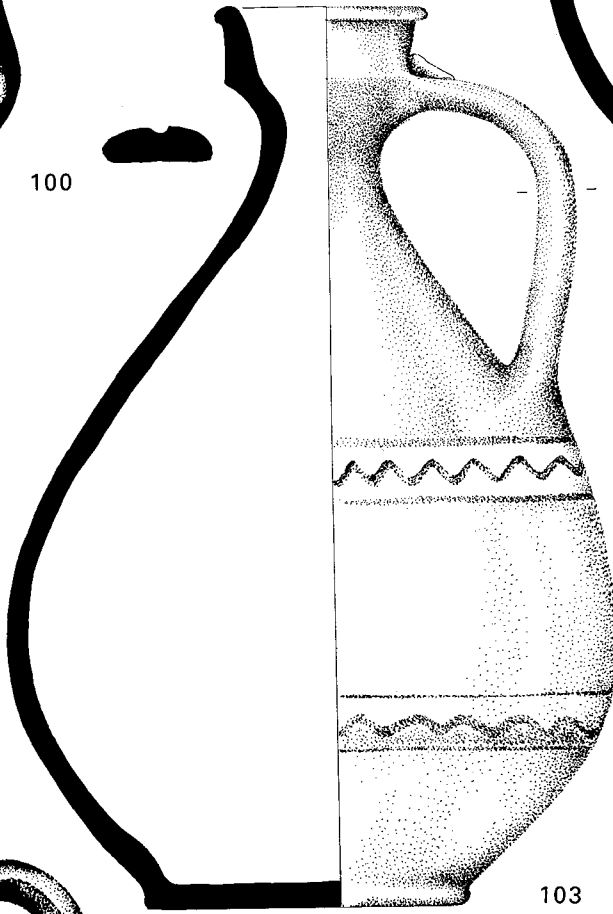
99



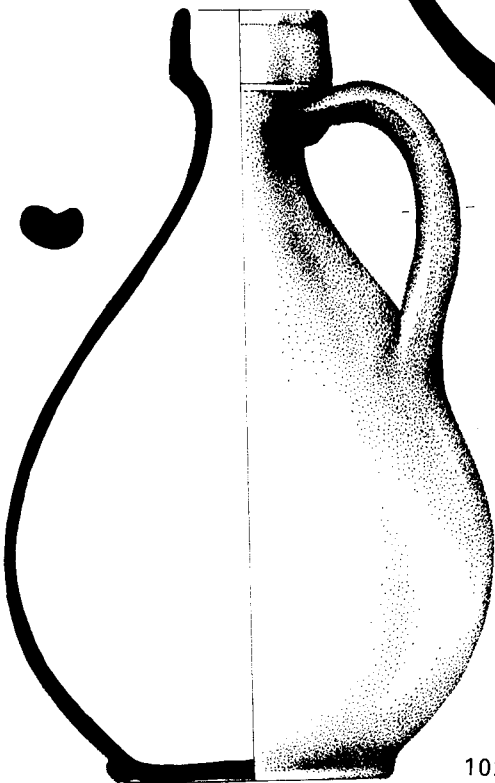
100



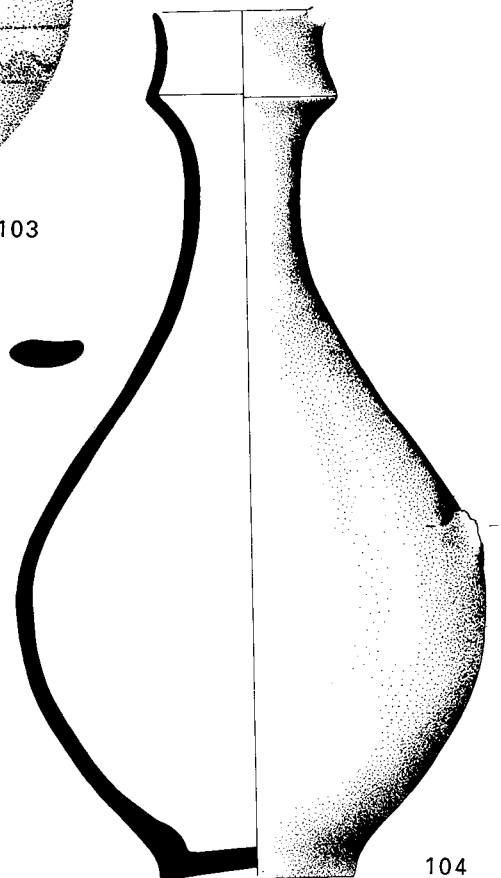
101



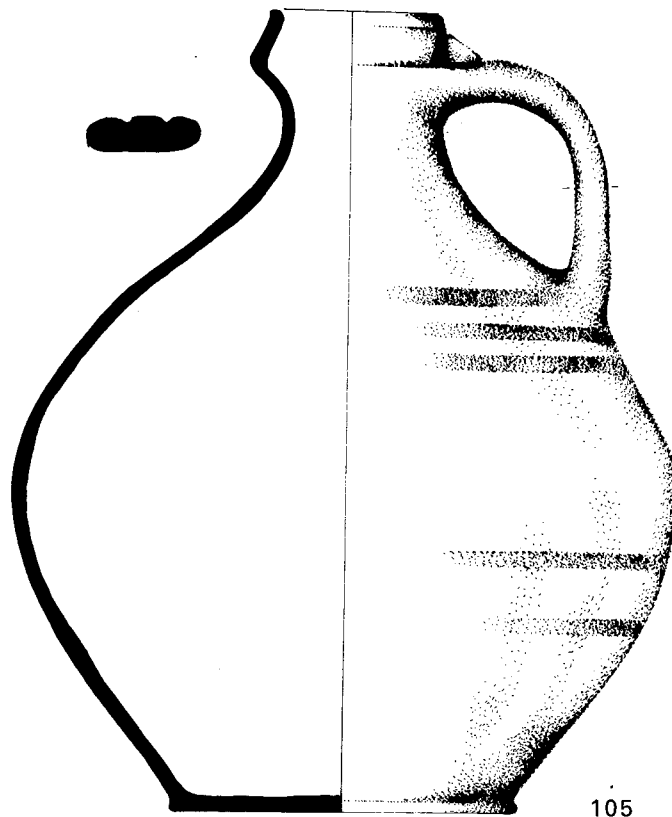
103



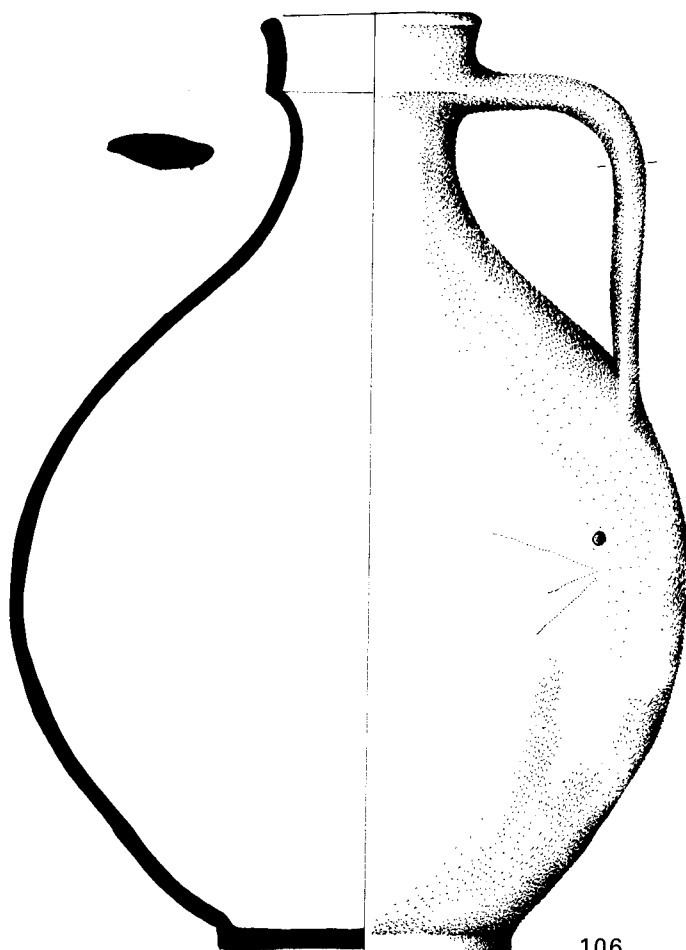
102



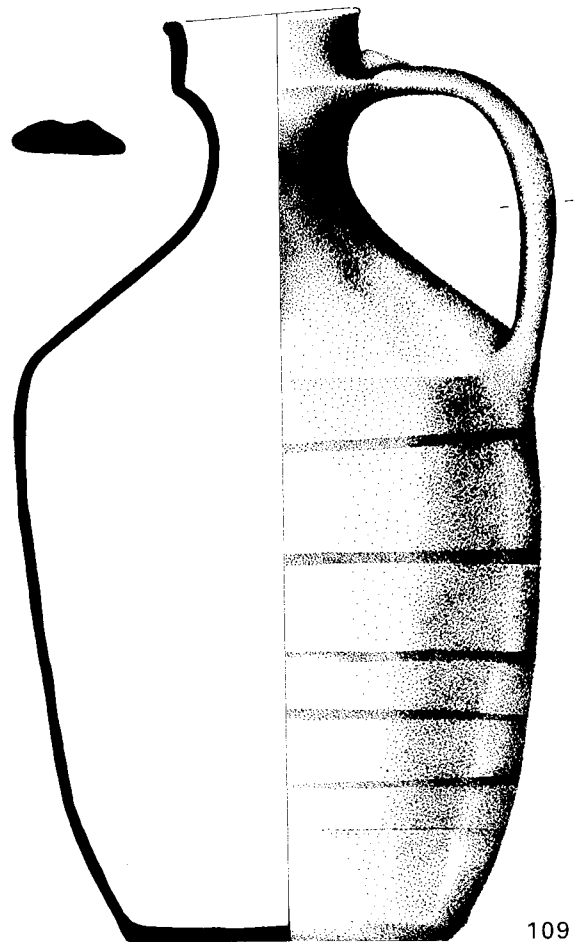
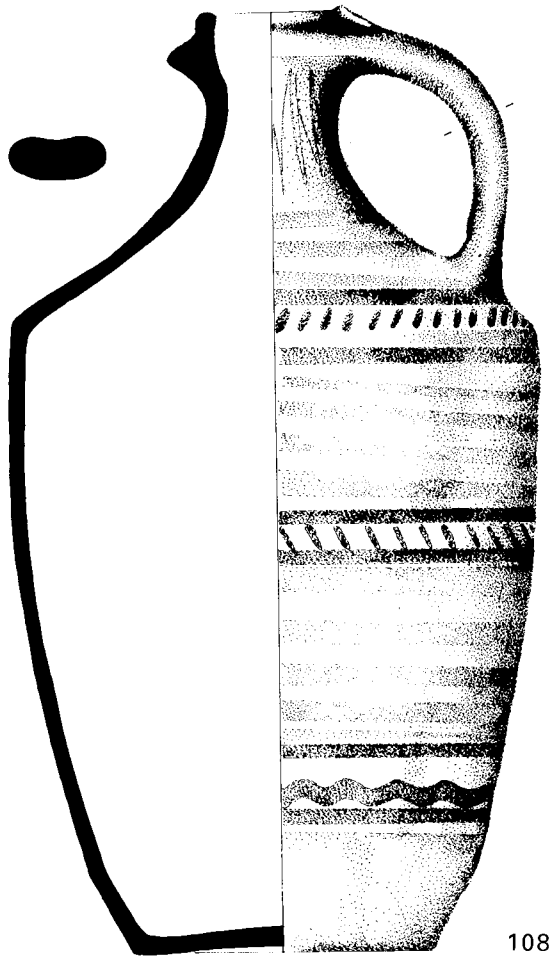
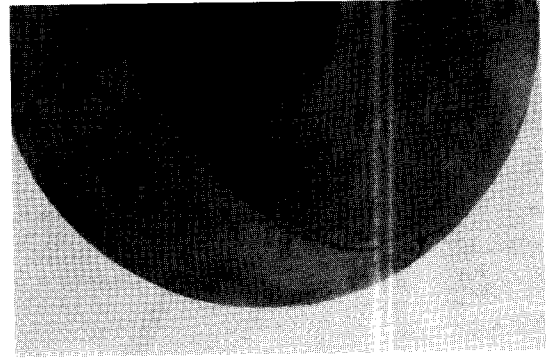
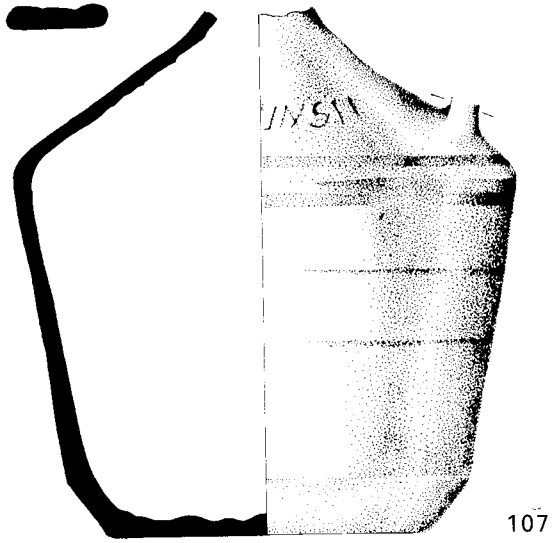
104

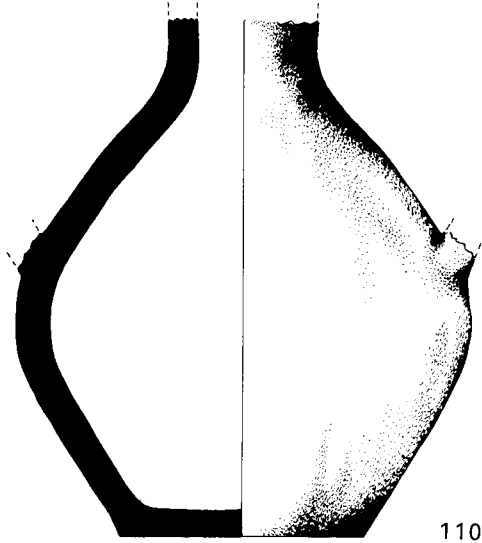


105

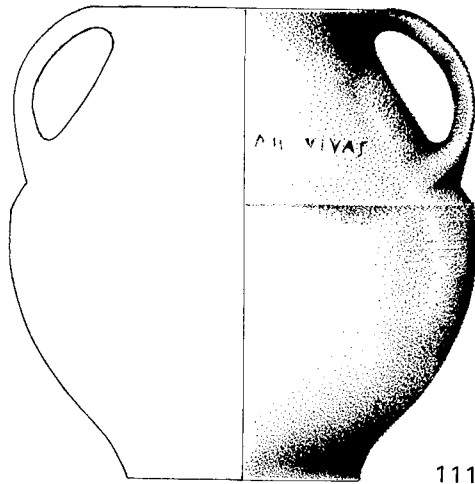


106



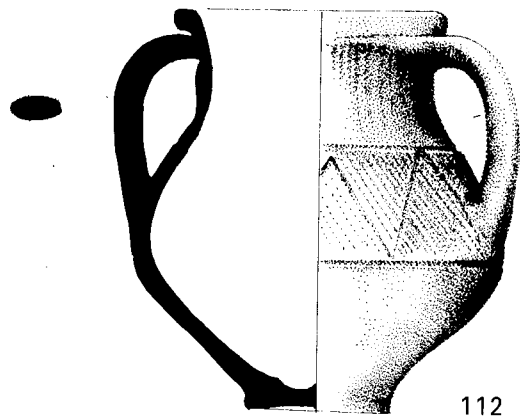


110

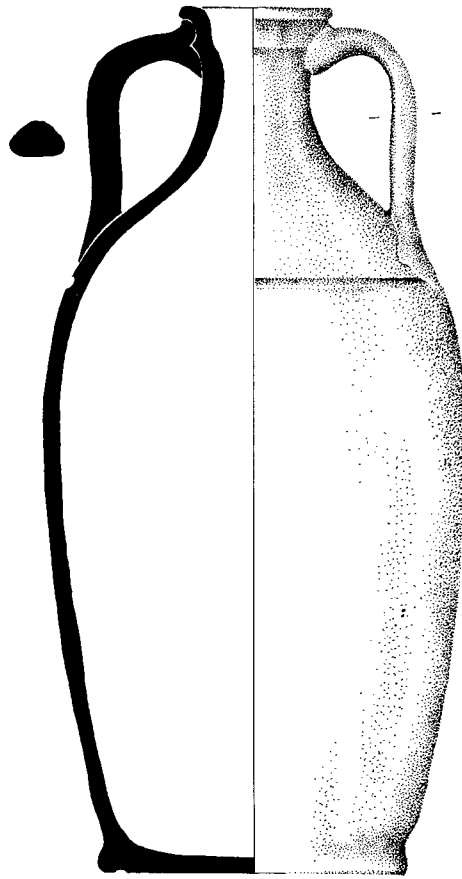


111

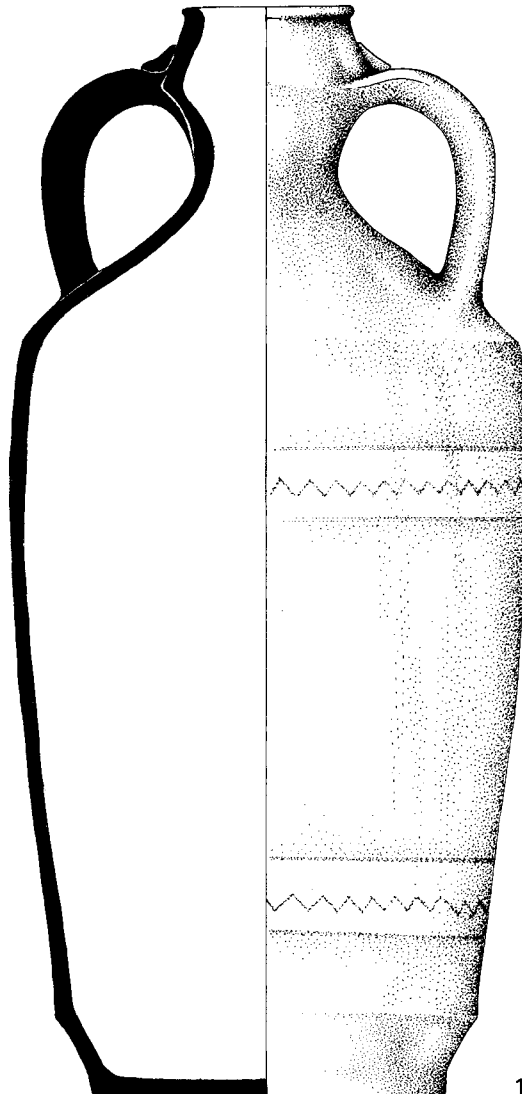
ΓΕΥΕΤΕ ΚΑΙ ΒΙΒΑΤΕ



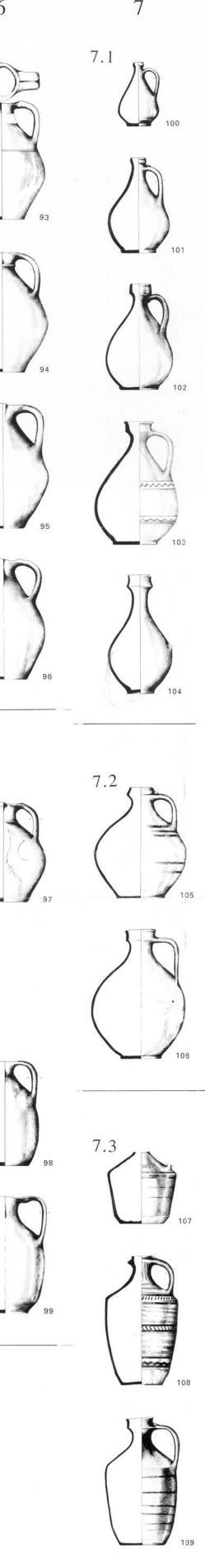
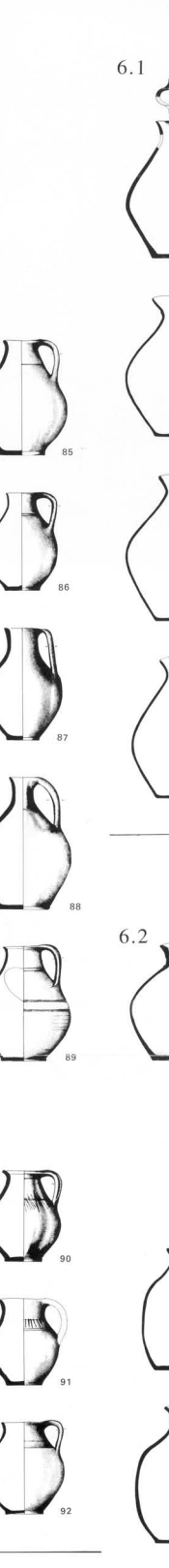
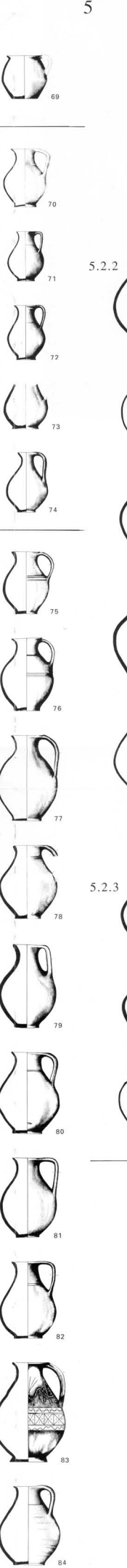
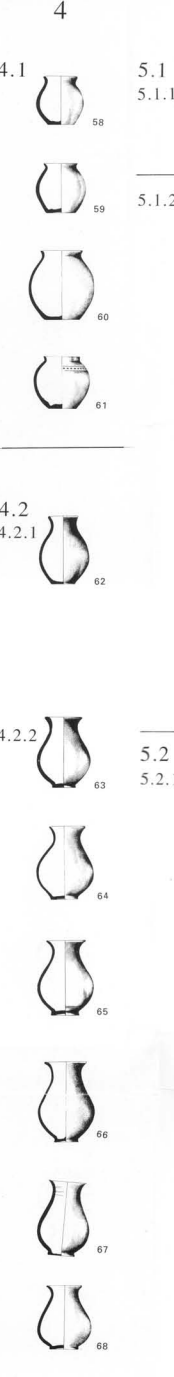
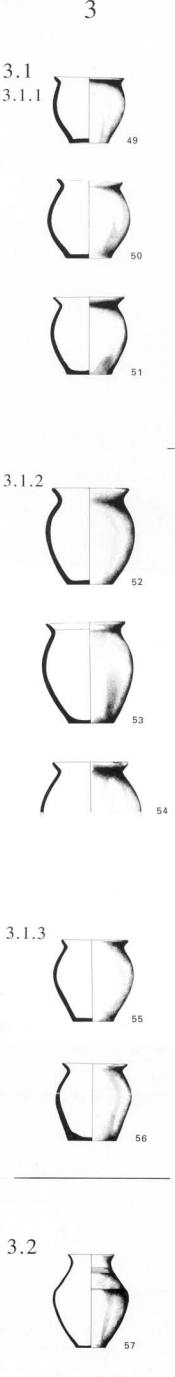
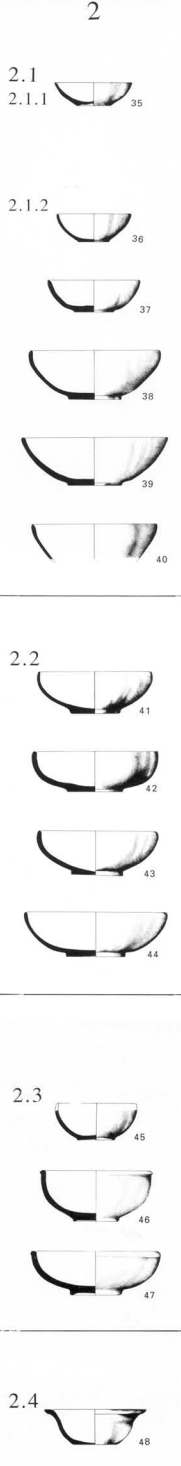
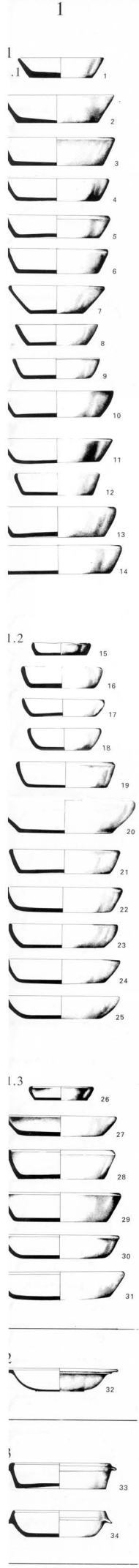
112

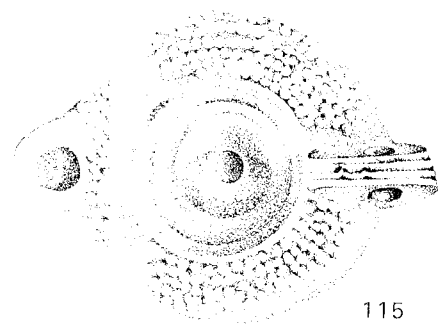


113

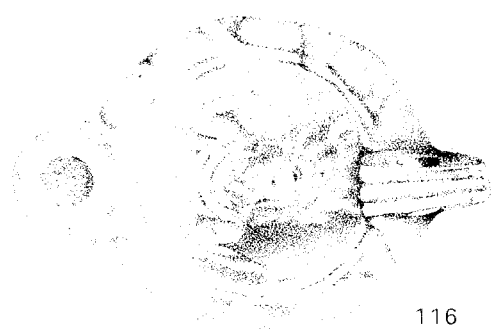
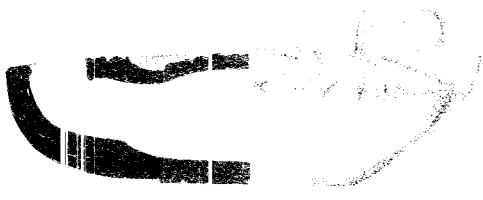


114





115



116

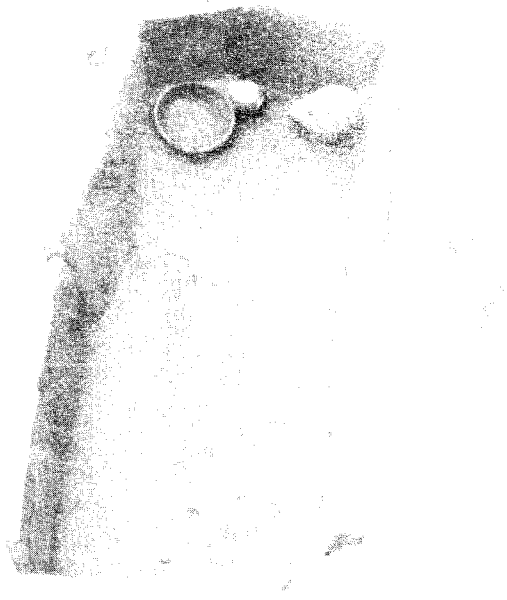


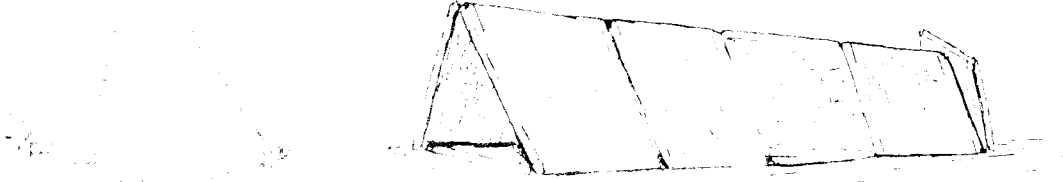
100

100

100

100



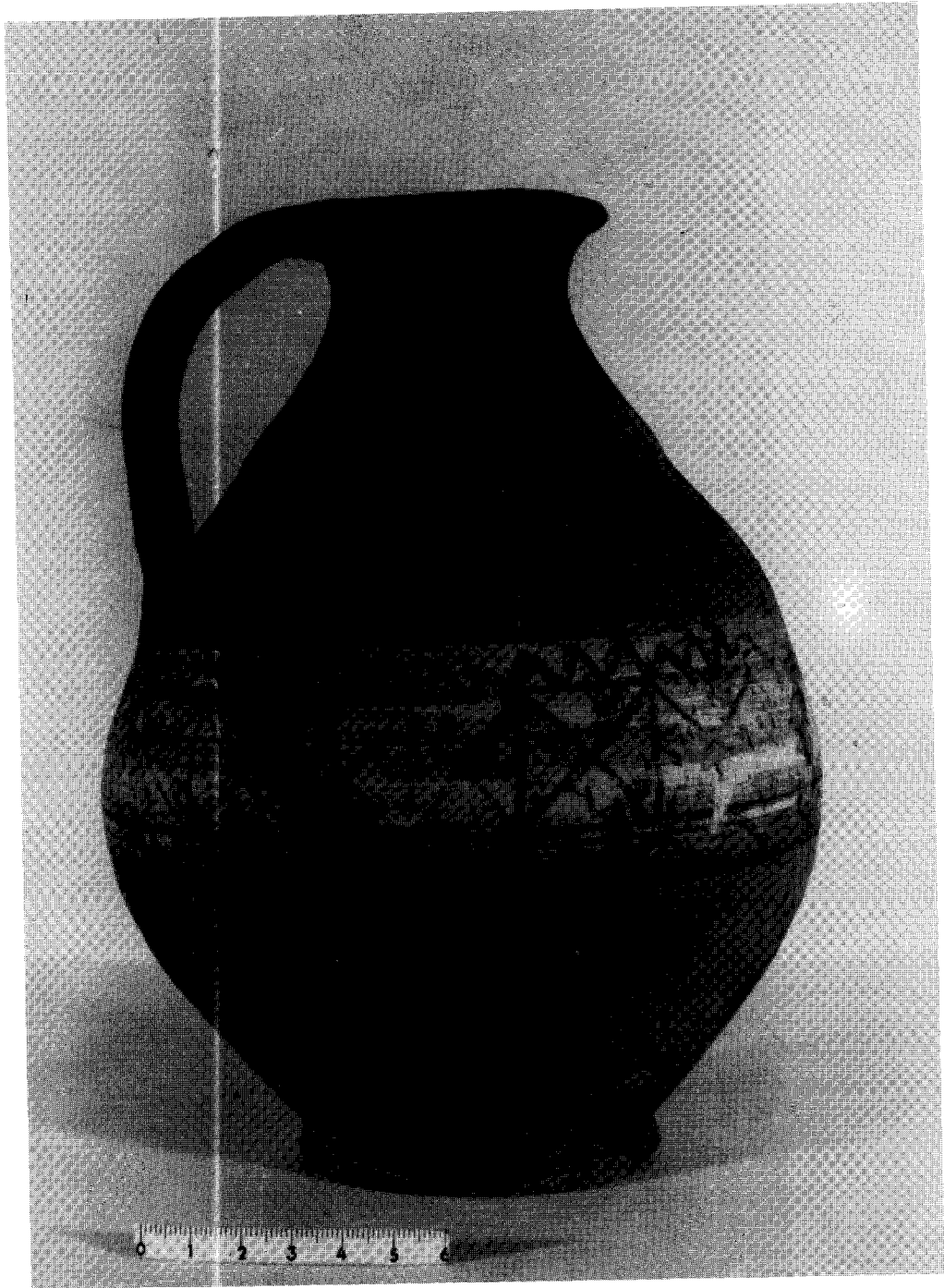


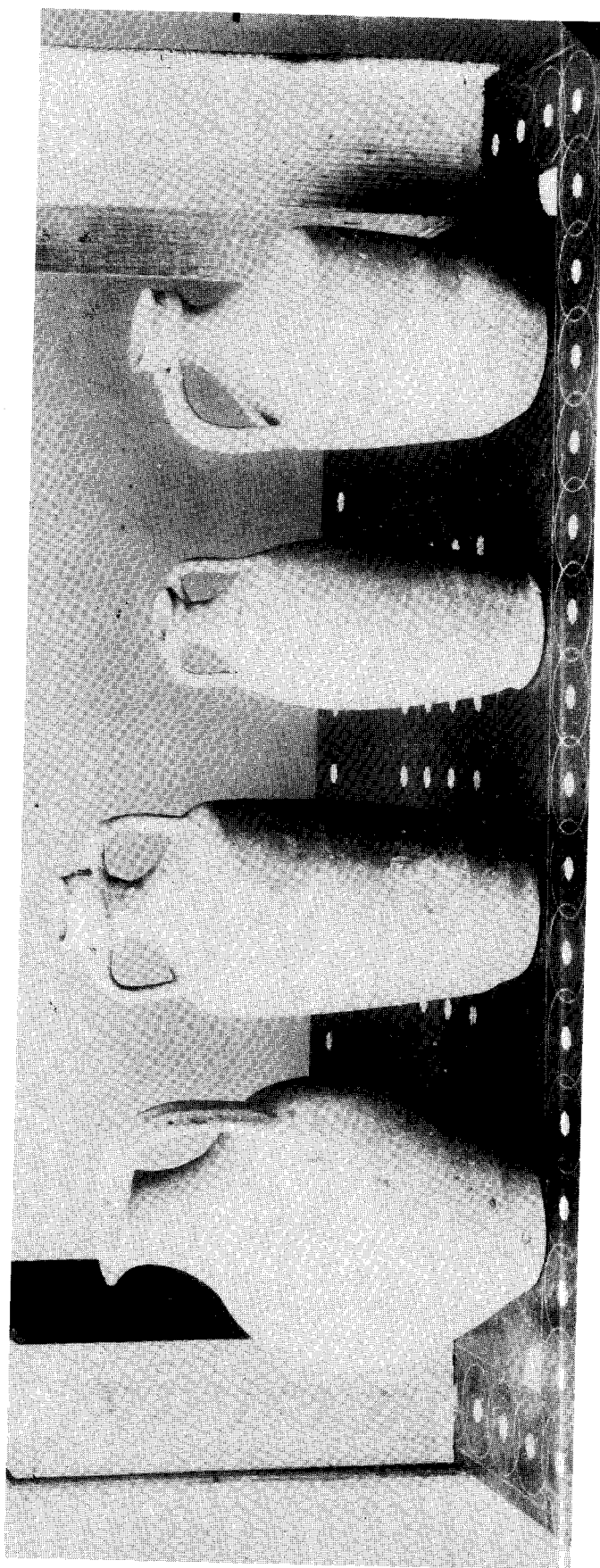
1



2







1 2 3 4